

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFOS.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 e 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O ministro da Defesa da Africa do Sul conferenciou com o Chefe do Governo que lhe ofereceu um almoço

O ministro da Defesa da Africa do Sul, que ontem chegou a Portugal, em visita oficial, avistou-se hoje com o Presidente do Conselho e titular da pasta da Defesa Nacional, sr. prof. dr. Oliveira Salazar.

O ministro Fouché chegou, de automóvel, à residência particular do Chefe do Governo, acompanhado do embaixador do seu país em Portugal, dr. A. H. Mertsch.

A entrevista com o prof. dr. Oliveira Salazar começou às 11 e 30 e terminou cerca de duas horas depois.

Entretanto começaram a chegar os convidados do Chefe do Governo para participarem no almoço em honra do ministro Fouché: ministros do Exército, da Marinha, dos Negócios Estrangeiros, e do Ultramar e secretário de Estado da Aeronáutica; chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas e chefe do Protocolo do Estado. No almoço participaram ainda o embaixador, e o secretário-geral da Defesa Nacional da Africa do Sul.

Os dois estadistas, após terem conversado durante largo tempo numa das salas da residência do Presidente do Conselho, dirigiram-se para um dos recantos do jardim onde continuaram a sua conversa, servindo de intérprete, o sr. José Manuel Fragoso.

Os restantes membros do Governo, por sua vez, dividiram-se em grupos conversando animadamente. Num deles, o ministro do Ultramar, com o general Gomes de Araújo e ainda num outro o secretário de Estado da Aeronáutica com o ministro do Exército, enquanto o titular da pasta da Marinha, conversava animadamente com o embaixador.

(Continua na página central)

MENSAGEM

de Kruchtchev para Kennedy

BERLIM, 4. — Kruchtchev dirigiu hoje, uma mensagem ao presidente Kennedy, por ocasião do Dia da Independência dos Estados Unidos, em que manifesta a sua esperança «em que os esforços mutuos dos dois governos, no sentido da resolução de problemas pendentes tenham sido abreviados pelo encontro de Viena».

Assina essa mensagem, além de Kruchtchev, o presidente Leonidas Brezhnev. — (A. N. I.).

Cangola esteve cercada durante três meses

LUANDA, 4. — Em entrevista concedida ao jornal «A Província», o administrador Américo Torquato Salvado descreveu como 56 civis da povoação da Cangola conseguiram escapar de morrerem queimados, por ocasião do ataque dos terroristas àquela sede de conchelo.

«Durante quase três meses vivemos cercados na residência da administração, com todas as comunicações cortadas, começou Torquato Salvado.

«Eramos 56 civis e alguns polícias. Numa extensão de 140 quilómetros, a estrada fora cortada por valas profundas e obstruída com arvôres.

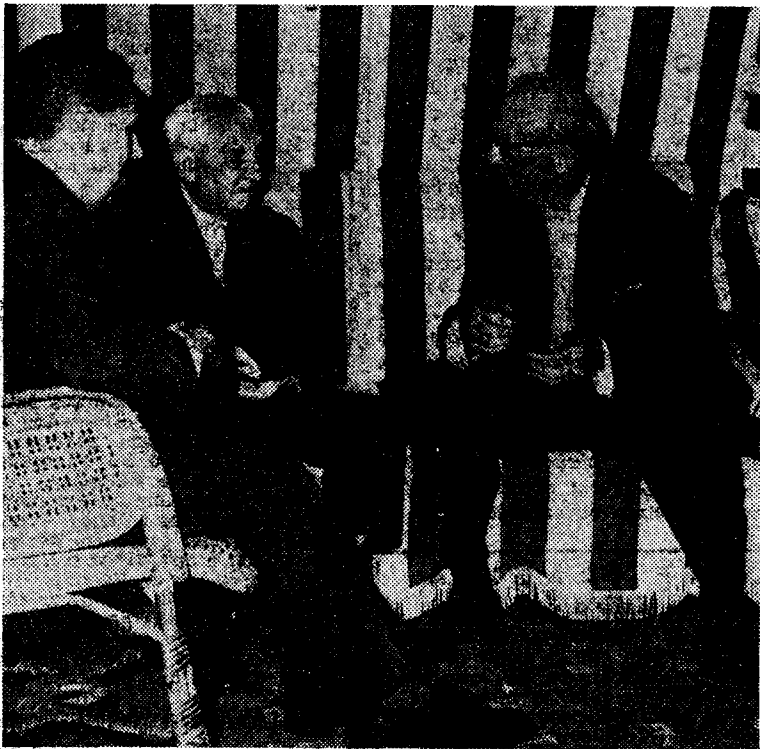
«Tentámos ainda sair da vila numa camioneta «blindada» a que chamávamos por graça o «Cavalo de Troia», mas para qualquer lado que nos virássemos éramos recebidos a tiro pelos terroristas.

«Nós insistíamos e por isso todos os dias havia escaramuças. Ainda lá temos o «Cavalo de Troia» com a carroçaria crivada de balas.

(Continua na 3.ª página)



Na Exposição Industrial da U. R. S. S. em Londres foi apresentada a moda russa, que o Ocidente considera «reaccionária». Mas Moscovo enviou à Grã-Bretanha sete escravas de beleza quase parisiense, sobranceiras desenhadas, cabelos cuidadosamente desgrenhados, madeixas sobre a testa, vestidos leves e coloridos. Não são, com certeza, casos vulgares da Avenida Gorky (os Campos Eliseos moscovitas), mas constituem um encontro da mulher russa com as técnicas mais recentes da maquilhagem e o espírito da moda que será burguesa, mas também deliciosa...



O Presidente do Conselho conversa com o ministro da Africa do Sul, na presença do intérprete que está à esquerda

Marrocos e Tunísia pretendem

o Saharâ francês

PARIS, 4. — Iniciaram-se hoje, em Rabat as conversações entre Farhat Abbas e o rei do Marrocos Hassan II, sobre o Saharâ francês, território que é objecto de reivindicações de ambas as partes.

Farhat Abbas, chegou ontem ao aeroporto de Rabat. Nas recentes conversações que teve em França insistiu que o Saharâ francês faz parte integrante da Argélia, o que está em contradição com os dirigentes da Tunísia, do Marrocos e do Mali que afirmaram por sua vez terem os respectivos países direitos nessa área.

Na Argélia estourou uma mina à passagem de um comboio a 12 kms. de Biskra. Não houve vítimas. Momentos depois, um camião militar que seguia para o local do atentado voltou-se devido à deflagração doutra mina, havendo dois mortos e um ferido.

Em Orão, terroristas atiraram uma granada para uma patrulha, no arrabalde de Lamur. Passados momentos, ouviram-se tiros nas imediações. Houve três feridos. Registaram-se mais duas explosões, durante a noite, na cidade, causando estragos materiais.

Em Argel estouraram duas cargas de plástico, de noite, em frente da residência do director-geral da Shell, no bairro de Saint-Raphael, assinalando-se grandes estragos.

O serviço de ordem é mantido pela Polícia e Legião Estrangeira. As autoridades proibiram os cortejos e manifestações para amanhã. (F. P. e A. N. I.).

Nota do dia

PORQUE E PARA QUE?

São cada vez maiores e mais incompreensíveis — têm-lo dito e repetido sem que até hoje a situação se modificasse — as dificuldades que os jornais encontram pela frente para cumprir cabalmente a sua missão, já não diremos de crítica ou de comentário aos factos, mas até de simples informação. Um exemplo, entre mil que podíamos citar, basta para pôr os leitores ao corrente do que se passa. Quando pretendíamos, ontem, obter os nomes completos dos tripulantes do avião que se despenhou no mar, ao largo da praia de Santa Cruz, não nos foi possível consegui-lo, tanto na repartição competente como na unidade a que pertenciam os dois aviadores. Todas as portas se fecharam herméticamente, como se um inviolável segredo de Estado envolvesse a identidade das vítimas. E tivemos de nos limitar a dar apenas os apelidos, que um oficial compreensivo do gabinete do secretário de Estado da Aeronáutica amavelmente nos forneceu. Outros colegas foram mais felizes do que nós e puderam informar os seus leitores — ignoramos a que fontes de informação recorreram, porque nós esgotámos todas as fontes possíveis — por forma mais completa, pelo menos com respeito à identidade dos aviadores. O livre acesso à informação, pelo qual lutamos há tanto tempo sem resultado, continua, como se vê, a ser um mito entre nós. O primeiro impulso das pessoas e das entidades que têm na mão a chave do segredo é de se fecharem em copas (perdêem-nos o plebeísmo) e de não dizerem aos jornais uma palavra sobre factos que se tornaram públicos e notórios, contribuindo deste modo para que a informação seja incompleta e, por vezes, errada — sem que se nos possa atribuir a culpa. Haverá — perguntamos mais uma vez — alguma justificação para que este estado de coisas continue?

A Secretaria do Comércio tomou firmes providências para reprimir a especulação à margem dos novos impostos

Adentro do nosso sistema fiscal — antiquado, sob determinados aspectos, em relação a muitos outros países onde se procura, por uma contribuição progressiva, estabelecer uma distribuição mais justa da carga tributária — causou alguma surpresa a criação dos novos impostos, nomeadamente no que se refere aos artigos de consumo. O condicionalismo emergente de agudos problemas ultramarinos tornou imperiosamente necessário tomar essas disposições, que, de algum modo, por um certo contraste com o sistema tradicional, vieram chamar mais uma vez a atenção para o regime tributário vigente e cuja remodelação é, aliás, há muito objecto de estudo. Se bem que, quanto a alguns artigos classificados como de luxo pelos diplomatas, possa discutir-se o seu maior ou menor grau de superfluidade, uma coisa é certa: deu-se um passo em frente em matéria de estabelecimento de impostos, procurando-se cobrar mais aqueles que mais podem pagar. Cita-se, a propósito, o que se passa na Inglaterra, onde, para proteger as exportações, manter altos salários e promover um maior rendimento nacional, além dos impostos progressivos, existe um severo sistema de tributação dos artigos de luxo que abrange tabacos, bebidas alcoólicas, muitos artigos de vestuário e virtualhas de requintado sabor e de altos preços. E' curioso,

por exemplo, saber-se que o «whisky» é mais caro em Inglaterra do que em Portugal.

Torna-se indispensável ter presentes estas circunstâncias, perante determinadas reacções que se estão a verificar e que exigem a mais rigorosa fiscalização, para que não sejam afectados, contra o espírito que ditou os diplomas agora publicados, precisamente aqueles que já estão em certa debilidade económica. A verdade é que não se registou qualquer aumento nos artigos de primeira necessidade. Só a certos especuladores e a pessoas mais afectadas (que fazem o exaustivo consumo de produtos superfluos) pe-

(Continua na página central)

Visado pela
Comissão de Censura

Diário de Lisboa

PUBLICA HOJE

20

PAGINAS

nas quais se inclui

«ÉXITO»

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Terça-feira, 4 de Julho de 1921 —

A situação em Angola

(Continuação da 1.ª página)

«Finalmente, na madrugada do dia 3, deu-se o assalto à povoação. Cerca de quarenta terroristas, com latas de gasolina, acercaram-se da residência, a coberto do nevoeiro. A frente do grupo, que, entretanto, entrara já no jardim da casa, vinha o feitiço, entoando um cântico lugubre, ao qual respondiam em coro os numerosos terroristas que continuavam escondidos, à espera do sinal para atacar.

«O feitiço trazia fórforos para lançar fogo à gasolina, uma vez derramada pela casa, mas não teve tempo para o fazer. Através de uma janela, conseguimos acertar um tiro no feitiço. Os outros, que o acom-

panhavam, debandaram e do enorme bando que se encontrava escondido rompeu um tiroteio cerrado contra a residência.

«Saímos para o jardim e ripostámos, conseguindo pô-los em fuga, deixando cinco mortos e um ferido no terreno».

Contou também o administrador Torquato Salvado que os feitiços pintam na cara dos terroristas sinais cabalísticos que, segundo afirmam, transformarão as balas dos brancos em água. Vendem também aos terroristas, por duzentos escudos cada, pequenos pauzinhos mágicos que se destinam a ser amarrados nas espingardas. Essas informações foram obtidas por intermédio do terrorista ferido, que foi capturado. — (A. N. I.).

A mudança de tática nos assaltos em Angola

LUANDA 4 — As notícias que se têm recebido nos últimos dias acerca das actividades dos terroristas no Norte da Província — distritos do Congo e do Cuanza-Norte — mostram claramente que estes estão a adoptar novas táticas e, sobretudo, a aplicar um esquema de terrorismo que de forma alguma pode ser apenas concebido por cabeças de pretos pouco evoluídos.

Esta mudança de tática encerra para nós uma conclusão honrosa e animadora — eles reconhecem que perderam a primeira batalha desta guerra bárbara que nos foi imposta. Essa primeira batalha era a batalha do terrorismo e do pânico generalizado, que lançaram com fulminante decisão e incrível ferocidade na primeira semana dos acontecimentos.

No Congo ex-belga, bastaram oito dias de terrorismo para expulsar dali, praticamente, todos os belgas e a maioria dos outros estrangeiros de raça branca, excepto os portugueses. Mas esses oito dias de terrorismo não chegaram a provocar uma centena de mortos ou vítimas de sevilias graves e irremediáveis — ao passo que em Angola só a primeira semana de terrorismo custou a vida a mais de seiscentos europeus — homens, mulheres e crianças — e muitos outros continuaram depois a cair, e continuam ainda, embora já muito raramente, por ataques de surpresa, pois agora é sobretudo o sangue generoso dos soldados que se verte, para pôr cobro a esta onda de selvajaria primitiva.

Foi, porém, indiscutivelmente a heroica determinação dos civis que salvou Angola no primeiro mês dos acontecimentos. O êxodo das populações apenas abrangeu mulheres e crianças, cujas vidas era humano pôr a salvo, até porque a sua presença nos locais de acção só servia, na generalidade, para limitar as iniciativas dos homens válidos.

Aqueles que, na Metrópole, viam chegar alguns navios com refugiados de Angola terão feito uma ideia errada, se porventura chegaram a supor que os Portugueses abandonavam esta Província a uma sorte fácil de avaliar. E uns tantos indivíduos que seguiram nesses transportes, ou porque já tivessem viagens preparadas antes dos acontecimentos, ou porque iam tratar da saúde, ou mesmo por pusilanimidade, não podem de modo algum justificar a impressão de um abandono, que não se deu, nem se dará.

Os que no exterior dirigem os terroristas que operam em Angola devem ter-se convencido definitivamente desta verdade, cuja afirmação possivelmente teriam tomado como bravata ou «slogan» propagandístico, mas que os factos lhes têm demonstrado ser realidade indelével.

A determinação dos civis

Essa firme determinação da população civil encontra-se hoje plenamente consolidada, à medida que vão chegando e entram em acção mais contingentes de tropas vindas da Metrópole, e que vai sendo possível restabelecer as comunicações, recuperando posições que haviam sido evacuadas e assim reafirmando, enfim, a presença dos Europeus e o restabelecimento da ordem e da autoridade sobre as terras submetidas ao jugo terrorista.

Tudo isso significa desde já que o terrorismo perdeu a primeira fase da batalha. Mas ele não desarma, e sem transição encetou já a segunda batalha, que poderemos chamar

Um comunicado da Agência-Geral do Ultramar

Da Agência-Geral do Ultramar recebemos o seguinte comunicado:

«A Agência-Geral do Ultramar informa que ao Ministério do Ultramar têm chegado, por várias vias e pelas mais diversas formas, as queixas, protestos e reclamações que algumas organizações e missionários protestantes têm julgado útil formular a propósito do afastamento de alguns daqueles missionários dos locais do Norte de Angola, onde habitualmente exerciam as suas actividades. Nem sempre o tom e o meio escolhido para essas queixas, reclamações e protestos se têm afigurado como os mais próprios, e pode até dizer-se que factos recentes poderiam facilmente levar a concluir que algumas organizações e pessoas ligadas às actividades protestantes estão mais directamente empenhadas em campanha contra as autoridades portuguesas do que propriamente no êxito da sua actividade evangelizadora.

«Isto não obsta a que se esclareça que as determinações emanadas das autoridades de Angola no sentido de se encerrarem as missões protestantes que se situam em zonas abrangidas pela actividade dos terroristas — determinações que abrangem também as missões católicas — obedeceram a preocupações de segurança e visaram a acautelar as vidas dos missionários que nessas zonas se encontravam. Conhecidos como são os objectivos dos terroristas de não pouparem quem com eles não colabore nos seus crimes e atrocidades — e o bárbaro assassinio dos padres Angelo Graziane e Piero Giovani — disse flagrante testemunho — afigurou-se conveniente evacuar os locais que mais facilmente poderiam por eles ser atingidos até que as medidas de defesa e segurança, actualmente em curso, pudessem, efectivamente, garantir o recomeço das actividades normais.

«Não tendo as autoridades portuguesas, até hoje, conhecimento de quaisquer razões concretas que pudessem levar a garantir que aos missionários protestantes seria reservado um especial e favorável tratamento por parte dos terroristas, não se viu motivo para os excluir das medidas de segurança, que, de uma forma geral, foram adoptadas em relação a outras organizações e pessoas».

EM TRÊS LINHAS

Pelo Ministério do Ultramar foram abertos créditos destinados a reforçar verbas consignadas ao programa de execução do II Plano de Fomento e inscritas na tabela de despesa extraordinária do orçamento geral em vigor na província de Moçambique e no Estado da Índia.

Milhares de contos de prejuízos resultaram dos assaltos a nove fazendas de Angola

LUANDA, 4. — Os terroristas continuam os seus ataques a fazendas isoladas, no prosseguimento da sua tática de destruição, como tentativa para abalar a economia da Província e dificultar a sua recuperação.

Ontem, foram assaltadas nove fazendas, seis das quais na região de Carmona e três no distrito do Cuanza Norte, entre o Quiaje e o Camônguá. No total, registaram-se milhares de contos de prejuízos e sete trabalhadores bailundos mortos.

Chefe do gabinete do ministro das Corporações

O sr. dr. Guilherme Filipe de Menezes Fontes foi nomeado chefe do gabinete do ministro das Corporações.

Maior conforto no uso de Dentes postiços

Eis a maneira agradável de evitar o desconforto de uma placa solta. DENTOFIX, um pó especial que se polvilha nas placas superiores e inferiores, fixa as mesmas firmemente, de modo a dar maior conforto. Evita aquela sensação gomosa e pastosa tão desagradável. É alcalino (não ácido). Não magoa. Elimina o mau hálito das dentaduras. Adquirir hoje mesmo Dentofix em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.

Uma nota oficiosa do Ministério dos Negócios Estrangeiros responde às acusações sobre os acontecimentos em Angola

O Ministério dos Negócios Estrangeiros enviou-nos a seguinte nota oficiosa:

«Desde há semanas que alguns meios políticos internacionais e determinadas seitas religiosas ou organizações missionárias estrangeiras abriram uma campanha contra Portugal a propósito de Angola, formulando acusações de «bárbara repressão», de «extermínio deliberado de populações» e de prática de «atrocidades e horrores» pelas forças portuguesas. Essa campanha, que tem promovido reuniões públicas e procedido à angariação de fundos, está a ser acolhida por certos órgãos da imprensa internacional, e tem encontrado reflexo ou é estimulada por alguns homens públicos estrangeiros, que, por motivos políticos próprios, a aproveitam e exploram com intuito partidário. Além de relatos anónimos ou menção de hipotéticos factos isolados, que, aliás, logo fundamentam generalizações, em nenhum caso foram apresentadas provas das acusações, sem que esta circunstância impeça, no entanto, que as mesmas sejam proferidas e publicadas, e com extrema violência e emoção.

Perante o que antecede, julga-se o Governo Português no direito e no dever de afirmar o que segue.

Não têm qualquer fundamento as acusações de bárbara repressão. Não têm qualquer fundamento as acusações de extermínio deliberado de populações. Não tem qualquer fundamento a alegação de que pelas forças portuguesas estão a ser praticadas «atrocidades e horrores». O Governo Português, por isso, nega com a maior firmeza e repudia com o maior vigor todas as afirmações ou sugestões no sentido acima. Na realidade, os acontecimentos verificados na região ao Norte de Angola, e as medidas tomadas pelo Governo e pelas autoridades locais, situam-se num quadro inteiramente diverso. Contra aldeias, pequenas cidades ou fazendas isoladas têm dirigido os terroristas os seus ataques, e fazem-no em grupos ou bandos numerosos. Antes da chegada das forças públicas, chacinaram, violaram e espartilharam homens, mulheres e crianças de todas as raças; saquearam e incendiaram propriedades e bens; e pela tortura e assassinio intimidaram a população em vilas e aldeias, forçando-a a segui-los. Muitos, principalmente mulheres e crianças, se refugiaram em território vizinho, estando agora a regressar à medida que a ordem se restabelece. Naquele período se assistiu, assim, à prática, pelos terroristas, das maiores atrocidades e horrores. Com o aparecimento e reforço dos elementos militares têm sido progressivamente assegurada a protecção de pessoas e

bens, repellidos os atacantes, ocupado gradualmente o terreno, libertados os meios de comunicação e restauradas as condições de vida e trabalho. Não têm sido nem são outros os objectivos das forças da ordem, e apenas a sua prossecução se destinam os meios empregados, pelo que, salvo se se entender constituir dever do Governo permitir a chacina passiva das populações que os terroristas tomam a iniciativa de atacar, não se vê como tais objectivos possam ser havidos por ilegítimos.

Tudo quanto precede é público e conhecido, e não pode ser contestado. Por mais de uma vez foi já a situação autorizada e exposta pelo Governo Português, e ainda há pouco, no Conselho de Segurança, o delegado português teve ensejo de descrevê-la em pormenor. Não se compreende deste modo como a organização de um sistema de defesa e protecção (de que os próprios missionários de todas as nacionalidades beneficiam) é apresentada como bárbara repressão, nem como se podem acusar de extermínio de populações precisamente aqueles que impedem o genocídio premeditado, que constitui objectivo fundamental da política dos terroristas, consoante as ordens que recebem dos seus chefes no estrangeiro.

Deplora o Governo as acusações que agora refuta: tão fantásticas e tendenciosas se apresentam que não sabe como ressaltar a boa fé dos acusadores. Não oferece quaisquer dúvidas, todavia, a total irresponsabilidade por parte daqueles, e o facto surpreende por se tratar de pessoas e organizações a que, sem prejuízo de eventuais pontos de vista doutrinares diferentes, não deveria assistir o direito de menosprezar a verdade em matéria de facto. Mas o Governo Português não pode, por muito que pe aos acusadores, e ainda que lhes forneça pretexto para ulteriores difamações, alhear-se das responsabilidades que lhe cabem na apoteose das vidas, bens e interesses que lhe estão confiados, e julga um imperativo moral, prestando um serviço à Humanidade, pôr cobro ao terrorismo genocida e ao auxílio que este recebe do exterior».

GÊMEAS SIAMESAS

BERLIM, 4. — Nasceram ontem, numa maternidade desta cidade, duas gémeas siamesas unidas pelo peito que já sobreviveram 24 horas na incubadora. Serão necessárias muitas experiências antes de se saber se poderá ser tentada a separação.

As duas gémeas pesam 5 quilos ao todo. A mãe encontra-se bem e o pai ainda não sabe o que se passa. — (R.).

CAMPO PEQUENO

A Corrida do Ano!

João Núncio
Ribeiro Teles
Paco Camino
El Viti

Forcados de Montemor
Toiros de D. DIOGO PASSANHA
no CAMPO PEQUENO
em 13 de Julho de 1961

MAIORES DE 12 ANOS

Diário de Lisboa * PAGINA 3

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

- Estão marcados para 16 do corrente, no Teatro D. Maria II, os exames dos finalistas dos cursos de arte de representar e dança do Conservatório.
- Na época de Inverno, volta a fazer parte da companhia do Teatro ABC a atriz Maria Helena Vieira.
- No sábado, a TV apresentará a comédia «O bota de elástico», interpretada por Elvira Velez, Josefina Silva e António Sacramento.

As estreias de hoje

No São Luiz e Alvalade

Título — «Com jeito vai, comandante!».
Produção — Inglesa.
Interpretes — David Tomblinson, Peggy Cummins, Brian Rice, Eunice Gayson e Joan Simms.
Argumento — Comédia.
Processo — Cinemascope.
Distribuição — Leo Filme Studio.
Classificação — 12 anos.

No Monumental

Título — «A última aventura».
Produção — Francesa.
Interpretes — Nadja Tiller, Robert Hossein, Roger Hanin, Pierre Blanchard, Silvia Monfort, François Rosan e Eddie Constantine.
Argumento — Filme policial.
Processo — Normal.
Distribuição — Filmes Castello Lopes.
Classificação — 17 anos.

«Holiday on Ice»

mantém-se em pleno êxito, no Estádio Alvalade

Espectáculo de extraordinária categoria, «Holiday on Ice», depois de ter maravilhado o público das grandes capitais de todo o Mundo, apresenta-se agora no Estádio José Alvalade com um programa comemorativo do Jubileu da apresentação da companhia na Europa e obteve um assinalável êxito constituindo um entretenimento magistral pela beleza e graça dos seus quadros. Com uma coreografia de alto nível, interpretada por 100 «ases» da patinagem artística, são

apresentados quadros deslumbrantes onde a técnica se alia à arte e ao luxo da representação, que decorre sempre em ritmo deslumbrante. Do elenco destacam-se os nomes de Hanna Walter, a melhor patinadora da Europa em 1959 e 2.ª classificada no campeonato europeu de 1960, em Viena; Don Watson, o melhor patinador da América e «partenaires» da inesquecível Sonja Henie; Liz Kaufman, a rainha do patim de Viena e solista do bailado «Aladino» e a sua Lâmpada Maravilhosa; Charlotte Ballauf, extraordinária artista do bailado «Lovely Dady»; Liesl Ellend e Manfred Wollschlager, as famosas atrações mundiais, intérpretes de um dos momentos mais altos da representação, o já famoso «Lago dos Cisnes»; e os grandes cómicos Guy Longpre, o inesquecível fantasma canadense, rei da acrobacia no gelo, artista que tem arrebatado as plateias de todo o Mundo; Ivor Robson, um atleta extraordinário; Pieter Van Gils, o grande cómico holandês; e «Los Rastelhis», considerados os melhores palhaços do

Mundo. Todos os lugares do Estádio oferecem boa visão e os preços são bastante acessíveis, podendo os bilhetes ser adquiridos na Rua do Passadiço, 86, Rua do Alecrim, 7, bilheteiras do Estádio Alvalade, bilheteiras privativas nos Restaurantes e Largo de S. Domingos (a preços normais) e, ainda, em todas as agências de bilhetes em Lisboa.



apresentando
NADJA TILLER
ROBERT HOSSEIN
ROGER HANIN
 (O GORILA)
 e a participação de
EDDIE CONSTANTINE

ADULTOS (M/17anos)

UMA ONDA DE PÂNICO VARREU
 O MUNDO DO CRIME!

A ÚLTIMA AVENTURA

(du RIFI chez les femmes)

HOJE, ÀS 21.30

ESTREIA ESPECTACULAR



Um exclus. FILMES CASTELLO LOPES

CALCULADO FRIAMENTE, SEGUNDO POR SEGUNDO, VAI REALIZAR-SE O GOLPE QUE NINGUÉM OUSARIA!

Octávio de Matos

vai ser homenageado antes de regressar a Angola

Antes de regressar a Angola, onde vai fixar residência, o actor Octávio de Matos vai ser homenageado com um espectáculo no ABC, marcado para o próximo sábado, às 21 e 30. Neste espectáculo colaboram mais de cem artistas do nosso Teatro, Rádio, Cinema e Televisão.

Em 1952 o famoso produtor STANLEY KRAMER confiou a FRED ZINNEBANN

A REALIZAÇÃO DE

O COMBOIO APITOU 3 VEZES

(High Noon)

ASSIM TEVE ORIGEM UM DOS MAIS PERFEITOS FILMES DE TODOS OS TEMPOS, QUE PROPORCIONOU A

GARY COOPER

A COROA DE GLÓRIA DA SUA VIDA ARTÍSTICA

e a **GRACE KELLY,**
THOMAS MITCHELL,
KATY JURADO,
OTTO KRUGER e
LON CHANEY

A HONRA DE TEREM INTERPRETADO UMA OBRA-PRIMA CINEMATOGRAFICA QUE ORGULHOSAMENTE O



REPÔE, A PARTIR DE AMANHÃ, ÀS 21.30

Distribuição da



PARA MAIORES DE 12 ANOS

Cartaz dos Cinemas

ESTREIAS — Com jeito vai... comandante — SÃO LUIZ e ALVALADE
 DE HOJE — A última aventura — MONUMENTAL

SÃO LUIZ
 Telefone 27172
 de um filme para rir

COM JEITO VAI... COMANDANTE

Uma comédia engraçadíssima
 A's 18.15 — Última — NOITES DE RASPUTINE — (17 anos).

SÃO JORGE
 BALÇO 54154
 PLATEIA 54153
 A's 15.15, 18.15 e 21.30
 (M. 12 anos)
 Richard Greene
 Eva Bartok
 Marias Goring
 em

PARA ALÉM DA CORTINA

Uma história humana e altamente dramática.

EDEN
 Telefone 29768
 15.30, 18.30 e 21.45
 Adultos M. 17 anos
 O filme de acção em Eastmancolor

O HEROI DO BAIRRO

com James Cagney e Shirley Jones
 Uma excitante história de amor e lutas, com lindas danças e belas canções.

ALVALADE
 Telefone 763088
 A's 21.45 (12 anos)
 ESTREIA

COM JEITO VAI... COMANDANTE

Um filme para rir

CINEMA IDEAL
 Telefone 24194
 21.30 (M. 17 anos)
 A MARCA DO CHICOTE
 NASCIMENTO DE UM IMPÉRIO

LIZ
 Telefone 48568
 A's 21 horas (M. 17 anos)
 A PONTE OLHOS NEGROS

PIVOLI
 Telefone 50595
 A's 3 da tarde (a p. red) e 9.30 da noite
 A história duma mulher misteriosa

LAURA

com Gene Tierney, Dana Andrews e Clifton Webb
 (Maiores de 12 anos)
 Sessão clássica — O SAPATINHO DE CRISTAL — (12 anos).

MONUMENTAL
 Telefone 55131
 A's 21.30 (M. 17 anos)

ESTREIA ESPECTACULAR

Uma onda de pânico varreu o mundo do crime

A ÚLTIMA AVENTURA

Calculado friamente, segundo a segunda, vai realizar-se o golpe que ninguém ousaria, com Nadja Tiller e Robert Kossein.

CONDES
 Telefone 22523
 A's 15.15 - 18.15 (Pr. red.) e 21.30 (M. 12 anos)
 JERRY LEWIS
 no mais divertido e fabuloso espectáculo do momento em Vistavision e Technicolor

O REI DO CIRCO

Dean Martin — Joanne Dru — Zsa Zsa Gabor

ROMA
 Telefone 727718
 A's 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)

PROMESSA DE MARINHEIRO

Quatro lindas raparigas... Quatro marinheiros enamorados... com Renato Salvatori e Luigi Pavese

RESTELO
 Telefone 610375
 A's 21.15 (Maiores de 12 anos)

MÚSICA, FANTASIA E AMOR

com Caterina Valente

TERRASSE
 Telefone 20917
 A's 21 (M. 17 anos)
 NUNCA ACEITES NADA DE UM ESTRANHO INIMIGOS DE ONTEM

IMPERIO
 Telefone 55134/5
 A's 15.15 e 21.30 (Adultos)
 ULTIMO DIA do vibrante filme de A. Vohrer

AMAR NÃO BASTA

com Barbara Frey
 AR CONDICIONADO

POLITEAMA
 Telefone 26305
 A's 15.15 e 18.15 (Pr. red) e 21.30
 EM VIBRANTE EXITO:
 A história de uma corajosa missão secreta

OS COMANDOS ATACAM

com Dirk Bogard e Akim Tamiroff
 Tecnicolor (M. 12 anos)

ODEON
 Telefone 26283
 A's 15.15, 18.15 (Pr. red.) e 21.30
 GRANDE EXITO

A maravilhosa e vibrante comédia musical

TOMMY E A PRINCESA

com o grande ídolo da juventude Tommy Steele e a formosa vedeta June Laverick

ATENÇÃO: Temperatura agradável.

AVIS
 Telefone 47163
 A's 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
 HORROR DE DRÁCUA 3.ª SEMANA

Um noivado de horror que só na morte encontrou a satisfação de um amor macabro.

Com Peter Cushing, Melissa Stribling, e Christopher Lee (Drácula)

ESPLANADA PORTUGALIA
 TEL. 24194
 21.30 (M. 17 anos)

O HOMEM QUE ENGANOU A MORTE

UM «ESPADA» PARA HOLLYWOOD

CASINO ESTORIL
 A's 21.30 (M. 17 anos)
 ESCADA ACIMA, ESCADA ABAIXO com Mylene Demongeot

**TEATRO
MONU-
MENTAL**

Tel. 55133
(ADULTOS
M/17 ANOS)
AS
21,45 h.

O EXITO MUSICAL

A TIA DE CHARLEY

com IRENE • SOLNADO
• um BALIET FRANCÊS

AR CONDICIONADO

105 REPRESENTAÇÕES

O REGRESSO DE UMA GRANDE ARTISTA:

IMPÉRIO ARGENTINA

numa interpretação dramática de intensa
humanidade

AMA ROSA

A HISTÓRIA COMOVENTE DE UMA MU-
LHER QUE ASSISTE AO CRESCIMENTO
DO PRÓPRIO FILHO, SERVINDO A FA-
MÍLIA QUE O ADOPTOU.

Amanhã, no **odeon**

EXCLUSIVO
S. L. F.

12 ANOS



AGUARDENTE VELHA

Niepoort
a prova esta na prova

PHILCO
FRIGORÍFICOS



PHILCO
FRIGORÍFICOS

A série de comédias QUE PROVOCAM

GARGALHADAS

em série...

AGORA COM NOVAS CARAS...

DAVID TOMLINSON • PEGGY CUMMINS
BRIAN REECE • EUNICE GAYSON

**CARRY ON
ADMIRAL**

A. E. MATTHEWS
RONALD SHINER



Causam agora

uma autêntica tempestade de humor britânico!

EM

CINEMASCOPE

HOJE - ESTREIA

NO **SAO LUIZ**

E NO **ALVALADE**

MAIORES DE 12 ANOS

apresentado por

LEO filmestudio Lda

COM JEITO VAL, COMANDANTE!

ELE ERA UM REBELDE... PODIAM ENFORCAR-
LHE O CORPO, MAS NUNCA A ALMA!



(MAIORES
DE 12 ANOS)

A CANÇÃO
«TOM DOOLEY»
CANTADA POR
THE KINGSTON
TRIO

**A LENDA
DE
TOM DOOLEY**

(THE LEGEND OF TOM DOOLEY)

com MICHAEL LANDON • JO MORROW
JACK HOGAN • KEN LYNCH
Argumento e Produção de STAN SHPETNER • Realização de TED POST
Uma produção SHPETNER • A COLUMBIA PICTURE

EM COMPLEMENTO:
OS 3 MUNDOS DE GULLIVER
com KERWIN MATHEWS

AMANHÃ, NO
COLISEU



NO **ESTÁDIO ALVALADE**

A's 21.45 (M/ 12 anos)

Um colossal espectáculo onde
a ARTE se reúne á BELEZA

100 PATINADORES EM PISTA
em quadros deslumbrantes de

LUXO! RITMO! EMOÇÃO!

VENDA DE BILHETES: Rua do Pas-
sadiço, 86; Rua do Alecrim, 7; Bi-
lheteiras do Estádio Alvalade; Bi-
lheteiras privativas nos Restaurado-
res e Largo de S. Domingos (a pre-
ços normais) e, em todas as Agên-
cias de Lisboa.

COLISEU

Telef. 31997
AMANHÃ, A'S 21.30
(M. de 12)
TEMPORADA DE CINEMA
ESTREIA EM PORTUGAL
do grande filme em technicolor
**A LENDA DE
TOM DOOLEY**
c/ Michael Landon
e a fantasia colorida
**OS 3 MUNDOS
DE GULLIVER**
PREÇOS POPULARES

TRINDADE

As 21.45
(Maiores 12 anos)
A GRANDE JORNADA
de
M. FREDERICO PRESSLER
com toda a companhia do
TEATRO DE ARTE
e 50 figurantes

FEIRA POPULAR DE LISBOA

(A Entrecampos)

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL
DE «O SÉCULO»

UM MUNDO DE MARAVILHAS AO ALCANCE DE TODA A GENTE
UM LUNA-PARQUE DE CATEGORIA INTERNACIONAL
UMA FEIRA INTERNACIONAL DE AMOSTRAS

HOJE HOJE HOJE

DE NOVO EXIBIÇÃO DO GRUPO FOLCLÓRICO CAMPONES DE
BICO (PAREDES DE COURA — MINHO) QUE ONTEM OBTVE
GRANDE EXITO

STANDS DE EXPOSIÇÕES, DIVERTIMENTOS, ATRAÇÕES IN-
FANTIS, RESTAURANTES, RETIROS, SORTEIOS, ETC.

ENTRADA: QUINZE TOSTÕES

Transportes fáceis, directos e assegurados: «eléctricos», autocarros, combolos
ABERTURA AS 19 HORAS



RESTAURANTE

SNACK-BAR

AV. ROMA, 46-A — TEL. 776597

O «Diário de Lisboa» vende-se em Castelo de Vide no Salão Royal.

Diário de Lisboa * PAGINA 5

O Instituto de Oncologia não deve passar para o Ministério da Saúde — afirma o sr. prof. dr. Jorge Horta

No final do parecer da Camara Corporativa sobre o Estatuto da Saude e Assistencia o sr. prof. Jorge Horta, bastonário da Ordem dos Médicos e antigo director da Faculdade de Medicina, fez a seguinte declaração de voto:

A critica fundamental feita pela Camara ao Instituto Português de Oncologia, donde resultou a proposta para que este mesmo Instituto saia do Ministério da Educação Nacional, onde se encontrava ligado á Universidade (Decreto n.º 39-001), e seja «colocado» no Ministério da Saude e Assistencia, é o facto de o mesmo Instituto não ter feito uma obra eficaz no que respeita ao diagnóstico precoce e profilaxia do cancro.

Em consequência desta critica, formula-se outra: de durante dezoasseis anos não se ter aberto um unico centro regional.

1) Deve ponderar-se em primeiro lugar que as afirmações de alta mortalidade do cancro não são apoiadas em bases estatísticas em relação aos outros países e não se entrou em linha de conta com o aumento da longevidade para corrigir os numeros apresentados de mortalidade por cancro em Portugal.

2) Sem duvida que a luta contra o cancro reside, sobretudo, no seu diagnóstico precoce; neste ponto — afirma-se no parecer — o Instituto «falhou».

O diagnóstico precoce do cancro depende, em grande parte, da intervenção da anatomia patológica no seu sector da cancerologia. Os médicos, para trabalharem neste sector, têm de ser em primeiro lugar anatómo-patologistas gerais e é evidente que, em virtude do material tão especializado com que lidam os institutos de oncologia, a formação de anatómo-patologistas gerais não pode ser atribuição destes mesmos institutos. Aos hospitais gerais competia ter feito um numero suficiente de anatómo-patologistas, e não ao Instituto de Oncologia; este ultimo apenas os especializaria no seu campo restrito.

Em 1944 escrevemos num artigo da revista *Amatus Lusitanus* intitulado «A anatomia patológica, a sua finalidade, o seu ensino, o seu futuro entre nós», no capítulo referente á aprendizagem: «Todo o serviço de anatomia patológica com o seu prospector, o seu director e o seu chefe — uma vez que tenham um certo movimento de casos, deve constituir um centro de ensino para aqueles que se interessam pela especialidade — deve constituir uma escola».

Chamámos nesta altura a atenção para o pequeno numero de serviços de anatomia patológica que possuíamos e afirmámos: «Cada hospital devia ter um serviço desta especialidade».

Entretanto, a Universidade, atra-

vés das suas três Faculdades, forneceu ao País (metrópole e ultramar) os anatómo-patologistas que hoje possuímos, ao passo que o Ministério do Interior não dedicou ao problema a devida atenção. Inclusive, apesar das instancias constantes dos clínicos que consideravam insufficiente o numero de anatómo-patologistas do seu quadro nos Hospitais Civis de Lisboa, ele é ainda hoje nestes Hospitais reduzidíssimo:

Numero de camas	
1930-1931 — 2 anatómo-patologistas	3 630
1943 — 2 anatómo-patologistas	4 522
1961 — 3 anatómo-patologistas (mais dois assalariados)	3 805

O Instituto Português de Oncologia não podia, portanto, especializar neste sector um numero suficiente de anatómo-patologistas para o diagnóstico precoce do cancro, de forma a poder espalhar estes mesmos especialistas por vários pontos do País, uma vez que ele próprio possuía nos seus quadros um numero tão exiguo.

3) O segundo ponto sobre que incidia a critica foi a não abertura dos «centros regionais».

As razões destes factos encontram-se na falta de verba, e não nos esforços feitos pelo Instituto para que os mesmos centros fossem abertos.

Não se deve esquecer que têm sido sempre escassas as possibilidades financeiras do referido Instituto, as quais foram até cerceadas há anos com a publicação do Decreto n.º 39 805, de 2 de Setembro de 1954, elaborado pelo Ministério do Interior, que minorou a responsabilidade das camaras municipais perante o Instituto.

Por outro lado, o quadro do pes-

(Continua na 9.ª página)

A Farmoquímica Baldacci S. A. R. L. comemorou o 6.º aniversário da sua fundação

Na sede da Farmoquímica Baldacci realizou-se um almoço de confraternização comemorativo do 6.º aniversário da sua fundação.

O Director, Dr. Manuel Rodrigues Loureiro, usando da palavra, além de algumas referências sobre a matéria de trabalho, agradeceu a colaboração e o interesse de todo o pessoal. Seguidamente, numa brilhante dissertação que focou o problema de Angola, destacou muito especialmente o facto de, em contraste com os anteriores aniversários, condicionar as comemorações a um simples almoço, no sentido de fazer reverter a favor da campanha pró-Angola, o remanescente da habitual verba para tal efeito destinada.

Usaram ainda da palavra os Srs. Adalberto R. Almeida e Loureiro, Director Suplente, que, de um modo geral, incitou todo o pessoal a prosseguir na colectiva campanha de desenvolvimento da Sociedade e em consequência da Economia da Nação; Carlos Loureiro, Presidente do Conselho Fiscal, que enalteceu as qualidades dos membros directivos, entusiasmando a assistência, num ancestral improviso, sobre a magnitude do alto sentido de patriotismo do pessoal, relativamente ao presente momento nacional; e Colbeche Castelo Branco, que manifestou o seu apreço pela Sociedade, Directores e Pessoal, referindo-se também, numa nobre demonstração de fé patriótica, ao repulso ataque á nossa posição no ultramar.

O pessoal, ofereceu á Direcção uma placa simbólica da expansão no Mundo Português da marca Baldacci.

Por mérito profissional foram distinguidos os colaboradores, Paulete Maria Carlesso Santana Vale, Noémia Delmira Baião e Maria Luísa da Silva Pereira.



O novo governador civil profere o seu discurso

O ministro do Interior fez energicas afirmações políticas ao dar posse ao novo governador civil do distrito da Guarda

Na antiga sala do conselho de ministros, no Ministério do Interior, effectuou-se hoje a cerimónia da posse do novo governador civil do distrito da Guarda, dr. Luís de Almeida.

O acto foi muito concorrido, tendo assistido a ele os srs. professor Gonçalves Proença, ministro das Corporações e Previdência Social, engenheiro Saraiva e Sousa, subsecretário de Estado das Corporações e Previdência Social, dr. Trigo de Negreiros, presidente do Supremo Tribunal Administrativo, dr. Veiga de Macedo, presidente da comissão executiva da União Nacional, drs. Seabra Lopes e Manuel Gonçalves, chefes dos gabinetes dos ministros da Justiça e das Comunicações, brigadeiro Pires Monteiro, segundo-comandante-geral da G. N. R., autoridades e pessoas representativas das principais actividades do distrito da Guarda.

O discurso do ministro do Interior

Depois de o dr. António Pedrosa Pires de Lima, secretário-geral do Ministério do Interior, ter lido o respectivo auto, o ministro, dr. Alfredo Rodrigues dos Santos Junior pronunciou um importante discurso.

Começou por declarar que era simultaneamente com emoção e alegria que entregava nas mãos do dr. Luís de Almeida o cargo que exactamente há dois meses deixou «para cumprir nova missão de serviço». Fez o elogio das qualidades e da acção do novo chefe do distrito, dizendo:

«Precisamos, na verdade, de conquistar para o exercício da política homens que tenham dentro de si o sentimento vivo da Nação que se abneguem a ponto de olhar sobretudo aos fins superiores da colectividade e que ao lado desta consciência nacional sejam possuidores da consciência do dever, do sacrificio, da justiça e da caridade no exercício de funções administrativas, afirmando e provando assim que a moral sob a inspiração de Deus deve dominar toda a acção humana. Convém.

«Serão duras — observou — estas palavras. Mas nesta hora em que recrudescem os ataques desenhados pelos inimigos da Pátria numa organização sistemática e insistente que se serve de todos os meios para tentar a desagregação e divisão internas, neste momento decisivo da nossa história em que os jovens soldados das nossas forças armadas, oriundos de todas as provincias de Portugal e de todas as condições sociais sem qualquer distincção nem favoritismo na sua escolha, se sacrificam e batem heróicamente em terras portuguesas de Angola, é necessário falar a linguagem forte da verdade e proclamar em termos vivos a obrigação que sobre nós impende de mantermos firme a unidade e coesão da Terra-Mãe cujos oito séculos de história feitos de glórias e honrosas tradições se não podem perder nem atraiçoar. Temos que dizer aos que se deixam vencer pelo desanimo, aos que se perturbam com as ameaças vindas do exterior que se tivermos bem arreigados os princípios e imperativos da nossa história e bem cheia a nossa alma do ideal pátrio não há perigo que não possamos vencer.

Afirmando que «o Exército e demais forças armadas estão na disposição firme de manter a ordem, vigilantes e prontas, continuando sem descanso e sem desanimo a cumprir o seu dever», acrescentou:

«Mas cabe-nos também uma importante tarefa nesta luta procurando evitar o regresso á apagada e vil tristeza de um passado a que não queremos voltar, não deixando que renasça a tendência doentia para a mediocridade, mantendo o sentido das grandes aspirações nacionais e alimentando, vivificando as mais fundadas esperanças, as mais belas aspirações de ressurgimento, acreditando convictamente no triunfo das nossas razões neste Mundo que teima em não nos compreender. A palavra de ordem, ouvimo-la há dias: «Continuar!» Não nos é licito recuar ou desistir. Só a decisão de continuar se coaduna com a obra já realizada e está de acordo com a nossa maneira de ser, a vocação do heroísmo, da acção civilizadora e da projecção ultramarina de Portugal porque «nós somos uma velha Nação que vive agarrada ás suas tradições e por isso se dispõe a custear com pesados sacrificios a herança que do passado lhe ficou».

Referiu-se aos «boatos traidoelros», aos «panfletos clandestinos» e ás «poderosas emissoras comandadas pelo comunismo internacional» que fazem «desabar sobre o território nacional uma avalanche de insultos, de calúnias, de mentiras» e á necessidade de se fazer uma campanha de esclarecimento das massas populares, em que as Camaras Municipais, através das Juntas de Freguesia, ou em colaboração com as Casas do Povo, podem ter um grande papel.

El concluiu dizendo:

«O povo acredita e ama as Camaras Municipais e daí a vantagem em as aproveitar como o melhor veículo para diálogos com os povos que elas representam, defendem e dignificam. Sirvam-nos, pois, dos Municípios para combater a traição e não permitamos que dos seus postos dirigentes se apoderem os que não saibam honrar as suas tradições ou porventura se sirvam dessas posições para atraiçoar os princípios essenciais da vida nacional e desvirtuar as intenções do Governo: «Sejam quais forem as dificuldades que se nos deparem no nosso caminho e os sacrificios que se nos imponham para vencê-las». Vamos continuar. Ainda é tempo para sabermos aproveitar a sublime lição de Salazar.

Palavras do novo governador

O dr. Luís de Almeida agradeceu ao ministro a prova de confiança que lhe deu, ao convidá-lo para lhe suceder, dizendo que não lhe era lícito «recusar responsabilidades num momento como este em que a Nação precisa de todos, e quando, para mais, o chamamento é feito, por quem tem inteira autoridade moral para o fazer».

Afirmou que «toda a administração tem, ou pelo menos, deve ter, uma política que defina os fins superiores a atingir e os meios de o realizar», observando que não perderá de memória que a todos os problemas «se devem sobrepor os altos interesses nacionais, entre os quais avulta, neste momento, a defesa da nossa integridade territorial».

A indústria da cerâmica e o agro nacional segundo a palestra feita na reunião dos pelo dr. Humberto Peláez

Entrou hoje em exercício a nova direcção do Rotary Clube de Lisboa, a que preside o sr. Fernando Vieira Ferreira. De manhã, e a convite do rotário sr. José Manuel Martins, os sócios do clube tiveram o ensejo de apreciar, na Fábrica de Cervejas Portugália, na Avenida Almirante Reis, 115, as excelentes e modernas instalações para o fabrico de cerveja e de malte.

Durante o almoço, a apresentação dos rotários visitantes e dos convidados foi feita pelo dr. Carlos Estorninho. Entre os convidados de honra, contava-se o dr. Humberto Peláez, presidente do conselho de administração da Sociedade Central de Cervejas.

O presidente cessante, professor António Maria Godinho, fez as suas despedidas, agradecendo a colaboração que os seus companheiros e a Imprensa lhe dispensaram durante um ano.

O novo presidente agradeceu a todos a confiança que nele depositaram, prometendo dar o seu melhor esforço a favor da ideia rotária; e manifestou a satisfação dos presentes pela oportunidade que lhes foi dada de visitar a Fábrica de Cerveja Portugália.

O sr. Romaguera Guedes apresentou o professor José Martins de Alvarez, presidente do Rotary Clube do Rio de Janeiro, que se referiu...

NÃO se prive do prazer de fumar

SAGRES

porque o cigarro

SAGRES

é bom

agradável

aromático!

SAGRES

o cigarro com

Filtro

mais apreciado

É por isso que os desportistas o fumam. Vejam nos cinemas o documentário «Benfica campeão da Europa»

riu entusiasticamente luso-brasileira.

A palestra do dr. Humberto Peláez ocupou do tema

(Continua na 9.ª página)

A luta res vai in

(Continuação)

los novos impostos espalhar tal alarme evidentes dos diferentes, traduzindo que tende para to de um sistema, adequado ás realidades.

Segundo informamos na melhor forma a Secretaria de Fisco tomou disposições para reprimir qualquer especulação, com base posições publicadas das Finanças, estabelecidas pelo p. de Estado.

O major Silva a uma reunião dos seus

Assim, enquanto um lado, assentando

BOLSAS DE

para naturais e ultramarinos

Uma portaria do mar regula a concessão de estudo, instituído tamento oficial e de das provincias ultramarinas tenham o seu frequentar o Instituto.

Os bolsos ficam tar dois anos de ser provincia de origem, bolso da totalidade desse título recebidas.

Cada bolsa de estudo de 2000\$00 mensais

No Bairro da «Diário de Lisboa» trela da Escarnate, Lote 16.

Sensação

O bronze

— o mais

Agora, S. P.

«fluorescência»

Todos os verões, já, nas praias da Ilha do Spray-Tar do «F 29:31» se achados com a maré como este filtro e intensifica o brilho ao mesmo tempo, maduras do Sol. G. resscência) natural ultra-violetas do do «F 29:31» do não só na recepção mas ao mesmo tempo — transforma caldantes em raios cionais dando-lhe mentação natural possível de se querer outro processo. Além disso, esta potência continua

Professores licenciados

Colégio de Lisboa precisa professores licenciados (de preferência com pedagógicas) para Ciências Naturais e Geografia que não desempenhem qualquer cargo oficial. Resposta com todos os detalhes a este jornal ás letras C. V.

CORDÕES DE OURO

e outros objectos só pelo peso OURIRESARIA PIMENTA

Rua Augusta, 253 — Telef. 24564

— Terça-feira, 4 de Julho de 1961

Indústria da cerveja o agro nacional do a palestra na reunião dos rotários Humberto Pelágio

exercício a nova
y Clube de Lis-
o sr. Fernando
manhã, e a con-
José Manuel Mar-
clube tiveram o
na Fábrica de
na Avenida
15, as excelentes
ações para o fa-
de malte.

rio entusiasmaticamente á amizade
luso-brasileira.

A palestra do dia esteve a cargo
do dr. Humberto Pelágio, que se
ocupou do tema «A indústria da

(Continua na 16.ª página)

nte agradeceu a
que nele depo-
do dar o seu me-
or da ideia rotá-
a satisfação dos
ortunidade que
visitar a Fábrica

la Guedes apre-
José Martins de
do Rotary Clu-
eiro, que se refe-

os novos impostos convém fazer
espalhar tal alarme. Os objectivos
evidentes dos diplomas são bem di-
ferentes, traduzindo uma orienta-
ção que tende para o estabelecimen-
to de um sistema de impostos mais
adequado ás realidades do presente.

Segundo informações que colhe-
mos na melhor fonte, sabemos que
a Secretaria de Estado do Comércio
tomou disposições rigorosas para
reprimir qualquer tentativa de es-
peculação, com base nas novas dis-
posições publicadas pelo Ministério

das Finanças, estando os Serviços
de Fiscalização da Intendência Ge-
ral dos Abastecimentos já a actuar
de acordo com essa orientação es-
tabelecida pelo próprio secretário

de Estado.

O major Silva Pais presidiu
a uma reunião de funcionários
dos seus serviços

Assim, enquanto se procura, por
um lado, assentar nas disposições

BOLSAS DE ESTUDO
para naturais das provincias
ultramarinas

Uma portaria do Ministério do Ultra-
mar regula a concessão de dez bolsas
de estudo, instituidas por aquele depar-
tamento oficial e destinadas a naturais
das provincias ultramarinas ou que ne-
las tenham o seu domicilio e desejem
frequentar o Instituto de Serviço Social.

Os bolsos ficam obrigados a pre-
star dois anos de serviço consecutivo na
provincia de origem, sob pena de reem-
bolso da totalidade das importancias a
esse titulo recebidas.

Cada bolsa de estudo será no montan-
te de 2000\$00 mensais.

No Bairro da Encarnação, o
«Diário de Lisboa» vende-se na Es-
trela da Encarnação, Praça do Norte,
Lote 18.

Sensação na Praia do Estoril:
O bronzado com filtro «fluorescente»
o mais bonito, o mais rápido sob o Sol

Agora, Spray-Tan traz-lhe a nova magia da sua
«fluorescência ultra-violeta» para o super-bronzado

Todos os veraneantes que desde
já, nas praias da Costa do Sol uti-
lizam o Spray-Tan com Filtro Flui-
do «F 2931» se declaram maravil-
lhados com a maneira espectacular
como este filtro científico acelera
e intensifica o bronzado natural,
ao mesmo tempo que evita as quei-
maduras do Sol. Graças á sua «flu-
orescência» natural sob as radiações
ultra-violetas do céu, o Filtro Flui-
do «F 2931» do Spray-Tan actua
não só na receptividade da pele,
mas ao mesmo tempo na própria
luz — transformando os raios es-
caldantes em raios bronzantes ad-
icionais dando-lhe assim uma pig-
mentação natural suplementar im-
possível de se conseguir por qual-
quer outro processo.

Além disso, este filtro de alta
potência continua a actuar mesmo

passados vários banhos do mar, du-
rante 3 a 4 horas, de tal modo que,
com o Spray-Tan, a pele «armaze-
na» literalmente Sol e adquire sem
queimaduras um bronzado mais
duradouro, com uma intensidade e
uma riqueza de coloração ignora-
das até agora. Só o Spray-Tan con-
tém o Filtro Fluido «F 2931» fluo-
rescente.

Ainda hoje, ao seu fornecedor há-
bitual, peça uma bomba de Spray-
Tan: o Spray-Tan «Original» (bom-
ba cor-de-rosa) para peles nor-
mais — ou o Spray-Tan Espuma de
Lanolina (bomba creme) hidratante
para peles sensíveis ou secas. A
partir de Esc. 45\$00.

A venda nas perfumarias, far-
mácias, cabeleleiros, etc. Distribui-
dores: F. Lima & C. Sucrs. — Lis-
boa e Porto.

Um aspecto da reunião desta manhã na Intendência

que torna morosas e cheias de atri-
tos as operações de venda.

Por seu turno, a Casa da Moeda,
assobrada com um trabalho de
enorme volume, que repentinamen-
te foi necessário fazer, não pode
dar vazão a todo o serviço e dar
saída a tantos selos quantos os ne-
cessários A vaga de calor de resto,
fomentando um maior consumo de
refrigerantes, veio complicar ainda
mais todo este conjunto de circuns-
tancias. Ele exige aliás, mais da que
nunca, a boa compreensão de todos,
consumidores, comerciantes e au-
toridades. Se há que ser intransigen-
te para quem especula, não deixan-
do em meias palavras e vagos pro-
testos a revelação de um acto cri-
minoso, importa por outro lado, não
molestar levanamente quem se con-
duz com honestidade e dela dá pro-
vas immediatas e indubitáveis—a exi-
bição das facturas com os forneci-
mentos diários, incluindo já as so-
bretaxas referentes ao novo imposto.

Na primeira eliminatória
da «Taça dos Campeões»
o Sporting Clube de Portugal
joga com o Partizan de Belgrado

COPENHAGUE, 4. — Realizou-se
hoje o sorteio dos jogos do sexto
Torneio da Taça dos Campeões Eu-
ropeus de Futebol, que este ano
conta com um numero «record» de
vinte e oito clubes, incluindo o
Sport Lisboa e Benfica e o Spor-
ting Clube de Portugal.

O sorteio foi realizado na sede da
Federação Dinamarquesa de Fute-
bol.

Antes do sorteio, foi excluído o
Benfica da fase de qualificação. O
primeiro grupo inclui os clubes do
Sul e Leste da Europa; o segundo
é constituído pelos do Ocidente eu-
ropeu e da Escandinávia, além da
Republica Federal da Alemanha,
Oriental e da França.

A lista de sorteio ficou assim or-
denada:

PRIMEIRO GRUPO — S K Haka
(Finlandia) não joga na fase de
qualificação; campeão da Polónia
(ainda por decidir)-Tottenham (In-
glaterra); IFK Gotteborg (Suécia)-
SC Feikenoord (Holanda); SC Vor-
waerts de Berlim (Alemanha Orien-
tal)-F. C. Linfield (Irlanda); S. C.
Spora (Luxemburgo)-B 1913 (Dina-
marca); F. C. Nuremberga (Repu-
blica Federal da Alemanha)-F. C.
Dromcondra (Irlanda do Norte);
Royal Standard Club de Liège (Bé-
gica)-Federiksstad (Noruega); Mò-
naco (França)-Glasgow Rangers
(Escócia).

SEGUNDO GRUPO — Campeão
da Turquia (ainda por decidir) não
joga na fase de qualificação; F. C.
Servette de Genebra, Suíça-F. C.

Hibernian (Malta); F. C. Panathi-
naikoe de Atenas (Grécia)-Juven-
tus (Itália); CCA (equipa militar)
de Bucareste (Roménia)-Austria F.
C. de Viena; SK Vassas (Hungria)-
Real Madrid (Espanha); CDNA de
Sofia (Bulgária)-F. C. Ducla (Che-
coslováquia); SPORTING CLUBE
DE PORTUGAL-PARTIZAN, DE
BELGRADO (Jugoslávia).

Todos os encontros da fase de
qualificação deverão estar termina-
dos antes de 30 de Setembro.—(A.
N. I.).

A visita
do ministro da Africa do Sul

(Continuação da 1.ª página)

xador da Africa do Sul e uma outra
personalidade, o mesmo se verifi-
cando em relação ao ministro aos
Estrangeiros.

Foi, entretanto, servido um aperi-
tivo aos presentes. Minutos depois,
o sr. prof dr. Oliveira Salazar, que
vestia um fato de verão castanho-
claro, ergueu-se do seu lugar e con-
vidou o seu visitante para passear
através do jardim da sua «residen-
cia», após o que os dois estadistas e
os restantes ministros e diplomatas
se dirigiram para a sala onde se
realizou o almoço.

Visitas a outros membros
do Governo

Findo o almoço e depois de li-
geira troca de impressões com to-
dos os presentes, o ministro Fou-
ché, retirou-se acompanhado dos
elementos da sua comitiva, a fim de
cumprir as visitas do seu progra-
ma.

Primeiramente esteve no Minis-
tério dos Negócios Estrangeiros, on-

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteoro-
gico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HO-
RAS DE HOJE: Em Portugal con-
tinenta, o vento era fraco de Nor-
deste e o céu estava limpo por
acção de uma massa de ar trans-
portada na circulação de um anti-
ciclone centrado a noroeste da Pe-
ninsula Ibérica.

TEMPERATURAS DO AR AS 6
HORAS: Bragança, 15°; Beja, 18°;
Porto, 20°; Portalegre, 19°; Penhas
Douradas, 12°; Lisboa, 20°; Faro,
21°; Ponta Delgada, 17°, Funchal,
19°; Sagres, 20°.

TEMPERATURAS OBSERVA-
DAS NA COSTA DO SOL, AS 10
HORAS: na atmosfera, 25,2; na
água do mar, 17,5.

TEMPERATURAS EXTREMAS
REGISTADAS HOJE, EM LIS-
BOA, ATÉ AS 16 HORAS: máxi-
ma, 32,2; mínima, 21,7. No mes-
mo dia do ano passado: máxima,
25,4; mínima, 15,6.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS
DE AMANHÃ:—Céu limpo, vento
fraco de Leste.

Encontro
entre industriais
britânicos
e comerciantes
portugueses

Os delegados do Conselho das Fe-
derações Industriais da Associação
Europeia da Comércio Livre, que
ontem se reuniram em Lisboa, vi-
sitaram esta manhã a Siderurgia
Nacional. Acompanharam-nos os
srs. eng. Carlos Alves, presidente
da Associação Industrial Portugue-
sa, conde de Caria, presidente da
Associação Comercial de Lisboa, e
António Champalimaud, presidente
do conselho de administração da
Siderurgia.

Os membros britânicos do Conse-
lho da C. I. F. E. F. T. A., reuni-
ram-se depois num almoço na As-
sociação Comercial Portuguesa, a
convite daquele organismo. Na me-
sa de honra encontravam-se o con-
de de Caria, «sir» William MacFad-
zean, presidente do mesmo conse-
lho, directores da Camara do Co-
mércio Britânica, adjunto Comer-
cial da embaixada inglesa, Carlos
Mantero, antigo presidente da Ca-
mara do Comércio Internacional,
etc.

No final do almoço o conde de
Caria e «sir» William MacFadzean
trocaram saudações, manifestando
o desejo de um maior e mais efiz-
caz estreitamento de relações co-
merciais entre Portugal e a Grã-
Bretanha.

Esta tarde, a representação bri-
tânica «referência da C. I. F. E.
F. T. A.» contra-se com comer-
ciantes portugueses especialmente
interessados em contactos econó-
micos com a Inglaterra.

de se avistou com o dr. Franco Nò-
gueira e, depois, sucessivamente,
visitou os ministros do Exército e da
Marinha e o secretário de Estado
da Aeronáutica.

O programa de amanhã

O ministro da Defesa Nacional da
Africa do Sul visitará amanhã, de
manhã, a Base Aérea n.º 6 do Mon-
tijo e a Base Naval de Lisboa; ás
13 horas será recebido em audien-
cia pelo Presidente da Republica;
ás 13 e 30, assistirá a um almoço
na embaixada do seu país e, duran-
te a tarde, visitará os Jerónimos, a
Rosa-dos-ventos e o Museu dos
Coches. Cerca das 20 horas regres-
sará de avião ao seu país.

O DIA DE AMANHÃ NIN-
GUÉM O VIU!
UMA JOIA É SEMPRE UM
VALOR.
GRANDE OURIVESARIA
DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Terça-feira, 4 de Julho de 1961

PAGINA CENTRAL

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

D. Deolinda do Nascimento
SEIXAS DO MINHO, 4. (Pelo telefone) — Faleceu a sr.ª D. Deolinda Portela do Nascimento, viúva, de 77 anos, mãe da sr.ª D. Diana Portela do Nascimento Teixeira e dos srs. Joaquim e António Portela do Nascimento e sogra do dr. Fernando Teixeira.

Manuel Pereira Fradinho
Faleceu o sr. Manuel Pereira Fradinho, de 62 anos, natural de Benicatel — Vila Viçosa, proprietário. Era casado com a sr.ª D. Joaquina Nerra Fradinho, pai das sr.ªs D. Maria Amélia Nerra Fradinho Charrua e D. Delfina Nerra Fradinho Cordeiro. O funeral, a cargo da Agência Salgado, realiza-se amanhã, pelas 8 horas, da Basílica da Estrela, para jazigo no cemitério de Vila Viçosa, onde deverá chegar cerca das 12 horas.

D. Palmira Cândia Walpole Henriques
Faleceu a sr.ª D. Palmira Cândia Walpole Henriques, de 78 anos, natural de Setúbal, casada com o sr. Horácio Walpole Henriques, comerciante, e mãe do sr. Carlos Cândia Walpole Henriques. O funeral, a cargo da Agência Magno, realiza-se amanhã, pelas 11 horas, da igreja de Penha de França para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

Alvaro Augusto de Almeida Sousa Trigo
Faleceu o sr. Alvaro Augusto de Almeida Sousa Trigo, de 80 anos, natural de Figueira de Castelo Rodrigo, viúvo, pai do sr. Julio da Costa Trigo, sócio gerente da firma J. Mendes Coelho, Lda. O seu funeral, a cargo da Casa A. G. Magno, Lda., da Avenida Almirante Reis, realiza-se amanhã, às 11 e 30, da igreja de S. João de Deus para o cemitério do Alto de S. João.

FUNERAIS
Rafael Gomez Martinez
Da casa mortuária da igreja do Sagrado Coração de Jesus, para o cemitério do Alto de João, saiu hoje o funeral do conhecido maestro espanhol Rafael Gomez Martinez, para o cemitério do Alto de S. João.

VILA VIÇOSA
Faleceu o sr. Manuel Pereira Fradinho, de 62 anos, natural de Benicatel — Vila Viçosa, proprietário. Era casado com a sr.ª D. Joaquina Nerra Fradinho, pai das sr.ªs D. Maria Amélia Nerra Fradinho Charrua e D. Delfina Nerra Fradinho Cordeiro. O funeral, a cargo da Agência Salgado, realiza-se amanhã, pelas 8 horas, da Basílica da Estrela, para jazigo no cemitério de Vila Viçosa, onde deverá chegar cerca das 12 horas.

MANUEL PEREIRA FRADINHO
FALECEU

Joaquina Nerra Fradinho; Maria Amélia Nerra Fradinho Charrua, seu marido Dr. Marcos José Carreto Charrua e filhas; Delfina Nerra Fradinho Cordeiro, seu marido António João Lobo Cordeiro e filha; irmãos, cunhados, sobrinhos e mais família, participam que foi Deus servido chamar a Sua Divina Presença o seu muito querido marido, pai, sogro, avô, irmão, cunhado, tio e parente, cujo funeral se realiza amanhã pelas 8 horas, saindo da Basílica da Estrela, para jazigo no cemitério de Vila Viçosa, onde deverá chegar cerca das 12 horas.

AGÊNCIA SALGADO

PALMIRA CÂNCIO WALPOLE HENRIQUES
FALECEU

Horácio Walpole Henriques, Carlos Cândia Walpole Henriques e demais família, participam o falecimento de sua esposa, mãe, e parente e que o funeral se realiza amanhã, dia 5, pelas 11 horas, da Igreja de Penha de França para jazigo de família, no cemitério do Alto de S. João.

AGÊNCIA MAGNO

Álvaro Augusto d'Almeida Sousa Trigo
FALECEU

J. MENDES COELHO, Lda., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do pai do seu sócio Gerente, Sr. Julio da Costa Trigo, e que o seu funeral se realiza amanhã, às 11.30 horas, da Igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Alto de S. João.

Álvaro Augusto d'Almeida Sousa Trigo
FALECEU

OS EMPREGADOS DE TODAS AS SECÇÕES DA FIRMA J. MENDES COELHO, Lda., cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do pai do seu sócio Gerente, Sr. Julio da Costa Trigo, e que o seu funeral se realiza amanhã, às 11.30 horas, da Igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Alto de S. João.

Álvaro Augusto d'Almeida Sousa Trigo
FALECEU

Álvaro Augusto d'Almeida Sousa Trigo
FALECEU

Álvaro Augusto d'Almeida Sousa Trigo
FALECEU

Álvaro Augusto d'Almeida Sousa Trigo
FALECEU

Álvaro Augusto d'Almeida Sousa Trigo
FALECEU

Álvaro Augusto d'Almeida Sousa Trigo
FALECEU

Álvaro Augusto d'Almeida Sousa Trigo
FALECEU

Álvaro Augusto d'Almeida Sousa Trigo
FALECEU

Álvaro Augusto d'Almeida Sousa Trigo
FALECEU

Álvaro Augusto d'Almeida Sousa Trigo
FALECEU

Álvaro Augusto d'Almeida Sousa Trigo
FALECEU

Álvaro Augusto d'Almeida Sousa Trigo
FALECEU

Álvaro Augusto d'Almeida Sousa Trigo
FALECEU

Álvaro Augusto d'Almeida Sousa Trigo
FALECEU

Álvaro Augusto d'Almeida Sousa Trigo
FALECEU

Álvaro Augusto d'Almeida Sousa Trigo
FALECEU

Oitenta e seis luso-americanos em Lisboa

Em avião especial da P. A. A., chegou esta manhã a Lisboa uma excursão de 86 luso-americanos, membros da União Portuguesa Continental, prestigiosa organização fundada por portugueses nos E. U. com milhares de filiados e cuja obra tem sido louvada não só por portugueses como por entidades oficiais norte-americanas.

Acompanham a excursão os srs. Luís Gomes, presidente da União; dr. Aníbal Branco, secretário-geral; dr. Artur Bellão, tesoureiro, acompanhados de suas esposas; Fausto Bernardo, director-geral e esposa; e Artur de Almeida, antigo presidente da mesma organização. Entre os excursionistas contam-se muitas senhoras e crianças. Residentes em Nova York, Nova Jersey, Pensilvânia e em cidades dos Estados de Massachusetts e Rhode Island, os excursionistas não escondiam a sua satisfação por voltarem a Portugal, onde não vinham há muitos anos. Afectuosa foi a recepção que tiveram no aeroporto, onde os aguardavam parentes e amigos, além dos srs. dr. Paula Pires, pelo S. N. I.; capitão Agostinho Lourenço; dr. Manuel Monteiro, inspector das alfândegas do Ultramar; dr. José Violante; mons. Ave-lino Gonçalves, director de «As Novidades»; António Chambel, antigo funcionário da Casa de Portugal em Nova York; Alberto Lemos, editor do «Jornal Português», de Oakland, padre Manuel Rocha, pároco de Ludlow; José de Thereaga, director comercial da P. A. A., etc. Os membros da excursão da União Portuguesa Continental, que permanecerão em Portugal durante 27 dias, serão recebidos amanhã às 17 horas pelo Presidente da Republica, devendo ser também recebidos pelo Presidente do Conselho e pelo ministro dos Negócios Estrangeiros. Farão diversas visitas aos principais pontos turísticos da capital e arredores, seguindo depois para o Norte.

O sr. Luís Gomes, presidente-geral da União Portuguesa Continental, declarou á chegada: — E' para todos nós uma alegria voltar a pisar terra portuguesa, estar novamente em Portugal, depois de tantos anos de ausência. E ainda mais, numa excursão organizada pela União Portuguesa Continental, patriótica organização cuja acção dentro das relações entre Portugal e os Estados Unidos se tem desenvolvido num ambito de amizade e compreensão.

E referindo-se, depois, á defesa de Angola, a braços com os ataques dos terroristas, o sr. Luís Gomes, declarou: — Há um «comité» comunista na América que procura desenvolver uma acção antiportuguesa, mas posso afirmar-lhe que a maioria dos portugueses que vivem e trabalham nos Estados Unidos está ao lado de Portugal na sua patriótica luta pela defesa da soberania nacional.



O grupo de luso-americanos á sua chegada a Lisboa

Vida artistica

Exposição de pintura no Castelo de S. Jorge

Como foi noticiado, a Camara Municipal vai promover uma exposição de pintura, ao ar livre, no Castelo de S. Jorge, que se prolongará até Outubro. Todos os artistas plásticos podem apresentar quadros da sua autoria e vendê-los directamente ao publico, sem qualquer interferência na selecção e transacção. Ser-lhes-ão cedidos gratuitamente três cavaletes durante dez dias, mediante simples requisição feita na Sala-Museu-Paço da Alcáçova do Castelo de S. Jorge, das 10 ás 16 horas, onde se prestarão todos os esclarecimentos aos interessados.

Para os nossos pobres

De uma pessoa a quem um ente querido morreu, com a mesma enfermidade da doente Cesaltina Costa Santos, da Rua Ceçílio de Sousa, 78, r/c, recebemos 50 escudos para lhe serem entregues.

— De C. F. S., recebemos, para os nossos pobres, 20 escudos, com a intenção do eterno descanso do empresário Ricardo Covões.

VIDA MUSICAL

Musica lisboeta para a C. M. L.

Nove maestros portugueses foram convidados pela Camara Municipal a compor obras musicais baseadas em temas caracteristicamente lisboetas. A iniciativa tem por objectivo o enriquecimento da musica sinfónica nacional. As duas primeiras peças, da autoria dos maestros Rui Coelho e Wenceslau Pinto, são entregues amanhã ao presidente do Município.

Exposição Internacional de Instrumentos Antigos

Satisfazendo o interesse manifestado pelo publico, a Fundação Calouste Gulbenkian deliberou prolongar por mais uma semana a Exposição Internacional de Instrumentos Antigos, que se encontra patente nos salões do Palácio Foz. Esta iniciativa, integrada no V Festival Gulbenkian de Musica, e que constitui um dos seus grandes êxitos, quer pela variedade, quer pela raridade de algumas peças expostas, encerrar-se-á definitivamente no domingo.



SKOL
Loção para bronzear

NÃO É GORDUROSO...
NÃO DEIXA MANCHAS...

Conserva a pele deliciosamente fresca e acetinada. Permite um bronzado maravilhoso, rápido, uniforme e evita as queimaduras do sol.



* Também sob a forma de CREME DE BRONZEAR HIDRATANTE.

UM EXCELENTE PRODUTO WILLIAMS

FATO FEITO

SEDA E LÃ

9 7 5 \$ 0 0

CALÇA DE TERYLENE

a 285\$00

CASACOS DE Lã 385\$00

Lanifícios, a Preços sem concorrência

ALPACA INGLESA

a 275\$00

CAMISARIA

Artigos seleccionados

CASA MAX

193-A — R. D. Estefania — 193-F

Instituto de Oncologia

(Continuação da página central)

soal inscrito no orçamento do Estado é exíguo, tendo havido necessidade de contratar muitos mais profissionais, que têm sido pagos desde há catorze anos pelas verbas próprias daquele estabelecimento.

4) Finalmente, desejamos referir-nos às ligações do Instituto Português de Oncologia com a Universidade. E' com mágoa que, na qualidade de professor da Faculdade de Medicina, assistimos a mais uma dependência da Universidade em relação a departamentos de outros Ministérios. A Universidade tem uma função de tal maneira elevada que colocá-la na dependência de outros departamentos é, em parte, atingi-la nos seus fundamentos. As funções pedagógicas do sector médico da Universidade são tão inseparáveis das funções assistenciais como o são das de investigação.

Hoje a cancerologia exige um ensino pós-graduado muito complexo; ora, é exactamente nesta altura que

CONCURSO

para professor da Faculdade de Medicina

Na Faculdade de Medicina de Lisboa, vão realizar-se provas do concurso para professor catedrático da Semiótica Radiológica, a que concorrem os professores extraordinários srs. drs. José Pereira Caldas e Aleu Saldanha.

Tirada à sorte a ordem de prestação das provas, que se verificará por aquela mesma por que indicamos os nomes dos concorrentes, o concurso começará no dia 17, às 15 horas, com a discussão do «curriculum vitae» do sr. dr. José Pereira Caldas.

No dia seguinte efectua-se a última prova, que consiste numa lição à escolha dos candidatos.

Mercês honoríficas

O Chefe do Estado condecorou com o grau de oficial da Ordem de Avis o sr. capitão Orlando Rodrigues da Costa, e com a de comendador da Ordem do Mérito Agrícola e Industrial os srs. engenheiro-agrônomo Fernando Augusto Santos e Castro, e dr. Armando José Perdigão, António Barradas Nunes; Sociedade Agrícola Clemente Meneiros e a Companhia das Lezírias do Tejo e Sado.

O Ideal Português e a Religião num debate na Casa da Imprensa

Em prosseguimento do colóquio «O que é o ideal português», realiza-se hoje, às 21,45, na Casa da Imprensa, R. da Horta Seca, 20, a 5.ª sessão subordinada ao tema «O ideal português na religião». Será orador o sr. eng. Francisco Sotomayor, seguindo-se um debate. A entrada é livre.

VIDA RELIGIOSA

Homenagem póstuma ao padre Joaquim Lopes Seixal

Os paroquianos de Santo António de Campolide, homenageando a memória do rev. Joaquim Lopes Seixal, que parou aqui naquela freguesia durante 17 anos, vão no dia 15, à tarde, em romagem à sua campa, no cemitério de Alcochete.

Após a visita à campa será rezada missa por alma daquele sacerdote na igreja paroquial de Alcochete, sua terra natal.

As adesões a esta homenagem recebem-se na igreja de Santo António de Campolide, ou pelo telefone 685368.

O ENCONTRO

entre os sindicatos bancários e o respectivo Grémio

LEIRIA, 4 (Pelo telefone).—Os empregados bancários de Leiria enviaram ao Grémio Nacional dos Bancos e Casas Bancárias um telegrama manifestando confiança nas diligências das direcções dos sindicatos durante a reunião que vão ter em Lisboa com aquele organismo. O motivo do encontro é a urgente revisão do contrato colectivo de trabalho que regula as relações entre aqueles organismos.

EM FERREIRA DO ALENTEJO O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDO-SE NA TABACARIA «A CHICA»

a Universidade, pelas razões expostas, se encontra impossibilitada de cumprir integralmente neste sector uma das suas mais altas finalidades — a extensão universitária.

A interferência no mesmo Instituto de duas administrações e a existência de dois quadros de pessoal (Ministério da Saúde, na parte hospitalar, e Ministério da Educação Nacional, no que respeita ao ensino de investigação), com todas as consequências que daí advirão e cujos exemplos bem conhecemos, vão certamente atingir a unidade do Instituto, que, evidentemente, não se querera transformar num hospital para cancerosos.

A coordenação com a restante rede hospitalar poderia ser eficazmente levada a efeito mantendo-se o Instituto de Oncologia na dependência da Universidade. Esta dependência encontra-se, de resto, em muitos países. Por exemplo: Frances Delafield Hospital, anexo à Universidade da Columbia, e o célebre Memorial Center for Cancer and Allied Diseases, que engloba o Memorial Hospital, o James Ewing Hospital, o Sloan Kettering Institute for Cancer Research e a Strang Prevention Clinic. No Memorial Center especializaram-se nos últimos 30 anos quase todos os principais cancerologistas das Américas do Norte, Central e Sul. Ora o Memorial Center depende da Universidade Cornell.

Cada vez é maior o numero de Faculdades de Medicina que incluem no seu ensino disciplinas de cancerologia e assistimos a uma multiplicidade cada vez maior de cursos de especialização do mesmo ramo. Na Inglaterra, a par do ensino de base de cancerologia, há ensino pós-graduado para manter os médicos a par dos progressos e terapêutica do cancro e ainda um curso superior que assegura a formação de cirurgiões, radioterapeutas e médicos que queiram especializar-se no tratamento do cancro.

A especialização em oncologia é muito particular, é uma «especialização de grupo». Cada especialista, qualquer que seja o seu ramo de especialidade geral, tem de possuir uma formação oncológica, que só tem possibilidade de adquirir através de um ensino aprofundado em institutos altamente organizados e perfeitamente equipados. Grande erro o pensar — repetimos — que um instituto de oncologia é um hospital para cancerosos.

Há hoje toda a tendência para centralizar o combate contra o cancro em institutos de oncologia, e é de desejar que assim seja no futuro (último Congresso Internacional do Cancro, Londres, 1958).

O problema oncológico é tão particular que a Organização Mundial de Saúde, que é um órgão coordenador de todos os assuntos médicos, deixou a cargo de outra organização — a União Internacional contra o Cancro.

Do que acabámos de expor não podemos concordar com a «passagem» do Instituto do Cancro para o Ministério da Saúde, apesar de se afirmar que desta «passagem» não devem resultar prejuízos para o ensino e para a investigação.

Teve morte trágica atropelado por uma camioneta

GRANDOLA, 4. — Quando passava no sítio de Canal Caveira, a 8 metros desta vila, uma camioneta de carga conduzida pelo sr. Adriano Pais Simões, de 38 anos, natural e residente em Moletos (Tondela), colheu gravemente o sr. José da Conceição Figueira, casado, de 31 anos, natural de Barros, deste concelho, industrial de cortiças, naquela localidade.

Uma patrulha da G. N. R. fez conduzir a vítima ao hospital de Grandola, onde lhe foram prestados os primeiros tratamentos, seguindo, depois, por ser grave o seu estado, numa ambulância dos Bombeiros Voluntários desta vila para o hospital de Setúbal, onde faleceu pouco depois.

OS EFFECTIVOS do pessoal da Armada

Um decreto-lei, que aumenta, os efectivos de oficiais e praças da Armada, estabelece que enquanto os novos quadros de sargentos e praças da classe de fuzileiros não forem completamente preenchidos, é autorizado o ministro da Marinha a regular, por portaria, as condições de ingresso e de promoção na mesma classe. Incluem-se nessa disposição a transferência de pessoal de outras classes da Armada para a classe de fuzileiros, a readmissão de reservistas no serviço activo e a dispensa de todas as condições especiais de promoção em qualquer posto.



Em Nova York, as concorrentes ao título de «Miss Universo» posam em redor do «mayor» daquela cidade. Estão todas risonhas e o «mayor» também

O PRETO NO BRANCO

Falar difícil

de RAMADA CURTO

E' diferente daquilo a que se chama falar barato. Falar barato é um direito que tem um sujeito sem responsabilidades. Outro tanto não se pode dizer daqueles homens que têm responsabilidades porque esses não podem falar difícil. O seu dever obriga-vos a falar fácil para serem entendidos. As ordens dos que comandam homens e dão ordens, precisam de saber de dar ordens precisas, nítidas e claras. As leis precisam como as ordens de ser fáceis de entender. Um plano estratégico como um código que contém todas as ordens legais em qualquer natureza do Direito divide o que manda fazer ou proibir que se faça em artigos, parágrafos e números. Uma ordem militar atrapalhada e obscura conduz à derrota os exércitos e um código discursivo com artigos que parecem artigos de fundo é um código mal feito. O pensamento pode ser complicado e difícil mas deve ser expresso por palavras claras e em orações curtas que procurem atingir a precisão da matemática que é, ainda que difícil, a mais fácil maneira de exprimir raciocínios. Os raciocínios complicados precisam de ser expressos por palavras simples. Por isso é lamentável e perigoso falar difícil para quem fala e para quem ouve. As ideias complicadas podem ser ministradas em hostias, pilulas, grageias como se faz aos remédios para serem tomados mais facilmente.

Bem sei que tomar remédios não é o mesmo que aprender ideias ou raciocínios de outros. Exagerando a imagem dos remédios e das ideias, não se vá julgar que torna extensiva a imagem, às injeções, ou seja por via parentérica ou por supositórios ou mesinhas. E' necessário explicitar as ideias. Explicitar significa desfazer as pregas. Pregas diz-se em latim, plica de onde o verbo explicar ou em português explicitar, significa desfazer as pregas de um tecido. Num estabelecimento onde se vendem tecidos, o pessoal do balcão traz os tecidos em peça para a tampa do balcão, desdobra-as e para que os fregueses vejam bem a natureza do tecido, explica-a, desfaz-lhes as mais pequenas rugas ou pregas. Assim se deve fazer aos raciocínios. E' um dever dos conferencistas, expositores ou prelectores ou seja falar sobre coisas difíceis com palavras fáceis. De onde eu prefiro ouvir algum «fala barato» dos que um outro que fale difícil. Porque o primeiro pode fazer-me rir, enquanto o outro seca-me, aborrece-me, alisa-me, transforma-me, no que se diz dos pratos que não são de sopa, num serviço de loiça para jantar onde há pratos sopeiros e pratos lisos.

E' pena que eu não tenha jeito para a matemática. Se tivesse essa tendência para as matemáticas expressaria-me em equações ou em cálculos de qualquer natureza. Tenho ouvido falar. Dizem-me que a matemática tem uma metafísica. Em matéria de altos cálculos dizia-me um amigo meu que o mais moderno, o mais abstracto, o mais puro é o cálculo tensorial e convidava-me a aprendê-lo. Respondi-lhe que em matéria de cálculos só conheço um que é um enorme que tenho na vésicula biliar que nem com uma tábuca de logaritmos se resolve só se resolvendo com bisturi afiado. Não aprendi, e nem quero aprender. Burro velho não aprende linguas nem cálculos. Que isto tudo é muito complicado. Calcula-se uma coisa e sai outra e a sorte grande sai sempre — mas sai sempre

Morreu Celine

PARIS, 4 — O escritor Louis-Ferdinand Celine faleceu, no domingo, na sua casa, um chalé de Meudon, nos arredores de Paris. Fez-se uma autêntica barreira de silêncio em redor desta morte e ainda a noite passada, no seu domicílio, se dizia que o escritor estava gravemente enfermo. Louis-Ferdinand Celine, que tinha 66 anos, vai a enterrar esta manhã, no cemitério de Meudon. — (F. P.).

N. da R. — Louis-Ferdinand Celine, cujo nome verdadeiro era L.F. Destouches, nasceu em 27 de Maio de 1897 em Asnières. Gravemente ferido na guerra de 1914, foi trepanado e recebeu a Medalha Militar e a Cruz de Guerra com palmas. Durante a convalescência terminou o curso liceal e estudou Medicina. Médico da Marinha, colaborou na imprensa da especialidade e publicou, em 1925, «A quinina na terapêutica». De 1926 a 1936, trabalhou na Clínica do Estado de Clichy. Em 1932 esteve quase a obter o Prémio Goncourt. Publicou: «L'Eglise» (1933), «Mort à crédit» (1936), «Mea Culpa» (1937), «L'Ecole des cadavres» (1938), «Bagatelles pour un massacre» (1938), «Les beaux draps» (1941), «Guignol's band» (1943), «L'agité du bocal» (1948), «Foudres et fleches» (1949), «Le casse-pipe» (1949), «D'un chateau a un autres» (1952), etc.

Anti-semita, médico e companheiro de Petain e do Governo de Vichy, acusado de colaboracionismo com os nazis, Celine tinha, no entanto, o prestígio de uma obra de espantosa qualidade literária e de uma imensa força poética.

aos outros. E' tudo ter «chances» ou ter azar. De resto tudo isto é um engano. Um sobrinho do meu velho amigo Malaquias Raposo tinha a tineta da matemática. Doutorou-se em matemática, foi ao estrangeiro, estudou, aprendeu, voltou a Lisboa, sua terra natal, dele e minha e agora desconhece-se que o rapaz afinal o que é é poeta. Não que faça versos. Lá isso não faz. E' poeta mas modernista. Faz poemas sem versos, sem sílabas, sem cesura, sem ritmo, sem musica, sem nada, mas é poeta. Eu desconfio que na verdade o que ele é, é maluco. Tem a mania que é poeta e que para a matemática falta-lhe a fantasia, a inspiração, o estro, o sonho. Diz-me, que o que tem para ser poeta chega-lhe, mas para ser matemático falta-lhe. E tem outra mania. Como é rico diz aos amigos que é bolchevista e isso não lhe pode criar dificuldades porque ninguém o acredita. Ele anda sempre nos seus e vários esplêndidos automóveis e como eu, para o ouvir, lhe falasse num pobre rapaz, que anda à procura de emprego, lhe disse que talvez esse rapaz é que fosse bolchevista. Ele respondeu-me com um infinito desdém:

— Esse tipo! Nem tem automóvel e quer ser bolchevista? Fui há dias vê-lo ao Julio de Matos. Gostei de o ouvir. Explicou-me coisas complicadas e não me falou difícil. Falou-me com nitidez e precisão. Eu entendi-o muito bem. A certa altura ageneou. Recitou-me, poesias da sua lavra. Fugiu! Nunca mais lá volto que aquilo é contagioso. Fui para casa e escrevi um artigo difícilíssimo que ninguém compreendeu. Nem eu. Pois se eu lhes digo que há doenças infecto-contagiosas.

Comandante naval dos Açores

O comodoro Francisco Gouveia Spínola, comandante naval dos Açores, que durante vários dias se manteve em Lisboa, regressou hoje a Ponta Delgada num navio-patrulha, a fim de reassumir as suas funções.

O ESPANHOL CRUZ ganhou a 3.ª tirada da Volta do Futuro

TURIM, 4. — O espanhol Cruz ganhou a terceira tirada da Volta do Futuro, St. Jean de Maurienne-Turim, 151,500 km. O seu compatriota Gabica, passa a comandar a classificação geral.

A época de exames

Prosseguem as provas da 2.ª chamada dos exames liceais. Esta manhã, às 9 horas realizaram-se as provas de Matemática, do 2.º ciclo, e de Latim e Geografia, do 3.º, às 11, a de Matemática, do 3.º e às 11 e 30, a de Francês, do 2.º. À tarde, às 15 e 30, efectuou-se o exame de Ciências Geográficas-Naturais, e às 17 e 30, realizou-se o ponto de Matemática, ambos do 1.º ciclo.

Amanhã, às 9 horas, efectuam-se as provas de História, do 2.º ciclo, e de Inglês, Ciências Físico-Químicas e Grego, do 3.º às 11, a de Geografia do 2.º, às 15, a de Desenho Geométrico, e às 17 e 30, a de Composição Decorativa.

Ensino Técnico

Continuaram esta manhã as provas escritas da 1.ª chamada dos Cursos de Formação do ensino técnico. Às 9 horas efectuou-se a prova de Elementos de Física e Química dos cursos industriais, e às 10 horas, a de Ciências Físico-Naturais, do C. Geral do Comércio. Estes exames prosseguem amanhã com o ponto de Cálculo Comercial, que será realizado às 9 horas.

Exame do 1.º Ciclo

(2.ª Chamada)

Prova escrita de Francês

Texto

a) Un homme avait l'habitude de s'abandonner sans motif à des transports de colère. C'était surtout son domestique qui avait à souffrir de ses emportements. Il y avait des jours où tout ce que faisait le pauvre garçon était mal fait, et il lui fallait porter la peine de beaucoup de fautes dont il était innocent.

b) Un jour, son maître rentra de très mauvaise humeur et se mit à table pour dîner. La soupe ne se trouvait ni trop chaude ni trop froide; mais le maître était de mauvaise humeur: il n'en fallait pas davantage. La fenêtre était ouverte; il prit la soupère et la jeta dans la cour. Alors, le domestique, de l'air du monde le plus tranquille, fit voler aussi pour la fenêtre le plat qu'il allait mettre sur la table; puis le pain, le vin, tout le couvert, et enfin la nappe.

c) — Malheureux, qu'est-ce que tu fais? demanda le maître furieux. — Monsieur, répartit le domestique avec le plus grand sang-froid, pardonnez-moi si j'ai mal deviné votre pensée; j'ai cru que vous vouliez dîner aujourd'hui dans la cour.

Le maître comprit la leçon; il sourit de la présence d'esprit de son domestique, et cessa, dès ce jour, de se livrer à ses ridicules emportements.

I Tradisez les alinéas a) e b) du texto.

Répondez, par des phrases complètes, aux questions suivantes: a) Quel était le grand défaut de cet homme? b) Qui était la victime de ses emportements? c) Qu'a fait son maître un jour où il se trouvait de mauvaise humeur? d) Qu'a fait le domestique en voyant le geste de son maître? e) Pourquoi le garçon a-t-il suivi l'exemple de son maître?

III

1.º Trouvez le genre des noms suivants et faites précéder chaque mot de l'article indéfini convenable: a) habitude; b) humeur; c) pensée; d) plat. 2.º Écrivez le féminin des noms suivants: a) homme; b) domestique; c) garçon; d) maître; e) monsieur. 3.º Mettez au pluriel *il sourit de la présence d'esprit de son domestique*. 4.º Écrivez au passif: *Le maître comprit la leçon*. 5.º Remplacez les verbes par le «passé composé» dans la phrase: *il prit la soupère et la jeta dans la cour*. 6.º Écrivez au discours indirect: *pardonnez-moi si j'ai mal deviné votre pensée*. (Vous pouvez faire précéder le discours indirect de l'expression: *Le domestique dit à son maître de lui pardonner*...).

IV

Rendez en français: a) A história que nós acabamos de ler é muito interessante, porque nela se vê o que um homem exaltado pode fazer aos criados que lhe aturam as suas impertinências. b) A lição que este senhor recebeu do seu criado é um belo exemplo para aqueles que não sabem dominar os seus impulsos de cólera.

Prova escrita de Língua e História Pátria

Texto

«Ninguém sabia explicar como em tão árido deserto conseguira medrar aquela árvore. Os viajantes respiravam aliviados quando, de

longe, avistavam o seu vulto frondoso; sob a sua densa folhagem, juntavam-se as caravanas.

A árvore, porém, não era apreciada: mal lhe prestavam atenção os viajantes, e muitos por passatempo esfolavam-lhe o tronco com as facas.

Certo ancião, abrigando-se uma vez à sua sombra, descobriu que um mal a consumia, e logo, piedosamente, pôs-se a tratá-la com desvelo carinhoso. Mofaram da sua paciência os homens da caravana, e o velho, sem agastar-se, assim lhes falou:

— Rides de mim, porque pratico o bem; mas talvez venhais um dia a arrepender-vos da vossa ingratidão. A árvore sucumbe; não há mais a fazer-lhe.

Foram-se os caminheiros. Certa tarde, a um rijo golpe de vento, a árvore, cuja folhagem amarelecera, rolou com fragor no solo.

Vinha de volta a caravana, e os homens antegozavam já a delícia de um lento repouso à sua sombra, quando pasmaram do encontro: folhas secas, ramos quebrados e o tronco desconforme meio coberto pelas areias. Foi então que os homens compreenderam o valor da árvore e a fortuna que perderam.

Questionário

I 1. Que benefícios prestava aos viajantes a árvore de que se fala no texto? 2. Como mostravam os viajantes o seu pouco apreço e a sua ingratidão para com ela? 3. Teve razão o velho no que disse? Porquê?

II

1. Escreva os adjectivos do segundo período do texto e diga o seu significado. 2. Diga como se formaram as palavras «carinhoso» e «ingratidão» e indique o significado dos afixos. 3. Sem empregar o adverbio não, escreva as expressões antónimas das seguintes expressões do texto: a) *rijo golpe de vento*; b) *cuja folhagem amarelecera*; c) *vinha de volta a caravana*. 4. Leia com atenção o primeiro período do terceiro parágrafo do texto e responda ao que se pede nas alíneas seguintes sobre esse período: a) Divida e classifique as proposições; b) Que função sintáctica desempenha a expressão «uma vez»?; c) Classifique morfologicamente o «a» nas duas expressões: «a» consumia» e «pôs-se a tratá-la». 5. Ponha no discurso indirecto a fala do ancião.

Redacção

Ordinariamente só apreciamos o bem depois de o ter perdido. A saúde é um desses bens que, por vezes, se perde. Numa pequena, mas cuidada redacção, diga como devemos proceder para conservar uma boa saúde e refira-se a alguns inimigos desta.

Exame do 3.º Ciclo

(2.ª Chamada)

Prova escrita de Latim

(Os Éduos, que tinham sido aliados de César, abandonaram-no e reclamam o comando supremo do exército gaulês).

Defectioe Haeduum cognita, bellum augetur. Legationes in omnes partes circummittuntur; quantum gratia, auctoritate, pecunia valent, ad sollicitandas civitates nituntur. Nacti obsides, quos Caesar apud eos deposuerat, horum supplicio dubitantes terrantur. Putant a Vercingetorige Haedui ut ad se veniat rationesque belli gerendi communicet. Re impetrata, contendunt ut ipsis summa imperii tradatur et, re in controversiam deducta, totius Galliae concilium indicitur. In eo concilio ad unum omnes Vercingetorigem probant imperatorem.

I

Traduza o texto.

II

1. Justifique o caso em que se encontram as formas seguintes do texto: *partes* (linha 2), *obsides* (linha 3), *ipsis* (linha 6) e *imperatorum* (linha 9). 2. De outra redacção de sentido equivalente á expressão: «ad sollicitandas civitates» (linha 3). 3. Socorrendo-se das palavras do texto «omnes partes», exprima em latim os seguintes complementos de lugar: a) de todas as partes; b) de toda a parte c) para toda a parte; d) em todas as partes; e) por todas as partes.

III

Ponha em Latim:

Os Éduos queriam obter o comando supremo, mas não o conseguiram. Embora a sua defeção fosse apreciada pelos Gauleses, todos julgaram que Vercingetorige devia ser designado como chefe.

ENSINO TÉCNICO

PROFISSIONAL

Curso de formação industrial

Matemática

I

Resolva as seguintes equações:

1)
$$\frac{5}{6} (2x + 1) = 2 - \frac{1}{2}$$

2)
$$P = \frac{r}{s} (0,2 t)^2$$

(em que a incógnita é t)

II

Observação importante: Nos dois exercícios seguintes, o aluno deve indicar o desenvolvimento do cálculo.

1) Determine o valor da seguinte expressão, sem calcular os quadrados dos números 10,5 e 9,5. (Sugestão: Lembre-se de um produto notável).

2) Conhecendo o valor de 100%, e sem efectuar o produto 101×101 , calcule 101%.

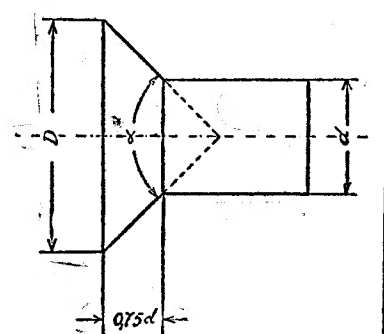
III

Na expressão seguinte, calcule o valor de H em polegadas (") para $d = \frac{1}{2}$.

(Observação: Procure chegar a uma fracção irredutível).

$$H = \frac{\frac{1}{16}}{\frac{1}{3} - \frac{1}{4}}$$

IV



Esta figura é simétrica em relação a um eixo, conforme vai indicado. O ângulo a é 90°. Exprima D em função de d.

V

Dada a expressão:

$$P = \frac{kV^2}{e}$$

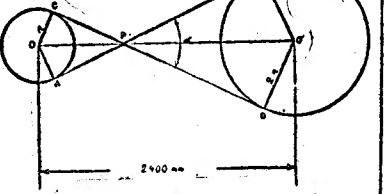
1) Suponha, primeiro, k e V constantes. Haverá proporcionalidade entre P e e? Se houver, de que tipo será? 2) Suponha, agora k e e constantes. Se V duplicar, que variação resultará para P? 3) Suponha, finalmente, que só k é constante. Se para primitivos valores de V e e, P tomar o valor 12, que valor resultará para P se V duplicar e e triplicar em relação aos primitivos valores?

VI

Condições da figura: A circunferência de centro em O' tem um raio duplo da de centro O. A soma dos raios mede 600 mm. CD e AB são tangentes comuns às circunferências. 1) Calcule o comprimento do segmento AB.

$$\overline{OC} + \overline{O'B} = 600 \text{ mm}$$

$$\overline{OC} + \overline{O'B} = 600 \text{ mm}$$



2) Indique a expressão que servirá para calcular o ângulo a, a partir duma razão trigonométrica desse ângulo.

Curso de formação industrial

PORTUGUÊS

Texto
A ciência calculou as relações do Homem com a natureza e sub-

meteu as matérias á vontade do mesmo Homem.

Já se calculou o numero de cavalos-vapor actualmente á disposição da indústria como equivalente ao trabalho de dois biliões de criaturas. Quer isto dizer que a Humanidade pode hoje dispor de biliões de escravos de aço.

Os grandes empreendimentos materiais da cidade humana não mais serão conseguidos á custa do sacrificio de carne, sangue, dores e lágrimas, mas de metal bruto. O Homem limitará-se á ás funções do olho que verifica, do cérebro que pensa, do dedo que dirige.

A frágil e pensadora criatura captou a voragem das forças cósmicas e pôs ao seu serviço o imenso exercito dos monstros de aço por ele mesmo criados, que lhe proporcionam uma vida melhor e a conquista do Universo, em que ele é pó pela grandeza do corpo, mas gigante pela capacidade do seu espirito.

I

Interpretação

1) Como explica que a ciência tenha modificado as relações do Homem com a natureza e que a matéria esteja hoje submetida á vontade do Homem? 2) Que são os «escravos de aço» e qual a razão deste nome? 3) Como pode o Homem ser simultaneamente pó e gigante?

II

A palavra

1) Classifique, quanto á formação, as seguintes palavras do texto: *máquina, actualmente e cavalo-vapor*. 2) Escreva e classifique morfologicamente três palavras invariáveis do texto. 3) Classifique, quanto á sua acentuação, todas as palavras desta frase: *mostrou-me plantas exóticas*.

III

A frase

1) «Quando inventou a primeira máquina, o homem compreendeu que uma nova era surgira para ele». Divida e classifique as proposições deste período. 2) Classifique logicamente os elementos sublinhados. 3) «A máquina modificou as condições de vida do homem». Ponha esta frase na voz passiva.

IV

Redacção

Faça uma redacção subordinada ao tema:

A importância da máquina para o Homem

Cursos de formação comercial

Inglês

I

A) Read the text carefully: When Bob was a little boy, his granny used to tell him this story: As you know, grandfather was a chemist, and one day a neighbour walked into his shop and asked him whether he had anything to cure a headache. My husband took a bottle from under the counter, held it close to the man's nose and took out the cork. Soon the man's eyes were filled with tears which ran down his cheeks.

* a) «What did you do that for?» he said, angrily, as soon as he could get back his breath.

b) «But the medicine has cured your headache, hasn't it?» said grandfather.

c) «You, fool», said the man, «it's my daughter who has a headache, not me».

Such stories always made the old lady and Bob laugh a lot, and the boy kept asking his grandmother many questions. This time, he asked her why the man's wife had got a headache. Then he wanted to know if that bottle was the only one in the shop. Next he remembered his grandfather and wanted to know something about him. At last he asked his grandmother what the man's wife had said when her husband told her what had happened.

B) Now, imagine what Bob's questions and his granny's answers were and write them down: (quatro perguntas e quatro respostas).

C) 1. What do you suppose the man said when he entered the shop? (Direct Speech).

2. Put into Reported (Indirect) Speech the dialogue. Look at the story again! (*).

3. Put into the plural: When he was a little boy, his grandmother used to tell him this story.

4. Write the following sentence beginning: *Bob...* The old lady had told Bob an amusing story.

5. Bob's grandmother was 80 years old. Bob was eight and his brother John five. Now, if you

want to compare their ages you must use adjectives in different degrees. Will you complete the following sentences? a) Bob was... John b) Bob was not... his grandmother, of course! c) John was... of the three.

6. Look at this sentence: *Many years ago kind grandparents bought nice story-books and gave them to their grandchildren.*

Now write the above sentence beginning with the following expressions of time: a) *Since then*, other... b) *And in the years to come*, other...

II

A) Little Bob grew up and is now Mr. Robert Baker, a clever business man. His grandfather's shop is a big firm, Robert's own firm, The Scottish Chemical Industries, at 23, Market Street, Glasgow, S. E. They have just received a letter:

Williams Laboratories
14, Duke William Street,
LONDON SW 1.

28th June, 1961.

The Scottish Chemical Industries,
23, Market Street,
GLASGOW, S. E.

Dear Sirs,
We should very much appreciate if you would send us send samples of meprobamato and sulphatiazol.

Kindly let us know your best quotations (C. I. F.) for a substantial order. Quick delivery would oblige.

Hoping to hear from you at an early date,

We remain,
Yours faithfully,
Williams Laboratories
(Signed) E. Williams

B) Show that you can understand such a business letter by giving complete answers to the following questions: 1. What do the senders of this letter ask for in the first paragraph? 2. Please, write in the spaces below the four main points in the second paragraph. 3. What are The Scottish Chemical Industries asked to do in the third paragraph?

C) Suppose you are one of Mr. Robert Baker's employees. Mr. Baker has read the letter and asks you to write an answer with *tomorrow's date*, inside address, etc. In your reply, you (your firm, of course!) must... 1. tell those gentlemen you've got their letter; 2. tell them you are doing what they have asked you to do; 3. mention your terms of payment; 4. also tell when delivery would take place. Write the complimentary close but do not sign. Mr. Robert Baker will do it tomorrow, when he comes to the office.

FRANÇAIS

Le texte

Lisez attentivement:

La pomme de La Fontaine

Le poète La Fontaine avait l'habitude de manger tous les matins une pomme cuite. On raconte qu'un jour il en avait mis une sur sa cheminée, pour la laisser refroidir, et qu'en attendant il était allé chercher un livre dans sa bibliothèque. Un de ses amis entra dans la chambre, aperçut la pomme et la mange. La Fontaine, en rentrant, ne voyant plus sa pomme, devine ce qui est arrivé. Alors, il s'écrie avec émotion: — Ah! mon Dieu! qui a mangé la pomme que j'avais mise sur la cheminée?

— Ce n'est pas moi, répond l'autre.

— Tant mieux, mon ami.

— Et pourquoi cela?

— Parce que, reprend La Fontaine, j'avais mis de l'arsenic dedans pour empoisonner les rats.

— Ah! mon Dieu! de l'arsenic! s'écrie son ami, je suis empoisonné!

— Tranquillisez-vous, mon cher, dit La Fontaine en riant, c'est une plaisanterie que j'ai faite pour savoir qui a mangé ma pomme.

I

L'interprétation

1) Pourquoi La Fontaine avait-il l'habitude de manger une pomme chaque matin? 2) Pourquoi La Fontaine avait-il mis, ce jour-là, la pomme sur la cheminée? 3) Qu'est-il arrivé après? 4) Quel était le but de La Fontaine en disant que la pomme était empoisonnée?

II

La rédaction

Heureusement, l'ami de La Fontaine n'était pas empoisonné! En

(Continua na página seguinte)

A época de exames

(Continuação da página anterior)

tout cas, honteux de son action, il a résolu la raconter à un autre de ses grands amis. Pensez-y, réfléchissez-y et rédigez vous-même le dialogue entre eux. (Ce serait mieux de donner un nom à chacun des deux amis de votre histoire).

III

L'expression et le vocabulaire

1) Expliquez en employant des expressions de votre préférence, le sens des mots suivants: a) empoisonner. b) plaisanterie. 2) «Il s'écrie avec émotion». Traduisez la même idée par une phrase de votre invention. 3) «Le poète La Fontaine...». Avec des mots de la famille de poète complétez les phrases suivantes: a) Cette dame écrit des œuvres... b) Elle a décrit très... ce paysage. 4) Écrivez l'expression ayant le sens contraire de «Un de ses amis entre dans la chambre».

IV

Le Langage et ses problèmes

Écrivez une proposition temporelle ayant le même sens que «en attendant». 2) La Fontaine n'a pas vu la pomme sur la cheminée et il s'est écrié: «Qui a mangé la pomme que j'avais mise sur la cheminée?» Mettez au discours indirect la phrase. 3) «Il était allé chercher un livre dans sa bibliothèque». a) Conjuguez en toutes personnes. b) Écrivez la même phrase en remplaçant le pronom il par La Fontaine et son ami, en faisant les modifications convenables.

V

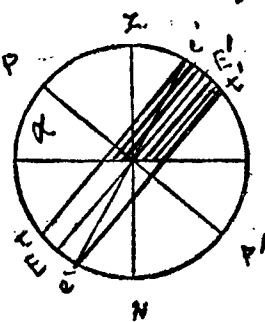
La correspondance commerciale

Les fruits sont des aliments sains et nutritifs. Au nom de M. Pierre Durand, gérant de la maison Oliveira, Durand & C., Rue Rivoli, Paris, passez une commande de 50 caisses de pommes portugaises à M. Arnaldo Costa, gérant de la maison A. Costa, L., Rua Garrett, Lisboa. Donnez toutes les instructions nécessaires sur l'emballage, l'expédition, les conditions et le mode de paiement.

Solução da prova escrita de Geografia do 3.º ciclo

(1.ª Chamada)

Cosmografia 1.ª PARTE



a) É o ângulo (X) que o eixo do Mundo forma com o horizonte geocêntrico.

b) Observemos a figura: O Equador é interceptado pelo horizonte em duas partes iguais. Quer dizer, quando o Sol desce o equador, o que acontece em dois dias do ano (equinócios de Março e de Setembro) o período diurno é igual ao período nocturno.

Cada um dos paralelos descritos pelo Sol é cortado em partes desiguais sendo os arcos de paralelo acima do horizonte tanto maiores quanto maior é a declinação do Sol.

Assim, desde o equinócio de Março até ao de Setembro, os dias são maiores que as noites e atingem a sua máxima duração quando o astro desce o Trópico de Cancer (solstício de Junho). Os mesmos arcos de paralelo acima do horizonte são tanto menores quanto maior for o valor absoluto da declinação Sul. Temos, portanto, dias menores que as noites desde o equinócio de Setembro até ao equinócio de Março; e o dia menor do ano é quando o Sol desce o Trópico de Capricórnio (solstício de Dezembro).

Geografia física

2 — Nos lugares de latitude elevada o Sol sobe pouco acima do horizonte e os seus raios incidem, sobre a superfície terrestre, ao meio-dia solar, com grande inclina-

ção. Nos lugares de latitude baixa, o Sol atinge grandes alturas meridianas, nunca inferiores a 66° 33' no Equador, e, os seus raios solares incidem ao meio-dia solar com fraca inclinação, sobre a superfície terrestre. Assim, de acordo com as leis de Bonguer, quanto maior é a latitude menor o aquecimento da superfície terrestre, porque os raios solares atravessam uma maior espessura de atmosfera e espalham-se por uma área mais extensa. Logo: a temperatura é tanto mais baixa quanto maior for a latitude.

3 — a) De uma maneira geral a pressão atmosférica aumenta do Equador até latitudes próximas dos 30° e diminui para os polos. Temos assim mínimos barométricos correspondentes à zona equatorial e máximos barométricos nas regiões de latitudes médias.

b) As zonas de altas e baixas pressões mudam de posição durante o ano porque o aumento da temperatura produz decréscimo de pressão. Assim, as cartas de isobáricas de Julho mostram que tanto os centros de altas pressões, situadas nos oceanos, como o mínimo equatorial, sofrem um desvio para Norte, em relação à sua posição nas cartas de isobáricas de Janeiro. Também se nota que na Ásia e na América se formam centros de baixas pressões enquanto na Austrália e na África do Sul as pressões são altas, ao contrário do que acontece nas cartas de isobáricas de Janeiro, onde os centros de altas pressões se situam nos continentes do hemisfério norte e as baixas pressões na Austrália e África do Sul.

4 — a) Os climas mediterrâneos distribuem-se pelas regiões banhadas pelo Mediterrâneo, parte de Portugal, Califórnia, Pérsia, Chile Central, Sul da África e Sudoeste e Sueste da Austrália. b) A latitude é o principal factor, todas as regiões apontadas se encontram à volta dos 30°. A influência dos ventos secos e quentes vindos de desertos próximos é comum a todas essas regiões. A região mais extensa é muito influenciada ainda pelo Mediterrâneo, mar interior, que dá o nome ao clima.

5 — a) Wegener admite que a crosta terrestre, constituindo um enorme bloco rochoso e deslizando sobre uma massa mais pesada e plástica — o magma, se tenha dividido em compartimentos que, pouco a pouco se afastaram para W e S. O magma, pelo princípio da isostasia, preencheu, as faturas até certa altura dando origem a depressões devido à sua maior densidade. A água que envolvia o bloco primitivo invadiam-nas formando os oceanos. Os arcos insulares resultariam da separação dos blocos, e as cadeias montanhosas seriam devidas a forças tangenciais, resultantes da resistência oferecida pelo magma aos continentes que sobre ele fluíam.

b) Esta teoria baseia-se no paralelismo das costas banhadas pelo Atlântico e das costas de Moçambique e Madagáscar Ocidental e, no facto de os fundos oceanicos serem de rochas eruptivas e não sedimentares.

6 — No Centro Litoral de Portugal são comuns as povoações nebulosas sem que as casas embora próximas tenham tendência para se dispersarem. É um tipo de povoamento característico de uma região de transição climática. A cidade de Lisboa que domina quase toda a região é uma cidade de estuário que se desenvolveu extraordinariamente, em grande parte devido ao rio Tejo ser uma boa via de comunicação. A largura e profundidade das águas na foz, permitindo a entrada de navios de grande tonelagem e o abrigo de qualquer das maiores esquadras navais tornou Lisboa um dos melhores portos do Mundo.

A exploração agrícola da Estremadura é muito variada como é também variada a composição geológica dos terrenos a que a vegetação e as culturas são sensíveis. Assim, nos barros basálticos dos arredores de Lisboa cultiva-se o cereal, nos calcários ou existem charnecas que só dão mato e pasto ou se cobrem de oliveiras. Nas regiões mais baixas, em terrenos argilosos, há hortas regadas e as colinas assim como as areias do litoral revestem-se de pinheiros.

7 — a) O arroz, bastante exigente quanto a condições climáticas, é próprio das regiões quentes e húmidas com uma época seca. Durante a germinação necessita de temperaturas elevadas (média superior a 24°) e grande quantidade de água, renovada, a cobrir as plantações; o solo deve ser rico e de fácil irrigação encontrando-se de preferência nos vales, deltas, em planícies facilmente inundáveis. Também se

cultiva em terraços, nas colinas para onde possam ser canalizados os cursos de água. Há ainda uma variedade cultivável nas zonas secas — é o arroz de montanha.

b) A grande região produtora é a Ásia das Monções, de grande pluviosidade na época mais quente, provocada pela monção marítima. A China, o Japão, a Indonésia, a União Indiana, Filipinas e Ceilão são os maiores produtores. Na Europa, só as regiões de clima mediterrânico têm condições aproveitáveis desde que previamente sejam realizados trabalhos de irrigação. Apenas merecem citar-se, a planície do Pó e algumas zonas do Sul e Sueste da Espanha.

8 — Rangun é o primeiro porto mundial, exportador de arroz.

2.ª PARTE

Geografia de Portugal

I

O Noroeste português, essencialmente granítico, é constituído por planaltos de fraca altitude, cortados por vales, ou, por montanhas, mais ou menos elevadas, entre idênticos vales largos e profundos de orientação geral E. NE-W. SW. No conjunto apresenta-se como um enorme anfiteatro, as altitudes aumentam sucessivamente para o interior, amplamente aberto à influência oceânica. Os ventos carregados de humidade provocam, mesmo no Verão, frequentes chuvas nas regiões mais elevadas o que confere ao clima um cunho verdadeiramente oceânico.

Esta região foi sempre a mais povoada do País e atingiu uma densidade populacional tão elevada que só a indústria e a emigração podem suprir o excesso demográfico. As suas condições naturais para diversas aptidões agrárias, a que se juntam as fainas próprias do litoral, propiciaram a actividade e o adensamento da população.

A fertilidade da terra, devida em grande parte à irrigação que se pratica principalmente no Verão quando a pluviosidade diminui, permite um regime de culturas variadas e remuneradoras. Também, e ainda consequência da grande humidade da região, a criação de gado é uma actividade importante. Contribui para a riqueza e prosperidade desta zona tanto pelos produtos resultantes, como pelo estrume fornecido e que é essencial para a cultura intensiva que se faz em propriedades muito pequenas — os minifúndios — exploradas directamente pelos proprietários da terra. Este tipo de regime agrícola exige cuidados constantes e portanto população numerosa.

Uma série de pequenas indústrias domésticas, de que algumas atingiram desenvolvimento notável, garantem trabalho a parte da população.

Nas regiões montanhosas, os habitantes dedicam-se a uma economia agro-pastoril, procedendo à agricultura nas terras baixas e abrigadas, e à pastorícia nas montanhas, onde os pastos são pobres. Quando estas actividades não conseguem alimentar a numerosa população da aldeia, procura solucionar-se o problema pela emigração. A atracção de certos países ricos e do Ultramar português, tem-se feito sentir desde tempos remotos, e, mantém-se, no mesmo ritmo desde há 30 anos. O Brasil é ainda hoje o país que mais tenta a população do Noroeste, segue-se as nossas províncias ultramarinas, os Estados Unidos da América do Norte, a França, a Espanha, a Argentina e a Venezuela.

A cidade do Porto é o centro de toda a vida económica do Norte. Ocupa uma série de colinas cujos cumes aplanados não vão além dos 160 metros, e, estende-se pelas vertentes que descem para o rio ou se dirigem ao mar. O burgo era originariamente, uma praça-forte, situada no cimo da margem direita do Douro, próximo da foz e no contacto de duas grandes regiões geográficas. Dispõe de uma situação muito favorável ao comércio, na base de toda a circulação do Norte de Portugal, por via terrestre em relação ao Minho, por via fluvial em relação ao Alto Douro e a Trás-os-Montes. Por outro lado, a sua importância económica como centro comercial e industrial, e, como porto fluvial e marítimo, proporcionou o desenvolvimento da urbe, como entreposto de todo o comércio externo do Norte de Portugal. Este desenvolvimento tem-se acentuado no último século, registando um aumento populacional superior ao de qualquer outra cidade do País.

II

a) Os solos em Cabo Verde são muito variados e as suas caracte-

rísticas resultaram, como é evidente da composição das rochas existentes e da acção produzida pelos microclimas actuais ou passados, e pela vegetação que os cobre ou cobriu. Alguns deles são completamente impróprios para a cultura. Nas ilhas de Sal, Boa-Vista e Maio há os «solos salinos» devidos à infiltração da água do mar, onde, se dão apenas, plantas halófitas. Os «solos eólicos», formados de areias resultantes da desagregação das rochas calcárias do arquipélago e de areias siliciosas trazidas pelas lestradas do Sahará, são solos móveis, muito pobres, em geral sem vegetação. Aparecem principalmente nas ilhas orientais. Os «solos calcários» devem ter-se formado em épocas mais fluviósas, pela deposição do carbonato de cálcio em solução nas águas, quando estas subiram devido a fenómenos de capilaridade. Encontram-se em quase todas as ilhas, principalmente, até 200 metros de altitude. Os «solos desérticos» são as superfícies da rocha nua com calhaus não rolados. Deve ter existido um solo, a pouco e pouco destruído pelos gados, queimadas e desbastes da vegetação. Os «solos lateríticos», cuja origem não se sabe ao certo, são bons para a exploração agrícola. Finalmente, os «solos castanhos», resultantes da alteração das rochas eruptivas, húmidos e enriquecidos por poeiras transportadas por ventos e por cinzas vulcânicas e de que a variedade de melhor é constituída pelos «solos de montanhas», são de extraordinária fertilidade.

O clima, com temperatura média elevada e grande regularidade térmica, devido à latitude e situação marítima, tem pluviosidade escassa e muito irregular de uns anos para os outros. As chuvas são, além do mais, concentradas dando origem a enxurradas que muitas vezes destroem as terras de cultura. É evidente que no interior das ilhas, montanhosas, as condições são totalmente diferentes, na ilha do Fogo, por exemplo, aparece frequentemente geada e cai neve.

A falta de vegetação arbórea nas ilhas é o aspecto mais impressionante da paisagem cabo-verdiana. Se este facto é devido à fraca humidade e pluviosidade, não deixa de ser, no entanto, um motivo de agravamento da aridez do clima. É muito antiga a ideia de arborizar o arquipélago e algumas tentativas se têm feito, mas será sempre difícil constituir os primeiros núcleos vegetais.

Os gados foram noutros tempos um dos bons recursos de Cabo Verde, mas, anos de seca sucessivos contribuíram para reduzir consideravelmente o armento. Outros factores no entanto se lhe têm de juntar: o mau aproveitamento das terras e as doenças parasitárias. É urgente a solução de problemas relativos à pecuária e o esforço desenvolvido nos últimos anos tem sido notável, o que permite ter esperança na sua realização.

O problema máximo destas ilhas é pois, a escassez de água. Só este facto impede que muitos solos tenham grande produtividade, e é responsável por outro grave problema — o das fomes. Já algo se tem feito, conseguindo-se nos últimos anos, a introdução ou intensificação do regadio nas ilhas de S. Antão e Santiago, mas muito mais há ainda a fazer.

As ilhas essencialmente agrícolas são as de Santiago, S. Antão, S. Nicolau e Fogo. Nas outras não é possível uma exploração agrícola regular e compensadora.

Distinguem-se três zonas de terras agrícolas, a baixa, a média, e a alta. A primeira pertencem as terras que se situam entre a costa marítima de cotas de 200 a 300 m. É a zona das pastagens, mas, nas regiões mais elevadas, já se cultivam o milho e o feijão, embora em condições precárias, e a purgueira. As colheitas destes produtos são abundantes, quando chove regularmente em Outubro e Novembro, mas, em geral, as chuvas são insuficientes. Registam-se boas produções em geral apenas de cinco em cinco anos. Em compensação, a purgueira, menos exigente quanto a chuvas, cultiva-se e produz bem e com regularidade. A zona média, de 200 a 300 m até 400 a 600 m, é a verdadeira zona de culturas que alimenta a população da colónia. Em exploração racional e com obras de defesa e protecção das terras, a produção poderia ultrapassar o nível das necessidades de consumo interno. Cultiva-se milho, feijão, batata doce, mandioca e, mais raramente, arroz. A zona alta abrange as terras acima de 500 a 600 m, é a mais fértil e aquela em que mais ou me-

nos sempre chove, por isso a que mais se presta à cultura do café. Nos anos de chuvas abundantes que são raros, esta zona torna-se por excesso de humidade, menos produtiva que a zona média.

É na ilha do Fogo que se pratica uma agricultura menos rudimentar e a produção de café, milho, ricino, mandioca e frutas, é mais importante. Em todas as outras ilhas os processos usados são primitivos e rotineiros. A exploração do café de Cabo Verde — muito apreciado e com boa cotação comercial — recebe actualmente assistência da Junta de Exportação do Café.

A fruticultura tem merecido mais cuidados do que as restantes. É especialmente importante a laranja, cuja qualidade é excelente e vem sendo exportada em boas condições não só para a Metrópole como para mercados estrangeiros. Muitas outras frutas, tanto de clima temperado como tropicais, são cultivadas nas ilhas.

A purgueira tem um lugar à parte na economia de Cabo Verde. A exportação das sementes atingiu em alguns anos grande valor, e, embora tenha decaído consideravelmente, constitui ainda o produto de maior importância na exportação. Além disso, forma um revestimento arbóreo que enriquece os terrenos, de uma maneira geral tão desnudados, dá abrigo ao gado e fornece não só lenha à população como a matéria-prima para a modesta indústria de cestos. A colheita necessita bastante de mão-de-obra, pelo que dá trabalho a grande número de habitantes. Os serviços técnicos oficiais têm procurado lutar contra a decadência desta cultura por meio de várias medidas, como intensificação de novas plantações e protecção às existentes.

Solução do ponto de francês

3.º ciclo

(1.ª Chamada)

Tradução

a) Eu não sou daqueles que fazem grande caso dos conhecimentos humanos; no entanto, confesso que não posso contemplar sem admiração essas maravilhas descobertas que a ciência realizou para compreender a Natureza, nem tantas belas invenções que a arte descobriu para a adaptar ao nosso uso. O homem quase mudou a face do Mundo, ele soube subjugar, pela inteligência, os animais que o superavam pela força; soube disciplinar a sua impaciência selvagem e coagir a liberdade indócil; aplacou até por habilidade as criaturas inanimadas: não foi a terra forçada pelo seu engenho a dar-lhe alimentos mais úteis, as plantas a melhorar para seu proveito, a acidez selvagem, até os venenos, por seu amor, a transformarem-se em remédios?

b) Seria supérfluo contar-vos como ele sabe manejar os elementos, após tantas castas de milagres que todos os dias ele faz os mais intratáveis criar, quero dizer, o fogo e a água, estes dois inimigos que se harmonizam no entanto para nos servirem em operações tão úteis e tão necessárias. Que mais ainda? Ele foi até aos céus: para andar com mais segurança ensinou os astros a guiarem-no nas suas viagens; para medir de maneira mais igual a sua vida, obrigou o sol a dar-lhe conta, por assim dizer, de todos os seus passos.

Thème

a) Il n'y a personne qui, ayant quelques connaissances de littérature, ignore l'importance de Bossuet, orateur consacré et un écrivain des plus remarquables du siècle de Louis XIV. Le texte dont nous avons fait le commentaire, extrait d'un sermon prêché au Louvre, devant la Cour, en 1662, nous révèle non seulement le stylistique classique, mais encore l'attitude compréhensive de l'homme cultivé, attentif aux problèmes de son temps et à ses devoirs de prêtre.

b) En ce sermon Bossuet a essayé de démontrer que les grands de ce monde même les plus éclatants, ne sont rien; la mort les anéantit. Notre vie n'est qu'un point dans l'abîme du temps, à peine un moment qui nous sépare de la mort.

Néanmoins il y a chez nous quelque chose qui ne meurt pas, qui fait part de l'Esprit Divin. Sans ça l'homme n'aurait pu dominer la nature par ses inventions, n'aurait pas eu la notion du devoir et de la grandeur du sacrifice, n'aurait pu concevoir un Esprit pur.

Ernest Hemingway

disparou dois tiros para pôr termo à vida

KETCHUM (Idaho), 4. — Ontem à noite, foram revelados mais alguns pormenores acerca da morte de Hemingway. O xerife contou que Hemingway disparou os dois tiros de calibre 12

AS 16 E 30

Rebentou

um tubo condutor de amoníaco a bordo de um barco no cais da Matinha

Cerca das 15 e 30, na ponte-cais da Matinha, quando a bordo do navio dinamarquês «Eva Tholstrup» se procedia à descarga de amoníaco, em estado líquido, contido em enormes depósitos esféricos, rebentou, subitamente, a junta de uma válvula de saída que ligava um deles a um tubo condutor do gás para os estabelecimentos da Fábrica de Nitratos de Portugal.

Acto contínuo o amoníaco passou do estado líquido ao gasoso, provocando intoxicações em vários componentes da tripulação do barco e trabalhadores que procediam àquela faina.

Dado o alarme, logo compareceu o pessoal do Batalhão de Sapadores Bombeiros, com o respectivo comandante, sr. coronel Ribeiro Vianna, e o chefe Carmo. Ali se reuniram nove viaturas, incluindo o carro do comando, uma ambulância e dois veículos equipados com barcos de borracha.

Enquanto os bombeiros procediam aos trabalhos de combate aos efeitos do gás, a ambulância conduzia ao Hospital de São José alguns intoxicados.

Além da lavadeira Joaquina Maria de Carvalho, de 38 anos, que fora a bordo buscar roupa para lavar, e ficou internada na sala de observações, receberam ali tratamento: o agente da Polícia Marítima, Mário Casal, de 38 anos; o sapador bombeiro António Ventura, de 38; e os marítimos noruegueses, Anker Niekelsen, de 17; Knud Nielsen, de 25; Ale Nielsen e Egon Jensen, de 22, e Kuri Mundet, de 32. Foi, também atingida pelas emanções tóxicas a esposa do segundo oficial do navio.

Os trabalhos dos bombeiros

Entretanto, depois de fechada a válvula, prosseguiram os trabalhos dos bombeiros, que passaram a lançar jactos de água quente sobre os depósitos, a fim de aquecerem o amoníaco ali contido a baixa temperatura e a alta pressão, para que assim mais facilmente o volatilizassem, dando-lhe escape através de um tubo mergulhado nas águas do Tejo nas quais se dissolveu. Assim se afastou o perigo de mais intoxicações, prolongando-se a tarefa e a vigilância dos bombeiros por algumas horas durante a tarde.

e as balas penetraram-lhe na cabeça, «da boca para cima». Mary Hemingway, a quarta esposa, que se encontrava no quarto de dormir, situado no primeiro andar da casa em que residiam, disse que ouviu «o som abafado de uma queda». Foi ao quarto dele, do lado oposto do corredor e, como nada visse, desceu as escadas e, através da sala de estar, espreitou para o vestíbulo, onde Hemingway costumava guardar as suas armas de caça.

Relatou mais tarde que deu um grito ao vê-lo estendido no chão. Depois correu à casa dos hóspedes, adjacente à residência, onde se achava um amigo, George Brown, que trouxera Hemingway para casa, no seu carro, quando este saiu da clínica de Rochester, em Nova York. Foi Brown quem comunicou às autoridades o acontecido.

HEMINGWAY FICA SEPULTADO AO LADO DE UM COMPANHHEIRO DE CAÇADAS

O escritor Ernest Hemingway vai ser sepultado junto ao túmulo de um velho amigo e companheiro de caçadas e pescarias, Taylor «Bear Track» Williams, no meio dos bosques e das montanhas que ele tanto amou.

Entre cerca de cinquenta sepulturas está a de Williams, guia de pesca e caça de Sun Valley, a cujo funeral o escritor assistiu, em Fevereiro de 1959. A sua amizade durava há vinte anos e partilhavam da mesma paixão pela caça e pela pesca.

Hemingway ofereceu a Williams as provas revistas à mão de «Por quem os sinos dobram». Depois da sua morte, os herdeiros propuseram a sua devolução, mas o escritor rejeitou a oferta.

ORDÓÑEZ VAI AO ENTERRO DO SEU AMIGO

Foram já escolhidos os homens que levarão aos ombros o caixão com o corpo de Hemingway.

Serão eles o matador espanhol António Ordóñez, o embaixador dos Estados Unidos na Grã-Bretanha, David Bruce, o industrial Toots Shor, além de um general, um advogado, um jornalista e um escritor, cujos nomes ainda não foram revelados.

O funeral, que deveria realizar-se na próxima sexta-feira, poderá efectuar-se antes dessa data — declarou ontem, Ray McGoldrick, o funcionário encarregado de passar certidões de óbito em caso de morte violenta.

O serviço religioso realizar-se-á provavelmente, na paróquia católica de Ketchum, Notre-Dame-des-Neiges, e o enterro no cemitério dessa pequena aldeia.

As irmãs do defunto e um dos filhos, Jack, chegaram já para o funeral. Outro filho, Gregory, deve chegar hoje e o terceiro, Patrick, está em África numa caçada.

A família do escritor pediu às pessoas que desejam enviar flores, que façam entrega do dinheiro que deviam gastar para obras de caridade. A viúva do escritor deseja que o enterro se processe na maior intimidade. — (A. N. I. e F. P.).

A QUADRIGA ULTRAPASSOU

o automóvel

VALPARAISO (Indiana), 4. — Um automobilista telefonou furioso para a Polícia, queixando-se de que uma quadriga romana — sem faróis — o tinha ultrapassado, de forma a obrigá-lo a sair da estrada.

A Polícia pensa que o condutor da quadriga se estava a treinar para a parada de hoje, comemorativa do feriado nacional americano, dia da independência.

Em Windsor (Ontário) e Detroit espera-se que se reúna uma multidão de 150 000 pessoas para contemplar o gigantesco fogo de artifício, apresentado como o maior do Mundo. — (R.).

O Iraque ameaça abandonar a Liga Árabe se o principado do Kuwait for nela admitido

CAIRO, 4. — Nas conferências com Abdel Khalek Hassuna secretário-geral da Liga Árabe, o general Kassem teria ameaçado retirar-se da Liga se o pedido de admissão do Kuwait na mesma organização fosse aprovado — anuncia a Agência do Médio Oriente.

Teria sido depois desta ameaça imprevisível que se decidiu adiar a sessão do Conselho da Liga Árabe, marcada para hoje.

Diz-se também que o ministro dos Estrangeiros do Iraque, Hachem Jawad, se teria demitido por não concordar com a política do general Kassem acerca do Kuwait.

Todavia, nota-se que Jawad esteve presente nas conversações entre Kassem, o secretário da Liga Árabe e o antigo mufti de Jerusalém. A demissão não teria sido aceite. — (France Presse).

O ACORDO DA GRÃ-BRETANHA COM O KUWAIT

KUWAIT, 4. — O consul-geral da Grã-Bretanha no Kuwait, Richmond, falando aos jornalistas, fez um relatório das novas relações entre o Kuwait e a Grã-Bretanha. Declarou que o tratado assinado nesta cidade em 19 do mês passado, tem apenas quatro artigos, todos eles concisos, pelo que se podem prestar às mais diversas interpretações. Esses artigos são:

Art. 1. — É anulado o acordo concluído entre o Kuwait e a Grã-Bretanha em 23 de Janeiro de 1899, visto estar em contradição com a soberania e independência de que goza agora o principado de Kuwait.

Art. 2. — As relações entre a Grã-Bretanha e o principado independente de Kuwait continuarão na base da mais completa amizade.

Art. 3. — Em caso de necessidade, os dois Governos consultar-se-ão acerca dos problemas de interesse comum.

Art. 4. — Em qualquer circunstância e quaisquer que sejam as decisões tomadas no decorrer das consultas, o Governo de sua majestade britânica estará sempre pronto a prestar auxílio ao Governo de Kuwait, se este Governo o reclamar.

O acordo, que entrou imediatamente em vigor, tem duração ilimitada. Está estipulado que, para o tornar nulo, é necessário pelo menos um pré-aviso de três anos, por uma das partes contratantes.

O consul-geral revelou que o Governo de Londres tinha tomado precauções secretas, assim que o Iraque apresentava as suas reivindicações, prevendo um pedido de auxílio por parte do sheik do Kuwait. Houve consultas acerca das formas que esse auxílio poderia tomar, antes que o emir Abdallah tomasse a decisão de solicitar

O melhor passaporte para férias

O passaporte mais económico, o mais fácil de obter e o que mais depressa abrirá as fronteiras será, sem dúvida, um bilhete duplo para a próxima lotaria das «Férias Grandes» que a Casa da Sorte tem à venda ao preço de 200\$00. O primeiro prémio é de 2.500 contos, que lhe garantem, seguramente, as férias mais divertidas da sua vida.

Hammarskjöld projecta a remodelação da O. N. U. com mais influência dos países neutralistas

NOVA YORK, 4. — O secretário-geral das Nações Unidas, Dag Hammarskjöld, revelou ontem planos para a remodelação do Secretariado da Organização, que permitirão, em larga medida, o aumento da influência das nações neutralistas na elaboração da política da O. N. U. Simultaneamente, porém, Hammarskjöld rejeitou a proposta russa para que o posto de secretário-

geral fosse abolido e substituído por um triunvirato constituído por representantes dos países socialistas, dos Estados neutralistas e dos membros dos blocos militares ocidentais.

Advertiu também que não concordará com qualquer reorganização que reduza as responsabilidades do secretário-geral ou que adopte a noção de que «os membros do Secretariado são representantes dos Governos do seu país natal ou das ideologias e políticas às quais esses países adiram». «Tais propostas — sublinhou — pressupõem uma alteração profunda do carácter da Organização e requererão a revisão da Carta».

O PROJECTO DE REMODELAÇÃO

O plano proposto por Hammarskjöld destina-se a cortar pela base as sugestões do Governo russo e a conquistar o apoio de grande quantidade de nações neutralistas, cedendo ao seu pedido para participarem mais na elaboração das directrizes fundamentais da O. N. U. O secretário-geral concorda que o Secretariado «deve adaptar-se progressivamente a um panorama associativo e a necessidades em evolução».

Propõe que os postos mais elevados sejam assim remodelados:

— criação de cinco adjuntos do secretário-geral, que seriam os seus conselheiros em problemas políticos e executores de missões especiais que o secretário-geral entendia confiar-lhes, à sua própria responsabilidade e por sua livre iniciativa. A dois desses adjuntos caberiam tarefas especificadas, ocupando-se um deles dos assuntos relacionados com a Assembleia Geral e o outro dos assuntos relativos ao Conselho de Segurança;

— criação de nove subsecretários gerais, incluindo o posto de chefe de gabinete, para os assuntos administrativos e sem carácter político.

O cargo de adjunto do secretário-geral havia sido recentemente abolido. Parte das suas atribuições seriam, sob o novo plano, exercidas pelo «chefe de gabinete» que, tecnicamente, seria um «subsecretário-geral» visto que a sua missão se conservaria num plano puramente administrativo.

Hammarskjöld salienta que esta distribuição dos lugares permitiria «uma distribuição geográfica em base mais equitativa pelas sete áreas principais do Mundo, incluindo, pelo menos, um para cada um dos membros permanentes do Conselho de Segurança». As áreas a que se refere são: África, Ásia, Extremo Oriente, Europa Ocidental e Oriental, América Latina, Próximo e Médio Oriente e América do Norte.

Este projecto vai ser submetido à apreciação da Assembleia Geral, quando esta se reunir aqui para a sua décima-sexta sessão regular, em Setembro. — (A. N. I.).

Bonn recusa-se a discutir com a Alemanha Oriental a reunificação do país

BONN 4. — O Governo da Alemanha Federal rejeitou, ontem, à noite, sugestões feitas na semana passada, pela Alemanha Oriental, para que os dois países negociassem directamente um tratado de paz e a reunificação. — (R.).

A SOLUÇÃO DE JULES MOCH PARA BERLIM

PARIS, 4. — O antigo ministro socialista Jules Moch sugere, hoje, no jornal conservador «Le Figaro», que Berlim se transforme numa cidade livre sob a égide das Nações Unidas — mas a cidade inteira e não só Berlim Ocidental, como a União Soviética propõe.

Jules Moch diz que este plano poderia ser aceite pela Rússia em troca do reconhecimento ocidental da Alemanha Oriental e a sua admissão nas Nações Unidas, juntamente com a Alemanha Ocidental.

Esta solução, diz ele, não agravaria a actual divisão da Alemanha, nem levantaria qualquer obstáculo a uma futura unificação alemã.

Moch diz que seria difícil a Krutchev rejeitar uma solução que fizesse de toda Berlim uma cidade livre, regressando a Pankow o Governo da Alemanha Oriental. A cidade livre seria garantida por uma guarnição simpólica de capacetes azuis.

A pior coisa que o Ocidente pode fazer é não propor nada e esperar pelas iniciativas de Krutchev num «statu quo» que, dia a dia, é mais difícil manter.

DESLUSTRAGEM A SECO

Garantia absoluta, igualmente em limpeza a seco com acabamentos por alfaite. Basta ligar a 23422, R. da Prata 156. s/l (único no género).

AÇORDA DE SÁVEL

Famoso prato do RIBATEJANO SALVATERRA DE MAGOS

HEMINGWAY

ACABA DE SAIR:
(em distribuição)

Na outra
margem
entre
as
árvores

40\$00

Outros livros publicados:

Por Quem os Sinos Dobram	60\$00
As Verdes Colinas de África	40\$00
O Velho e o Mar	12\$50
O Velho e o Mar (Ed. Esp. Ilustrada)	40\$00
As Neves do Kilimanjaro	12\$50
Ter ou Não Ter	12\$50
A Capital do Mundo e Outras Histórias	12\$50
Um Gato à Chuva	12\$50

Edições «LIVROS DO BRASIL» — R. Caetanos, 22 — Lisboa

PROPONHO-ME CINEMATIZAR o meu próximo romance — revela-nos Aleixo Ribeiro



ALEIXO RIBEIRO

O verificado e lamentável desinteresse dos escritores portugueses pelos problemas cinematográficos não é total. Excepções como as de Alves Redo, Fernando Namora, Leão Penedo, Rogério de Freitas, Vasco Branco e Aleixo Ribeiro entre outras, permitem-nos estreitar maiores contactos entre a literatura que possuímos e o cinema que podemos vir a ter. Quisemos ouvir Aleixo Ribeiro a propósito dos seus projectos em matéria de cinema.

— Diga-nos, Aleixo, Ribeiro. O seu interesse pela produção cinematográfica é recente?

— O meu interesse em contribuir para a produção dum cinema nacional de fundo não é de hoje. Segui como observador apenas, mas atento, algumas realizações com que Leitão de Barros foi o pioneiro desse cinema em Portugal. E estive sempre interessado não só em ver reproduzidas na tela algumas das minhas produções literárias como ainda em cultivar a sétima arte no seu sentido espectacular.

— Qual é o seu livro que pensou cinematizar?

— Quando da publicação de «Bairro Excêntrico» foi-me sugerida a sua filmagem, porém, não vi possibilidades técnicas e muito menos artísticas na maneira improvisada, um tanto ao desbarato, como então se começava a fazer cinematografia de espectáculo em Portugal. Não me interessava esse cinema e, quando me defendiam com o mau gosto do publico e a estreiteza do nosso mercado exibidor, não lhe augurava futuro diante duma produção estrangeira, se nem sempre de alto nível como arte, de cada vez de técnica mais convincente, mercê de muita experiência, muita selecção e muito dinheiro.

— Interessa-o no entanto outro cinema...

— Pode dizer-se que quase só me animavam as esperanças das primícias do nosso cinema quando se produziram películas como «Aniki Bóbo», de Manuel de Oliveira, «A Canção da Terra», de Brum do Canto e «Maria do Mar», de Leitão de Barros. Foi depois que se passou para um puro comercialismo, de

ganização adquirir experiência de valores e espírito de conjunto, poderá com os nossos escassos elementos técnicos e incipientes valores artísticos começar a fazer face á concorrência da produção estrangeira.

— Cautelosamente, disse mas onde estão os financiadores, mesmo os cautelosos?

— No tempo em que o projecto duma empresa internacional me levou a investigar estatísticas oficiais e outros pormenores sobre a produção cinematográfica em Portugal cheguei a curiosas conclusões. A que para aqui mais importante foi a de que o nosso mercado exibidor poderia recompensar uma certa média de produção anual desde que bem administrada e sem exageros de encenação, com uma taxa de lucro que se estaria longe da das grandes indústrias, equipar-se-ia á de tantas outras que prosperam no nosso País.

— Descobriu algo mais durante as suas investigações?

— Citei ainda alguns casos que chegaram ao meu conhecimento e me parecem dignos de referência, até pelo seu contraste. Por exemplo, o de firmas distribuidoras terem imposto a salas de exibição de meios menos cultos lotes de películas estrangeiras de menor êxito para lhes assegurarem a projecção duma produção nacional. E nisto está a razão dos que propõem a dobragem para o desenvolvimento do nosso mercado de cinema, mas duvido de que fosse proporcional a aceitação das nossas realizações. Um outro caso curioso de que tive conhecimento foi o de certa casa exportadora de Lisboa que ao tentar introduzir o nosso cinema no norte de Africa, recebeu como resposta o pedido de envio de algumas películas á consignação, com a advertência de que o publico ali era exigente e poderia fazer-se a experiência durante a época estival. Finalmente soube da oferta duma grande distribuidora mundial para pôr á disposição dos produtores portugueses os seus vastíssimos recursos de propaganda e expansão.

— E no entanto...

— A proposta não significou lisonja



O primeiro teatro policial da Alemanha estabeleceu-se definitivamente graças á visão da sua directora

por CARL MALLINGER

MUNICH — Parece impossível mas é verdade: a nova atracção para os amadores de teatro de Munich, o Teatro Policial, é dirigida por uma senhora. Ao que parece, Isebil Sturm tem uma sensibilidade muito especial aos calafrios, conhece os grandes efeitos e é dotada de um verdadeiro espírito criminalístico. Em todo o caso o êxito do teatro de Isebil Sturm, instalado com muito gosto numa cave, é um forte argumento a favor deste empreendimento sem precedentes na Alemanha. Quando se inaugurou o teatro, há oito meses, fizeram-se logo ouvir protestos e comentários negativos. Muitos duvidavam que a

corajosa «empresária» se conseguisse impor. Entretanto já existem provas estatísticas: a lotação do teatrinho de 265 lugares está quase sempre esgotada.

Valendo-se de experiências colhidas noutros sectores, Isebil Sturm criou um ambiente muito especial. Tomando uma boa cerveja bávara ou um Reno ou Moselas de alta qualidade, acompanham-se com prazer, e ás vezes com calafrios os acontecimentos que se desenrolam em cena. Para um observador atento do género humano, algumas sessões na «Tribuna» de Isebil Sturm, onde os espectadores estão sentados em torno de mesinhas e podem fumar e beber, oferecem-se inúmeras oportunidades de estudos interessantes. A «Tribuna» já tem o seu publico que não deixa escapar uma única peça e acompanha todas as peripécias com o maior interesse. Não se trata do publico normal dos teatros; quem vem á «Tribuna» não se quer instruir nem resolver problemas mas distrair-se de uma maneira muito especial: sentindo calafrios, o pulso acelerado e até mesmo o coração em sobressalto. Muitos dos espectadores não deixam, porém, transparecer as emoções íntimas. Além da cerveja e

★ ★ ★ ★ ★
★ **Cinema no Mundo** ★
★ Peter Ustinov e Ronald Lubin ★
★ escolheram o actor britânico Terence Stamp, quase desconhecido ★
★ do grande publico, para contracenar ★
★ com Robert Ryan na película «Billy Budd», inspirada no romance de ★
★ Herman Melville. As filmagens iniciaram-se ontem, em Alicante. ★
★
★ Walt Disney contratou Maurice Chevalier e Charles Laughton para ★
★ o filme «The Castaways», cuja rodagem se deverá iniciar dentro de ★
★ poucos dias. A película é dirigida ★
★ por Robert Stevenson e produzida ★
★ pelo próprio Disney. ★
★
★ Ken David, antigo assistente de ★
★ Jean-Daniel Daninos, estreia-se como ★
★ realizador num filme sobre Cecilie Sorel. Sem ter carácter biográfico, na película a actriz comenta as ★
★ condições de vida em 1961. ★
★
★ A peça teatral «La valse des toreadores», de Anouilh, vai ser adaptada ao cinema pelo realizador inglês John Guillermin, sendo os principais papeis desempenhados ★
★ pela francesa Dany Robin e pelo britânico Peter Sellers. A peça de Anouilh decorre na França; a cena ★
★ do filme é a Inglaterra. ★
★
★ Inspirado na vida do sindicalista siciliano Salvatore Carnevale, Vittorio Taviani vai dirigir o filme ★
★ «Ad occhi aperti», que, produzido por Lionello Massebri, tem como principais intérpretes Gianmaria Volonté, Didi Perego, Spiros Fokas, Lidia Alfonsi e Turi Ferro. A película, cujo argumento é assinado por Taviani, Valentino Orsini e Paolo Ravanini, será rodada na Sicília. ★
★
★ Ernesto Guida estreia-se, em breve, como realizador, com a película «Um intero minuto», segundo o romance homónimo de Oreste del Buono. ★

- As circunstâncias evoluíram para melhor no que respeita ao público.
- O espectáculo cinematográfico não é improvisado de engenhosos
- O cinema tem de ser, mais que o teatro, uma indústria.
- O nosso mercado exibidor poderia recompensar uma certa média de produção anual.
- Uma grande distribuidora mundial propôs a produtores portugueses os seus vastíssimos recursos. A proposta não foi aceite.
- A última película de fundo que produzimos é das melhores.
- É urgente uma selecção de valores técnicos e de interpretação.
- A literatura portuguesa actual: magnífica fonte de produção.

que a sétima arte tem estado ausente e não progrediu em técnica, a não ser na fotografia, como sobretudo se tem observado nos documentários.

— Comercialismo que se mantém.

— As circunstâncias evoluíram para melhor no que respeita a publico, o que já se torna deveras animador, apesar da televisão. E' certo que continua a ser a produção de êxito fácil a de mais vasto agrado, mas há películas de alto nível, e não só de boa factura ou grandes efeitos espectaculares, que já obtêm sucesso entre nós. Não fôim vão que decénios de cinema passaram pelas nossas plateias para que elas não comecem a distinguir o trigo do joio.

— Encontra excepções?

— A ultima película de fundo que produzimos foge um tanto á severidade deste juízo, por algumas sequências e a interpretação, em que muito tem claudicado a produção nacional. Há nela certa aprendizagem do cinema estrangeiro, porque no conjunto, a começar pelo argumento e nas intenções que revela, peca do mesmo mal de que enfermará o cinema português enquanto os nossos produtores e realizadores se não capacitarem de que o espectáculo cinematográfico não é improvisado de indivíduos mais ou menos engenhosos.

— Qual a base para a urgente remodelação?

— O cinema como espectáculo tem de ser, mais do que o teatro, uma indústria que começa por assentar em eficiente material e numa larga organização que selecione os diversos elementos técnicos e artísticos, os agrupe nos seus diversos sectores e os entregue, para cada realização, a uma idónea competência directora. Só depois de tal or-

para o cinema nacional, nem isso se compreenderia, revelando apenas umas possibilidades para a referida distribuidora renovar um pouco o panorama da cinematografia internacional, saturada pelas produções americana e italiana, quase que só concorrida pela inglesa e a francesa. Estou que a mesma oferta foi dirigida a outros países. Para mais nesse tempo tinham alcançado fama mundial duas obras primas do cinema sueco ao tempo sem repercussão internacional. Entretanto, o certo é que a referida proposta não foi aceite pelos produtores portugueses, que nisso andaram bem avisados. Julgo que ainda se exportou uma comediuzinha tipo Parque Mayer, de que resultou o pedido para se enviar algo mais português, porque daquilo tinham com fartura, além de melhor cozinhado.

— E a produção?

— Presumo que a produção só se tem feito ultimamente com a muleta do Fundo de Cinema, apesar de se procurarem êxitos mais ou menos fáceis. Alguns destes têm redundado difíceis para os seus financiadores. Verificou-se até já o contra-senso de se fazerem realizações dispendiosas, e constou-me que com dificuldades pecuniárias se acabaram algumas bem modestas. Tudo isto só revela, além do que está patente nas obras, a falta de uma organização responsável a orientar o nosso cinema. A mesma ausência se fez sentir na ultima película de fundo que produzimos, e é das melhores.

— Como devia agir uma produtora eficiente?

— Uma organização que devidamente

(Continua na página seguinte)



Bernard Bordérie, realizou mais uma versão cinematográfica de «Os três mosqueteiros»

Ernest Hemingway

disparou dois tiros para pôr termo à vida

KETCHUM (Idaho) 4. — Ontem à noite, foram revelados mais alguns pormenores acerca da morte de Hemingway. O xerife contou que Hemingway disparou os dois canos da espingarda de calibre 12

AS 16 E 30

Rebentou

um tubo condutor de amoníaco a bordo de um barco no cais da Matinha

Cerca das 15 e 30, na ponte-cais da Matinha, quando a bordo do navio dinamarquês «Eva Tholstrup» se procedia à descarga de amoníaco, em estado líquido, contido em enormes depósitos esféricos, rebentou, subitamente, a junta de uma válvula de saída que ligava um deles a um tubo condutor do gás para os estabelecimentos da Fábrica de Nitratos de Portugal.

Acto contínuo o amoníaco passou do estado líquido ao gasoso, provocando intoxicações em vários componentes da tripulação do barco e trabalhadores que procediam àquela faina.

Dado o alarme, logo compareceu o pessoal do Batalhão de Sapadores Bombeiros, com o respectivo comandante, sr. coronel Ribeiro Viana, e o chefe Carmo. Ali se reuniram nove viaturas, incluindo o carro do comando, uma ambulância e dois veículos equipados com barcos de borracha.

Enquanto os bombeiros procediam aos trabalhos de combate aos efeitos do gás, a ambulância conduzia ao Hospital de São José alguns intoxicados.

Além da lavadeira Joaquina Maria de Carvalho, de 38 anos, que fora a bordo buscar roupa para lavar, e ficou internada na sala de observações, receberam ali tratamento: o agente da Polícia Marítima, Mário Casal, de 38 anos; o sapador bombeiro António Ventura, de 38; e os marítimos noruegueses, Anker Niekelsen, de 17; Knud Nielsen, de 25; Ale Nielsen e Egon Jensen, de 22, e Kuri Mundt, de 32. Foi, também atingida pelas emanções tóxicas a esposa do segundo oficial do navio.

Os trabalhos dos bombeiros
Entretanto, depois de fechada a válvula, prosseguiram os trabalhos dos bombeiros, que passaram a lançar jactos de água quente sobre os depósitos, a fim de aquecerem o amoníaco ali contido a baixa temperatura e a alta pressão, para que assim mais facilmente o volatilizassem, dando-lhe escape através de um tubo mergulhado nas águas do Tejo nas quais se dissolveu. Assim se afastou o perigo de mais intoxicações, prolongando-se a tarefa e a vigilância dos bombeiros por algumas horas durante a tarde.

e as balas penetraram-lhe na cabeça, «da boca para cima». Mary Hemingway, a quarta esposa, que se encontrava no quarto de dormir, situado no primeiro andar da casa em que residiam, disse que ouviu «o som abafado de uma queda». Foi ao quarto dele, do lado oposto do corredor e, como nada visse, desceu as escadas e, através da sala de estar, espreitou para o vestíbulo, onde Hemingway costumava guardar as suas armas de caça.

Relatou mais tarde que deu um grito ao vê-lo estendido no chão. Depois correu à casa dos hóspedes, adjacente à residência, onde se achava um amigo, George Brown, que trouxera Hemingway para casa, no seu carro, quando este saiu da clínica de Rochester, em Nova York. Foi Brown quem comunicou às autoridades o acontecido.

HEMINGWAY FICA SEPULTADO AO LADO DE UM COMPANHHEIRO DE CAÇADAS

O escritor Ernest Hemingway vai ser sepultado junto ao túmulo de um velho amigo e companheiro de caçadas e pescarias. Taylor «Bear Track» Williams, no meio dos bosques e das montanhas que ele tanto amou.

Entre cerca de cinquenta sepulturas está a de Williams, guia de pesca e caça de Sun Valley, a cujo funeral o escritor assistiu, em Fevereiro de 1959. A sua amizade durava há vinte anos e partilhavam da mesma paixão pela caça e pela pesca.

Hemingway ofereceu a Williams as provas revistas à mão de «Por quem os sinos dobram». Depois da sua morte, os herdeiros propuseram a sua devolução, mas o escritor rejeitou a oferta.

ORDÓÑEZ VAI AO ENTERRO DO SEU AMIGO

Foram já escolhidos os homens que levarão aos ombros o caixão com o corpo de Hemingway.

Serão eles o matador espanhol António Ordóñez, o embaixador dos Estados Unidos na Grã-Bretanha, David Bruce, o industrial Toots Shor, além de um general, um advogado, um jornalista e um escritor, cujos nomes ainda não foram revelados.

O funeral, que deveria realizar-se na próxima sexta-feira, poderá efectuar-se antes dessa data — declarou ontem, Ray McGoldrick, o funcionário encarregado de passar certidões de óbito em caso de morte violenta.

O serviço religioso realizar-se-á provavelmente, na paróquia católica de Ketchum, Notre-Dame-des-Neiges, e o enterro no cemitério dessa pequena aldeia.

As irmãs do defunto e um dos filhos, Jack, chegaram já para o funeral. Outro filho, Gregory, deve chegar hoje e o terceiro, Patrick, está em África numa caçada.

A família do escritor pediu às pessoas que desejam enviar flores, que façam entrega do dinheiro que devam gastar para obras de caridade. A viúva do escritor deseja que o enterro se processe na maior intimidade. — (A. N. I. e F. P.).

A QUADRIGA ULTRAPASSOU

o automóvel

VALPARAISO (Indiana), 4. — Um automobilista telefonou furioso para a Polícia, queixando-se de que uma quadriga romana — sem faróis — o tinha ultrapassado, de forma a obrigá-lo a sair da estrada.

A Polícia pensa que o condutor da quadriga se estava a treinar para a parada de hoje, comemorativa do feriado nacional americano, dia da independência.

Em Windsor (Ontário) e Detroit espera-se que se reúna uma multidão de 150 000 pessoas para contemplar o gigantesco fogo de artifício, apresentado como o maior do Mundo. — (R.).

O Iraque ameaça abandonar a Liga Árabe se o principado do Kuwait for nela admitido

CAIRO, 4. — Nas conferências com Abdel Khalek Hassuna secretário-geral da Liga Árabe, o general Kassem teria ameaçado retirar-se da Liga se o pedido de admissão do Kuwait na mesma organização fosse aprovado — anuncia a Agência do Médio Oriente.

Teria sido depois desta ameaça imprevista que se decidiu adiar a sessão do Conselho da Liga Árabe, marcada para hoje.

Diz-se também que o ministro dos Estrangeiros do Iraque, Hachem Jawad, se teria demitido por não concordar com a política do general Kassem acerca do Kuwait.

Todavia, nota-se que Jawad esteve presente nas conversações entre Kassem, o secretário da Liga Árabe e o antigo mufti de Jerusalém. A demissão não teria sido aceite. — (France Presse).

O ACORDO DA GRÃ-BRETANHA COM O KUWAIT

KUWAIT, 4. — O consul-geral da Grã-Bretanha no Kuwait, Richmond, falando aos jornalistas, fez um relatório das novas relações entre o Kuwait e a Grã-Bretanha. Declarou que o tratado assinado nesta cidade em 19 do mês passado, tem apenas quatro artigos, todos eles concisos, pelo que se podem prestar às mais diversas interpretações. Esses artigos são:

Art. 1. — É anulado o acordo concluído entre o Kuwait e a Grã-Bretanha em 23 de Janeiro de 1899, visto estar em contradição com a soberania e independência de que goza agora o principado de Kuwait.

Art. 2. — As relações entre a Grã-Bretanha e o principado independente de Kuwait continuarão na base da mais completa amizade.

Art. 3. — Em caso de necessidade, os dois Governos consultar-se-ão acerca dos problemas de interesse comum.

Art. 4. — Em qualquer circunstância e quaisquer que sejam as decisões tomadas no decorrer das consultas, o Governo de sua majestade britânica estará sempre pronto a prestar auxílio ao Governo de Kuwait, se este Governo o reclamar.

O acordo, que entrou imediatamente em vigor, tem duração ilimitada. Está estipulado que, para o tornar nulo, é necessário pelo menos um pré-aviso de três anos, por uma das partes contratantes.

O consul-geral revelou que o Governo de Londres tinha tomado precauções secretas, assim que o Iraque apresentou as suas reivindicações, prevendo um pedido de auxílio por parte do sheik do Kuwait. Houve consultas acerca das formas que esse auxílio poderia tomar, antes que o emir Abdallah tomasse a decisão de solicitar

O melhor passaporte para férias

O passaporte mais económico, o mais fácil de obter e o que mais depressa abrirá as fronteiras será, sem dúvida, um bilhete duplo para a próxima lotaria das «Férias Grandes» que a Casa da Sorte tem à venda ao preço de 200\$00. O primeiro prémio é de 2.500 contos, que lhe garantem, seguramente, as férias mais divertidas da sua vida.

Hammarskjöld projecta a remodelação da O. N. U. com mais influência dos países neutralistas

NOVA YORK, 4. — O secretário-geral das Nações Unidas, Dag Hammarskjöld, revelou ontem planos para a remodelação do Secretariado da Organização, que permitirão, em larga medida, o aumento da influência das nações neutralistas na elaboração da política da O. N. U. Simultaneamente, porém, Hammarskjöld rejeitou a proposta russa para que o posto de secretário-

geral fosse abolido e substituído por um triunvirato constituído por representantes dos países socialistas, dos Estados neutralistas e dos membros dos blocos militares ocidentais.

Advertiu também que não concordará com qualquer reorganização que reduza as responsabilidades do secretário-geral ou que adopte a noção de que «os membros do Secretariado são representantes dos Governos do seu país natal ou das ideologias e políticas às quais esses países adiram». «Tais propostas — sublinhou — pressupõem uma alteração profunda do carácter da Organização e requererem a revisão da Carta».

O PROJECTO DE REMODELAÇÃO

O plano proposto por Hammarskjöld destina-se a cortar pela base as sugestões do Governo russo e a conquistar o apoio de grande quantidade de nações neutralistas, cedendo ao seu pedido para participarem mais na elaboração das directrizes fundamentais da O. N. U. O secretário-geral concorda que o Secretariado «deve adaptar-se progressivamente a um panorama associativo e a necessidades em evolução».

Propõe que os postos mais elevados sejam assim remodelados:

— criação de cinco adjuntos do secretário-geral, que seriam os seus conselheiros em problemas políticos e executores de missões especiais que o secretário-geral entenda confiar-lhes, a sua própria responsabilidade e por sua livre iniciativa. A dois desses adjuntos caberiam tarefas especificadas, ocupando-se um deles dos assuntos relacionados com a Assembleia Geral e o outro dos assuntos relativos ao Conselho de Segurança;

— criação de nove subsecretários gerais, incluindo o posto de chefe de gabinete, para os assuntos administrativos e sem carácter político.

O cargo de adjunto do secretário-geral havia sido recentemente abolido. Parte das suas atribuições seriam, sob o novo plano, exercidas pelo «chefe de gabinete» que, tecnicamente, seria um «subsecretário-geral» visto que a sua missão se conservaria num plano puramente administrativo.

Hammarskjöld salienta que esta distribuição dos lugares permitiria uma distribuição geográfica em base mais equitativa pelas sete áreas principais do Mundo, incluindo, pelo menos, um para cada um dos membros permanentes do Conselho de Segurança. As áreas a que se refere são: África, Ásia, Extremo Oriente, Europa Ocidental e Oriental, América Latina, Próximo e Médio Oriente e América do Norte.

Este projecto vai ser submetido à apreciação da Assembleia Geral, quando esta se reunir aqui para a sua décima-sexta sessão regular, em Setembro. — (A. N. I.).

Bonn recusa-se a discutir com a Alemanha Oriental a reunificação do país

BONN 4. — O Governo da Alemanha Federal rejeitou, ontem, à noite, sugestões feitas na semana passada, pela Alemanha Oriental, para que os dois países negociassem directamente um tratado de paz e a reunificação. — (R.).

A SOLUÇÃO DE JULES MOCH PARA BERLIM

PARIS, 4. — O antigo ministro socialista Jules Moch sugere, hoje, no jornal conservador «Le Figaro», que Berlim se transforme numa cidade livre sob a égide das Nações Unidas — mas a cidade inteira e não só Berlim Ocidental, como a União Soviética propõe.

Jules Moch diz que este plano poderia ser aceite pela Rússia em troca do reconhecimento ocidental da Alemanha Oriental e a sua admissão nas Nações Unidas, juntamente com a Alemanha Ocidental.

Esta solução, diz ele, não agravaria a actual divisão da Alemanha, nem levantaria qualquer obstáculo a uma futura unificação alemã.

Moch diz que seria difícil a Krutchev rejeitar uma solução que fizesse de toda Berlim uma cidade livre, regressando a Pankow o Governo da Alemanha Oriental. A cidade livre seria garantida por uma guarnição simpática de capacetes azuis.

A pior coisa que o Ocidente pode fazer é não propor nada e esperar pelas iniciativas de Krutchev num «statu quo» que, dia a dia, é mais difícil manter.

DESLUSTRAGEM A SECO

Garantia absoluta, igualmente em limpeza a seco com acabamentos por alfaiate. Basta ligar a 23422, R. da Prata 156. s/l (único no género).

AÇORDA DE SÁVEL

Famoso prato do RIBATEJANO SALVATERRA DE MACOS

HEMINGWAY

ACABA DE SAIR :
(em distribuição)

Na outra margem entre as árvores

40\$00

Outros livros publicados :

Por Quem os Sinos Dobram	60\$00
As Verdes Colinas de África	40\$00
O Velho e o Mar	12\$50
O Velho e o Mar (Ed. Esp. Ilustrada)	40\$00
As Neves do Kilimanjaro	12\$50
Ter ou Não Ter	12\$50
A Capital do Mundo e Outras Histórias	12\$50
Um Gato à Chuva	12\$50

Edições «LIVROS DO BRASIL» — R. Caetano, 22 — Lisboa

PROPONHO-ME CINEMATIZAR o meu próximo romance — revela-nos Aleixo Ribeiro



ALEIXO RIBEIRO

O verificado e lamentável desinteresse dos escritores portugueses pelos problemas cinematográficos não é total. Excepções como as de Alves Redo, Fernando Namora, Leão Penedo, Rogério de Freitas, Vasco Branco e Aleixo Ribeiro entre outras, permitem-nos estreitar maiores contactos entre a literatura que possuímos e o cinema que podemos vir a ter. Quisemos ouvir Aleixo Ribeiro a propósito dos seus projectos em matéria de cinema.

— Diga-nos, Aleixo Ribeiro. O seu interesse pela produção cinematográfica é recente?

— O meu interesse em contribuir para a produção dum cinema nacional de fundo não é de hoje. Segui como observador apenas, mas atento, algumas realizações com que Leitão de Barros foi o pioneiro desse cinema em Portugal. E estive sempre interessado não só em ver reproduzidas na tela algumas das minhas produções literárias como ainda em cultivar a sétima arte no seu sentido espectacular.

— Qual é o seu livro que pensou cinematizar?

— Quando da publicação de «Bairro Excêntrico» foi-me sugerida a sua filmagem, porém, não vi possibilidades técnicas e muito menos artísticas na maneira improvisada, um tanto ao desbarato, como então se começava a fazer cinematografia de espectáculo em Portugal. Não me interessava esse cinema e quando me defendiam com o mau gosto do publico e a estreiteza do nosso mercado exibidor, não lhe augurava futuro diante duma produção estrangeira, se nem sempre de alto nível como arte, de cada vez de técnica mais convincente, mercê de muita experiência, muita selecção e muito dinheiro.

— Interessa-o no entanto outro cinema...

— Pode dizer-se que quase só me animavam as esperanças das primícias do nosso cinema quando se produziram películas como «Aniki Bóbb», de Manuel de Oliveira, «A Canção da Terra», de Brum do Canto e «Maria do Mar», de Leitão de Barros. Foi depois que se passou para um puro comercialismo, de

ganização adquirir experiência de valores e espírito de conjunto, poderá com os nossos escassos elementos técnicos e incipientes valores artísticos começar a fazer face à concorrência da produção estrangeira.

— Cautelosamente, disse mas onde estão os financiadores, mesmo os cautelosos?

— No tempo em que o projecto duma empresa internacional me levou a investigar estatísticas oficiais e outros pormenores sobre a produção cinematográfica em Portugal cheguei a curiosas conclusões. A que para aqui mais importa foi a de que o nosso mercado exibidor poderia recompensar uma certa média de produção anual desde que bem administrada e sem exageros de encenação, com uma taxa de lucro que se estaria longe da das grandes indústrias, equipar-se-ia a de tantas outras que prosperam no nosso País.

— Descobriu algo mais durante as suas investigações?

— Citei ainda alguns casos que chegaram ao meu conhecimento e me parecem dignos de referência, até pelo seu contraste. Por exemplo, o de firmas distribuidoras terem imposto a salas de exibição de meios menos cultos lotes de películas estrangeiras de menor êxito para lhes assegurarem a projecção duma produção nacional. E nisto está a razão dos que propõem a dobragem para o desenvolvimento do nosso mercado de cinema, mas duvido de que fosse proporcional a aceitação das nossas realizações. Um outro caso curioso de que tive conhecimento foi o de certa casa exportadora de Lisboa que ao tentar introduzir o nosso cinema no norte de África, recebeu como resposta o pedido de envio de algumas películas a consignação, com a advertência de que o publico ali era exigente e poderia fazer-se a experiência durante a época estival. Finalmente soube da oferta duma grande distribuidora mundial para pôr à disposição dos produtores portugueses os seus vastíssimos recursos de propaganda e expansão.

— E no entanto...

— A proposta não significou lisonja



O primeiro teatro policial da Alemanha estabeleceu-se definitivamente graças à visão da sua directora por CARL MALLINGER

MUNICH — Parece impossível mas é verdade: a nova atracção para os amadores de teatro de Munich, o Teatro Policial, é dirigida por uma senhora. Ao que parece, Isebil Sturm tem uma sensibilidade muito especial aos calafrios, conhece os grandes efeitos e é dotada de um verdadeiro espírito criminalístico. Em todo o caso o êxito do teatro de Isebil Sturm, instalado com muito gosto numa cave, é um forte argumento a favor deste empreendimento sem precedentes na Alemanha. Quando se inaugurou o teatro, há oito meses, fizeram-se logo ouvir protestos e comentários negativos. Muitos duvidavam que a

corajosa «empresária» se conseguisse impor. Entretanto já existem provas estatísticas: a lotação do teatrinho de 265 lugares está quase sempre esgotada.

Valendo-se de experiências colhidas noutros sectores, Isebil Sturm criou um ambiente muito especial. Tomando uma boa cerveja bávara ou um Reno ou Moselas de alta qualidade, acompanham-se com prazer, e às vezes com calafrios os acontecimentos que se desenrolam em cena. Para um observador atento do género humano, algumas sessões na «Tribune» de Isebil Sturm, onde os espectadores estão sentados em torno de mesinhas e podem fumar e beber, oferecem-se inúmeras oportunidades de estudos interessantes. A «Tribune» já tem o seu publico que não deixa escapar uma única peça e acompanha todas as peripécias com o maior interesse. Não se trata do publico normal dos teatros; quem vem à «Tribune» não se quer instruir nem resolver problemas mas distrair-se de uma maneira muito especial: sentindo calafrios, o pulso acelerado e até mesmo o coração em sobressalto. Muitos dos espectadores não deixam, porém, transparecer as emoções íntimas. Além da cerveja e

★ ★ ★ ★ ★

Cinema no Mundo

★ Peter Ustinov e Ronald Lubin escolheram o actor britânico Terence Stamp, quase desconhecido do grande publico, para contracenar com Robert Ryan na película «Billy Budd», inspirada no romance de Herman Melville. As filmagens iniciaram-se ontem, em Alicante.

★ Walt Disney contratou Maurice Chevalier e Charles Laughton para o filme «The Castaways», cuja rodagem se deverá iniciar dentro de poucos dias. A película é dirigida por Robert Stevenson e produzida pelo próprio Disney.

★ Ken David, antigo assistente de Jean-Daniel Daninos, estreia-se como realizador num filme sobre Cecilie Sorel. Sem ter carácter biográfico, na película a actriz comenta as condições de vida em 1961.

★ A peça teatral «La valse des torreadores», de Anouilh, vai ser adaptada ao cinema pelo realizador inglês John Guillermin, sendo os principais papeis desempenhados pela francesa Dany Robin e pelo britânico Peter Sellers. A peça de Anouilh decorre na França; a cena do filme é a Inglaterra.

★ Inspirado na vida do sindicalista siciliano Salvatore Carnevale, Vittorio Taviani vai dirigir o filme «Ad occhi aperti», que, produzido por Lionello Massebri, tem como principais intérpretes Gianmaria Volonté, Didi Perego, Spiros Fokas, Lidia Alfonsi e Turi Ferro. A película, cujo argumento é assinado por Taviani, Valentino Orsini e Paolo Ravigani, será rodada na Sicília.

★ Ernesto Guida estreia-se, em breve, como realizador, com a película «Um intero minuto», segundo o romance homónimo de Oreste del Buono.

★

- As circunstâncias evoluíram para melhor no que respeita ao público.
- O espectáculo cinematográfico não é improviso de engenhosos
- O cinema tem de ser, mais que o teatro, uma indústria.
- O nosso mercado exibidor poderia recompensar uma certa média de produção anual.
- Uma grande distribuidora mundial propôs a produtores portugueses os seus vastíssimos recursos. A proposta não foi aceite.
- A última película de fundo que produzimos é das melhores.
- É urgente uma selecção de valores técnicos e de interpretação.
- A literatura portuguesa actual: magnífica fonte de produção.

que a sétima arte tem estado ausente e não progrediu em técnica, a não ser na fotografia, como sobretudo se tem observado nos documentários.

— Comercialismo que se mantém.

— As circunstâncias evoluíram para melhor no que respeita a publico, o que já se torna devesas animador, apesar da televisão. É certo que continua a ser a produção de êxito fácil a de mais vasto agrado, mas há películas de alto nível, e não só de boa factura ou grandes efeitos espectaculares, que já obtêm sucesso entre nós. Não foi em vão que decénios de cinema passaram pelas nossas plateias para que elas não comecem a distinguir o trigo do joio.

— Encontra excepções?

— A ultima película de fundo que produzimos foge um tanto à severidade deste juízo, por algumas sequências e a interpretação, em que muito tem claudicado a produção nacional. Há nela certa aprendizagem do cinema estrangeiro, porque no conjunto, a começar pelo argumento e nas intenções que revela, peca do mesmo mal de que enfermará o cinema português enquanto os nossos produtores e realizadores se não capacitarem de que o espectáculo cinematográfico não é improviso de indivíduos mais ou menos engenhosos.

— Qual a base para a urgente remodelação?

— O cinema como espectáculo tem de ser; mais do que o teatro, uma indústria que começa por assentar em eficiente material e numa larga organização que selecione os diversos elementos técnicos e artísticos, os agrupe nos seus diversos sectores e os entregue, para cada realização, a uma idónea competência directora. Só depois de tal or-

para o cinema nacional, nem isso se compreenderia, revelando apenas umas possibilidades para a referida distribuidora renovar um pouco o panorama da cinematografia internacional, saturada pelas produções americana e italiana, quase que só concorrida pela inglesa e a francesa. Estou que a mesma oferta foi dirigida a outros países. Para mais nesse tempo tinham alcançado fama mundial duas obras primas do cinema suco ao tempo sem repercussão internacional. Entretanto, o certo é que a referida proposta não foi aceite pelos produtores portugueses, que nisso andaram bem avisados. Julgo que ainda se exportou uma comediuzinha tipo Parque Mayer, de que resultou o pedido para se enviar algo mais português, porque daquilo tinham com fatura, além de melhor cozinheiro.

— E a produção?

— Presumo que a produção só se tem feito ultimamente com a muleta do Fundo de Cinema, apesar de se procurarem êxitos mais ou menos fáceis. Alguns destes têm redundado difíceis para os seus financiadores. Verificou-se até já o contra-senso de se fazerem realizações dispendiosas, e constou-me que com dificuldades pecuniárias se acabaram algumas bem modestas. Tudo isto só revela, além do que está patente nas obras, a falta de uma organização responsável a orientar o nosso cinema. A mesma ausência se fez sentir na ultima película de fundo que produzimos, e é das melhores.

— Como devia agir uma produtora eficiente?

— Uma organização que devidamente

(Continua na página seguinte)



Bernard Borderie, realizou mais uma versão cinematográfica de «Os três mosqueteiros»

Ernest Hemingway

disparou dois tiros para pôr termo à vida

KETCHUM (Idaho) 4. — Ontem à noite, foram revelados mais alguns pormenores acerca da morte de Hemingway. O xerife contou que Hemingway disparou os dois tiros da espingarda de calibre 12

AS 16 E 30

Rebentou

um tubo condutor de amoníaco a bordo de um barco no cais da Matinha

Cerca das 15 e 30, na ponte-cais da Matinha, quando a bordo do navio dinamarguês «Eva Tholstrup» se procedia à descarga de amoníaco, em estado líquido, contido em enormes depósitos esféricos, rebentou, subitamente, a junta de uma válvula de saída que ligava um deles a um tubo condutor do gás para os estabelecimentos da Fábrica de Nitratos de Portugal.

Acto contínuo o amoníaco passou do estado líquido ao gasoso, provocando intoxicações em vários componentes da tripulação do barco e trabalhadores que procediam àquela faina.

Dado o alarme, logo compareceu o pessoal do Batalhão de Sapadores Bombeiros, com o respectivo comandante, sr. coronel Ribeiro Vianna, e o chefe Carmo. Ali se reuniram nove viaturas, incluindo o carro do comando, uma ambulância e dois veículos equipados com barcos de borracha.

Enquanto os bombeiros procediam aos trabalhos de combate aos efeitos do gás, a ambulância conduzia ao Hospital de São José alguns intoxicados.

Além da lavadeira Joaquina Maria de Carvalho, de 38 anos, que fora a bordo buscar roupa para lavar, e ficou internada na sala de observações, receberam ali tratamento: o agente da Polícia Marítima, Mário Casal, de 38 anos; o sapador bombeiro António Ventura, de 38; e os marítimos noruegueses, Anker Niekelsen, de 17; Knud Nielsen, de 25; Ale Nielsen e Egon Jensen, de 22, e Kuri Mundet, de 32. Foi, também atingida pelas emanções tóxicas a esposa do segundo oficial do navio.

Os trabalhos dos bombeiros

Entretanto, depois de fechada a válvula, prosseguiram os trabalhos dos bombeiros, que passaram a lançar jactos de água quente sobre os depósitos, a fim de aquecerem o amoníaco ali contido a baixa temperatura e a alta pressão, para que assim mais facilmente o volatilizassem, dando-lhe escape através de um tubo mergulhado nas águas do Tejo nas quais se dissolveu. Assim se afastou o perigo de mais intoxicações, prolongando-se a tarefa e a vigilância dos bombeiros por algumas horas durante a tarde.

e as balas penetraram-lhe na cabeça, «da boca para cima». Mary Hemingway, a quarta esposa, que se encontrava no quarto de dormir, situado no primeiro andar da casa em que residiam, disse que ouviu «o som abafado de uma queda». Foi ao quarto dele, do lado oposto do corredor e, como nada visse, desceu as escadas e, através da sala de estar, espreitou para o vestíbulo, onde Hemingway costumava guardar as suas armas de caça.

Relatou mais tarde que deu um grito ao vê-lo estendido no chão. Depois correu à casa dos hóspedes, adjacente à residência, onde se achava um amigo, George Brown, que trouxera Hemingway para casa, no seu carro, quando este saiu da clínica de Rochester, em Nova York. Foi Brown quem comunicou às autoridades o acontecido.

HEMINGWAY FICA SEPULTADO AO LADO DE UM COMPANHHEIRO DE CAÇADAS

O escritor Ernest Hemingway vai ser sepultado junto ao túmulo de um velho amigo e companheiro de caçadas e pescarias. Taylor «Bear Track» Williams, no meio dos bosques e das montanhas que ele tanto amou.

Entre cerca de cinquenta sepulturas está a de Williams, guia de pesca e caça de Sun Valley, a cujo funeral o escritor assistiu, em Fevereiro de 1959. A sua amizade durava há vinte anos e partilhavam da mesma paixão pela caça e pela pesca.

Hemingway ofereceu a Williams as provas revistas à mão de «Por quem os sinos dobram». Depois da sua morte, os herdeiros propuseram a sua devolução, mas o escritor rejeitou a oferta.

ORDÓÑEZ VAI AO ENTERRO DO SEU AMIGO

Foram já escolhidos os homens que levarão aos ombros o caixão com o corpo de Hemingway.

Serão eles o matador espanhol António Ordóñez, o embaixador dos Estados Unidos na Grã-Bretanha, David Bruce, o industrial Toots Shor, além de um general, um advogado, um jornalista e um escritor, cujos nomes ainda não foram revelados.

O funeral, que deveria realizar-se na próxima sexta-feira, poderá efectuar-se antes dessa data — declarou ontem, Ray McGoldrick, o funcionário encarregado de passar certidões de óbito em caso de morte violenta.

O serviço religioso realizar-se-á provavelmente, na paróquia católica de Ketchum, Notre-Dame-des-Neiges, e o enterro no cemitério dessa pequena aldeia.

As irmãs do defunto e um dos filhos, Jack, chegaram já para o funeral. Outro filho, Gregory, deve chegar hoje e o terceiro, Patrick, está em África numa caçada.

A família do escritor pediu às pessoas que desejam enviar flores, que façam entrega do dinheiro que devam gastar para obras de caridade. A viúva do escritor deseja que o enterro se processe na maior intimidade. — (A. N. I. e F. P.).

A QUADRIGA ULTRAPASSOU

o automóvel

VALPARAISO (Indiana), 4. — Um automobilista telefonou furioso para a Polícia, queixando-se de que uma quadriga romana — sem faróis — o tinha ultrapassado, de forma a obrigá-lo a sair da estrada.

A Polícia pensa que o condutor da quadriga se estava a treinar para a parada de hoje, comemorativa do feriado nacional americano, dia da independência.

Em Windsor (Ontário) e Detroit espera-se que se reúna uma multidão de 150 000 pessoas para contemplar o gigantesco fogo de artifício, apresentado como o maior do Mundo. — (R.).

O Iraque ameaça abandonar a Liga Árabe se o principado do Kuwait for nela admitido

CAIRO, 4. — Nas conferências com Abdel Khalek Hassuna secretário-geral da Liga Árabe, o general Kassem teria ameaçado retirar-se da Liga se o pedido de admissão do Kuwait na mesma organização fosse aprovado — anuncia a Agência do Médio Oriente.

Teria sido depois desta ameaça imprevisível que se decidiu adiar a sessão do Conselho da Liga Árabe, marcada para hoje.

Diz-se também que o ministro dos Estrangeiros do Iraque, Hachem Jawad, se teria demitido por não concordar com a política do Kuwait. Nota-se acerca do Kuwait. — (France Presse).

O ACORDO DA GRÃ-BRETANHA COM O KUWAIT

KUWAIT, 4. — O consul-geral da Grã-Bretanha no Kuwait, Richmond, falando aos jornalistas, fez um relatório das novas relações entre o Kuwait e a Grã-Bretanha. Declarou que o tratado assinado nesta cidade em 19 do mês passado, tem apenas quatro artigos, todos eles concisos, pelo que se podem prestar às mais diversas interpretações. Esses artigos são:

Art. 1. — É anulado o acordo concluído entre o Kuwait e a Grã-Bretanha em 23 de Janeiro de 1899, visto estar em contradição com a soberania e independência de que goza agora o principado de Kuwait.

Art. 2. — As relações entre a Grã-Bretanha e o principado independente de Kuwait continuarão na base da mais completa amizade.

Art. 3. — Em caso de necessidade, os dois Governos consultar-se-ão acerca dos problemas de interesse comum.

Art. 4. — Em qualquer circunstância e quaisquer que sejam as decisões tomadas no decorrer das consultas, o Governo de sua majestade britânica estará sempre pronto a prestar auxílio ao Governo de Kuwait, se este Governo o reclamar.

O acordo, que entrou imediatamente em vigor, tem duração ilimitada. Está estipulado que, para o tornar nulo, é necessário pelo menos um pré-aviso de três anos, por uma das partes contratantes.

O consul-geral revelou que o Governo de Londres tinha tomado precauções secretas, assim que o Iraque apresentou as suas reivindicações, prevenindo um pedido de auxílio por parte do sheik do Kuwait. Houve consultas acerca das formas que esse auxílio poderia tomar, antes que o emir Abdallah tomasse a decisão de solicitar

O melhor passaporte para férias

O passaporte mais económico, o mais fácil de obter e o que mais depressa abrirá as fronteiras para, sem dúvida, um bilhete duplo para a próxima lotaria das «Férias Grandes» que a Casa da Sorte tem à venda ao preço de 200\$00. O primeiro prémio é de 2.500 contos, que lhe garantem, seguramente, as férias mais divertidas da sua vida.

Hammaraskjoeld projecta a remodelação da O. N. U. com mais influência dos países neutralistas

NOVA YORK, 4. — O secretário-geral das Nações Unidas, Dag Hammaraskjoeld, revelou ontem planos para a remodelação do Secretariado da Organização, que permitiria, em larga medida, o aumento da influência das nações neutralistas na elaboração da política da O. N. U. Simultaneamente, porém, Hammaraskjoeld rejeitou a proposta russa para que o posto de secretário-

geral fosse abolido e substituído por um triunvirato constituído por representantes dos países socialistas, dos Estados neutralistas e dos membros dos blocos militares ocidentais.

Advertiu também que não concordaria com qualquer reorganização que reduza as responsabilidades do secretário-geral ou que adopte a noção de que «os membros do Secretariado são representantes dos Governos do seu país natal ou das ideologias e políticas às quais esses países adiram». «Tais propostas — sublinhou — pressupõem uma alteração profunda do carácter da Organização e requererem a revisão da Carta».

O PROJECTO DE REMODELAÇÃO

O plano proposto por Hammaraskjoeld destina-se a cortar pela base as sugestões do Governo russo e a conquistar o apoio de grande quantidade de nações neutralistas, cedendo ao seu pedido para participarem mais na elaboração das directrizes fundamentais da O. N. U. O secretário-geral concorda que o Secretariado «deve adaptar-se progressivamente a um panorama associativo e a necessidades em evolução».

Propõe que os postos mais elevados sejam assim remodelados:

— criação de cinco adjuntos do secretário-geral, que seriam os seus conselheiros em problemas políticos e executores de missões especiais que o secretário-geral entenda confiar-lhes, à sua própria responsabilidade e por sua livre iniciativa. A dois desses adjuntos caberiam tarefas específicas, ocupando-se um deles dos assuntos relacionados com a Assembleia Geral e o outro dos assuntos relativos ao Conselho de Segurança;

— criação de nove subsecretários gerais, incluindo o posto de chefe de gabinete, para os assuntos administrativos e sem carácter político.

O cargo de adjunto do secretário-geral havia sido recentemente abolido. Parte das suas atribuições seriam, sob o novo plano, exercidas pelo «chefe de gabinete» que, tecnicamente, seria um «subsecretário-geral» visto que a sua missão se conservaria num plano puramente administrativo.

Hammaraskjoeld salienta que esta distribuição dos lugares permitiria «uma distribuição geográfica em base mais equitativa pelas sete áreas principais do Mundo, incluindo, pelo menos, um para cada um dos membros permanentes do Conselho de Segurança». As áreas a que se refere são: África, Ásia, Extremo Oriente, Europa Ocidental e Oriental, América Latina, Próximo e Médio Oriente e América do Norte.

Este projecto vai ser submetido à apreciação da Assembleia Geral, quando esta se reunir aqui para a sua décima-sexta sessão regular, em Setembro. — (A. N. I.).

Bonn recusa-se a discutir com a Alemanha Oriental a reunificação do país

BONN 4 — O Governo da Alemanha Federal rejeitou, ontem, à noite, sugestões feitas na semana passada, pela Alemanha Oriental, para que os dois países negociassem directamente um tratado de paz e a reunificação. — (R.).

A SOLUÇÃO DE JULES MOCH PARA BERLIM

PARIS, 4. — O antigo ministro socialista Jules Moch sugere, hoje, no jornal conservador «Le Figaro», que Berlim se transforme numa cidade livre sob a égide das Nações Unidas — mas a cidade inteira e não só Berlim Ocidental, como a União Soviética propõe.

Jules Moch diz que este plano podia ser aceite pela Rússia em troca do reconhecimento ocidental da Alemanha Oriental e a sua admissão nas Nações Unidas, juntamente com a Alemanha Ocidental.

Esta solução, diz ele, agravaria a actual divisão da Alemanha, nem levantaria qualquer obstáculo a uma futura unificação alemã.

Moch diz que seria difícil a Kruchchev rejeitar uma solução que fizesse de toda Berlim uma cidade livre, regressando a Pankow o Governo da Alemanha Oriental. A cidade livre seria garantida por uma guarnição simpólica de capacetes azuis.

A pior coisa que o Ocidente pode fazer é não propor nada e esperar pelas iniciativas de Kruchchev num «statu quo» que, dia a dia, é mais difícil manter.

DESLUSTRAGEM A SECO

Garantia absoluta, igualmente em limpeza a seco com acabamentos por «lilafate». Basta ligar a 23422. R. da Prata 156. \$/l (único no género).

AÇORDA DE SÁVEL

Famoso prato do RIBATEJANO SALVATERRA DE MAGOS

HEMINGWAY

ACABA DE SAIR :
(em distribuição)

Na outra margem entre as árvores

40\$00

Outros livros publicados :

Por Quem os Sinos Dobram	60\$00
As Verdes Colinas de África	40\$00
O Velho e o Mar	12\$50
O Velho e o Mar (Ed. Esp. Ilustrada)	40\$00
As Neves do Kilimanjaro	12\$50
Ter ou Não Ter	12\$50
A Capital do Mundo e Outras Histórias	12\$50
Um Gato à Chuva	12\$50

Edições «LIVROS DO BRASIL» — R. Caetano, 22 — Lisboa

PROPONHO-ME CINEMATIZAR o meu próximo romance — revela-nos Aleixo Ribeiro



ALEIXO RIBEIRO

O verificado e lamentável desinteresse dos escritores portugueses pelos problemas cinematográficos não é total. Excepções como as de Alves Redo, Fernando Namora, Leão Penedo, Rogério de Freitas, Vasco Branco e Aleixo Ribeiro entre outras, permitem-nos estreitar maiores contactos entre a literatura que possuímos e o cinema que podemos vir a ter. Quisemos ouvir Aleixo Ribeiro a propósito dos seus projectos em matéria de cinema.

— Diga-nos, Aleixo Ribeiro. O seu interesse pela produção cinematográfica é recente?

— O meu interesse em contribuir para a produção dum cinema nacional de fundo não é de hoje. Segui como observador apenas, mas atento, algumas realizações com que Leitão de Barros foi o pioneiro desse cinema em Portugal. E estive sempre interessado não só em ver reproduzidas na tela algumas das minhas produções literárias como ainda em cultivar a sétima arte no seu sentido espectacular.

— Qual é o seu livro que pensou cinematizar?

— Quando da publicação de «Bairro Excêntrico» foi-me sugerida a sua filmagem, porém, não vi possibilidades técnicas e muito menos artísticas na maneira improvisada, um tanto ao desbarato, como então se começava a fazer cinematografia de espectáculo em Portugal. Não me interessava esse cinema e, quando me defendiam com o mau gosto do publico e a estreiteza do nosso mercado exibidor, não lhe augurava futuro diante duma produção estrangeira, se nem sempre de alto nível como arte, de cada vez de técnica mais convincente, mercê de muita experiência, muita selecção e muito dinheiro.

— Interessava-o no entanto outro cinema...

— Pode dizer-se que quase só me animavam as esperanças das primícias do nosso cinema quando se produziram películas como «Aniki Bóbo», de Manuel de Oliveira, «A Canção da Terra», de Brum do Canto e «Maria do Mar», de Leitão de Barros. Foi depois que se passou para um puro comercialismo, de

ganização adquirir experiência de valores e espírito de conjunto, poderá com os nossos escassos elementos técnicos e incipientes valores artísticos começar a fazer face à concorrência da produção estrangeira.

— Cautelosamente, disse mas onde estão os financiadores, mesmo os cautelosos?

— No tempo em que o projecto duma empresa internacional me levou a investigar estatísticas oficiais e outros pormenores sobre a produção cinematográfica em Portugal cheguei a curiosas conclusões. A que para aqui mais importa foi a de que o nosso mercado exibidor poderia recompensar uma certa média de produção anual desde que bem administrada e sem exageros de encenação, com uma taxa de lucro que se estaria longe das grandes indústrias, equipar-se-ia a de tantas outras que prosperam no nosso País.

— Descobriu algo mais durante as suas investigações?

— Citei ainda alguns casos que chegaram ao meu conhecimento e me parecem dignos de referência, até pelo seu contraste. Por exemplo, o de firmas distribuidoras terem imposto a salas de exibição de meios menos cultos lotes de películas estrangeiras de menor êxito para lhes assegurarem a projecção duma produção nacional. E nisto está a razão dos que propõem a dobragem para o desenvolvimento do nosso mercado de cinema, mas duvido de que fosse proporcional a aceitação das nossas realizações. Um outro caso curioso de que tive conhecimento foi o de certa casa exportadora de Lisboa que ao tentar introduzir o nosso cinema no norte de África, recebeu como resposta o pedido de envio de algumas películas á consignação, com a advertência de que o publico ali era exigente e poderia fazer-se a experiência durante a época estival. Finalmente soube da oferta duma grande distribuidora mundial para pôr á disposição dos produtores portugueses os seus vastíssimos recursos de propaganda e expansão.

— E no entanto...

— A proposta não significou lisonja

- As circunstâncias evoluíram para melhor no que respeita ao público.
- O espectáculo cinematográfico não é improvisado de engenhosos
- O cinema tem de ser, mais que o teatro, uma indústria.
- O nosso mercado exibidor poderia recompensar uma certa média de produção anual.
- Uma grande distribuidora mundial propôs a produtores portugueses os seus vastíssimos recursos. A proposta não foi aceite.
- A última película de fundo que produzimos é das melhores.
- É urgente uma selecção de valores técnicos e de interpretação.
- A literatura portuguesa actual: magnífica fonte de produção.

que a sétima arte tem estado ausente e não progrediu em técnica, a não ser na fotografia, como sobretudo se tem observado nos documentários.

— Comercialismo que se mantém.

— As circunstâncias evoluíram para melhor no que respeita ao publico, o que já se torna deveras animador, apesar da televisão. E' certo que continua a ser a produção de êxito fácil a de mais vasto agrado, mas há películas de alto nível, e não só de boa factura ou grandes efeitos espectaculares, que já obtêm sucesso entre nós. Não foi em vão que decênios de cinema passaram pelas nossas plateias para que elas não comecem a distinguir o trigo do joio.

— Encontra excepções?

— A última película de fundo que produzimos foge um tanto á severidade deste juízo, por algumas sequências e a interpretação, em que muito tem claudicado a produção nacional. Há nela certa aprendizagem do cinema estrangeiro, porque no conjunto, a começar pelo argumento e nas intenções que revela, peca do mesmo mal de que enfermará o cinema português enquanto os nossos produtores e realizadores se não capacitarem de que o espectáculo cinematográfico não é improvisado de indivíduos mais ou menos engenhosos.

— Qual a base para a urgente remodelação?

— O cinema como espectáculo tem de ser, mais do que o teatro, uma indústria que começa por assentar em eficiente material e numa larga organização que selecione os diversos elementos técnicos e artísticos, os agrupe nos seus diversos sectores e os entregue, para cada realização, a uma idónea competência directora. Só depois de tal or-

ganização para o cinema nacional, nem isso se compreenderia, revelando apenas umas possibilidades para a referida distribuidora renovar um pouco o panorama da cinematografia internacional, saturada pelas produções americana e italiana, quase que só concorrida pela inglesa e a francesa. Estou que a mesma oferta foi dirigida a outros países. Para mais nesse tempo tinham alcançado fama mundial duas obras primas do cinema sueco ao tempo sem repercussão internacional. Entretanto, o certo é que a referida proposta não foi aceite pelos produtores portugueses, que nisso andaram bem avisados. Julgo que ainda se exportou uma comediazinha tipo Parque Mayer, de que resultou o pedido para se enviar algo mais português, porque daquilo tinham com fatura, além de melhor cozinhado.

— E a produção?

— Presumo que a produção só se tem feito ultimamente com a muleta do Fundo de Cinema, apesar de se procurarem êxitos mais ou menos fáceis. Alguns destes têm redundado difíceis para os seus financiadores. Verificou-se até já o contra-senso de se fazerem realizações dispendiosas, e constou-me que com dificuldades pecuniárias se acabaram algumas bem modestas. Tudo isto só revela, além do que está patente nas obras, a falta de uma organização responsável a orientar o nosso cinema. A mesma ausência se fez sentir na última película de fundo que produzimos, e é das melhores.

— Como devia agir uma produtora eficiente?

— Uma organização que devidamente

(Continua na página seguinte)



O primeiro teatro policial da Alemanha estabeleceu-se definitivamente graças à visão da sua directora por CARL MALLINGER

MUNICH — Parece impossível mas é verdade: a nova atracção para os amadores de teatro de Munich, o Teatro Policial, é dirigida por uma senhora. Ao que parece, Isebil Sturm tem uma sensibilidade muito especial aos calafrios, conhece os grandes efeitos e é dotada de um verdadeiro espírito criminalístico. Em todo o caso o êxito do teatro de Isebil Sturm, instalado com muito gosto numa cave, é um forte argumento a favor deste empreendimento sem precedentes na Alemanha. Quando se inaugurou o teatro, há oito meses, fizeram-se logo ouvir protestos e comentários negativos. Muitos duvidavam que a

corajosa «empresária» se conseguisse impor. Entretanto já existem provas estatísticas: a lotação do teatrinho de 265 lugares está quase sempre esgotada.

Valendo-se de experiências colhidas noutros sectores, Isebil Sturm criou um ambiente muito especial. Tomando uma boa cerveja bávara ou um Reno ou Moselas de alta qualidade, acompanham-se com prazer, e às vezes com calafrios os acontecimentos que se desenrolam em cena. Para um observador atento do género humano, algumas sessões na «Tribune» de Isebil Sturm, onde os espectadores estão sentados em torno de mesinhas e podem fumar e beber, oferecem-se inúmeras oportunidades de estudos interessantes. A «Tribune» já tem o seu publico que não deixa escapar uma única peça e acompanha todas as peripécias com o maior interesse. Não se trata do publico normal dos teatros; quem vem á «Tribune» não se quer instruir nem resolver problemas mas distrair-se de uma maneira muito especial: sentindo calafrios, o pulso acelerado e até mesmo o coração em sobressalto. Muitos dos espectadores não deixam, porém, transparecer as emoções íntimas. Além da cerveja e

(Continua na página seguinte)

★ ★ ★ ★ ★ ★ Cinema no Mundo ★

★ ● Peter Ustinov e Ronald Lubin ★
★ escolheram o actor britânico Terence Stamp, quase desconhecido ★
★ do grande publico, para contracenar ★
★ com Robert Ryan na película «Billy Budd», inspirada no romance de ★
★ Herman Melville. As filmagens iniciaram-se ontem, em Alicante. ★

★ ● Walt Disney contratou Maurice Chevalier e Charles Laughton para ★
★ o filme «The Castaways», cuja rodagem se deverá iniciar dentro de ★
★ poucos dias. A película é dirigida ★
★ por Robert Stevenson e produzida ★
★ pelo próprio Disney. ★

★ ● Ken David, antigo assistente de Jean-Daniel Daninos, estreia-se como realizador num filme sobre Cecilie Sorel. Sem ter carácter biográfico, na película a actriz comenta as condições de vida em 1961. ★

★ ● A peça teatral «La valse des toreadores», de Anouilh, vai ser adaptada ao cinema pelo realizador inglês John Guillermin, sendo os principais papéis desempenhados pela francesa Dany Robin e pelo britânico Peter Sellers. A peça de Anouilh decorre na França; a cena do filme é a Inglaterra. ★

★ ● Inspirado na vida do sindicalista siciliano Salvatore Carnevale, Vittorio Taviani vai dirigir o filme «Ad occhi aperti», que, produzido por Lionello Massebri, tem como principais intérpretes Gianmaria Volonté, Didi Perego, Spiros Fokas, Lidia Alfonsi e Turi Ferro. A película, cujo argumento é assinado por Taviani, Valentino Orsini e Paolo Raviani, será rodada na Sicília. ★

★ ● Ernesto Guida estreia-se, em breve, como realizador, com a película «Um intero minuto», segundo o romance homónimo de Oreste del Buono. ★



Bernard Borderie, realizou mais uma versão cinematográfica de «Os três mosqueteiros»

As possibilidades do cinema português

(Continuação da página anterior)

orientasse a nossa produção começaria por não seleccionar o argumento dessa fita. Não só por certo cinismo só admissível no velho teatro, que se pretendeu opor ao idealismo da fita e melhor lhe daria o título de «Boa e Má Raça», mas ainda por que o caminho a seguir pelo cinema português não será o de repetir assuntos mais ou menos debatidos pela cinematografia internacional, mas pelo contrário, fugir a essa espécie de competição com a possível originalidade que pode, e deve, estar nos nossos próprios ambientes e tipos humanos, senão na nossa simples maneira de sentir, susceptível de posuir a universalidade que mingua nos assuntos cosmopolitas e não

existe nos seus vulgares posições de comédia.

— Falou de um filme português.

— Na referida película há com efeito, certo aproveitamento da lição de cinematografia estrangeira, nomeadamente a americana. E de facto o que temos de procurar antes de mais é fazer cinema que não saia diminuído no seu confronto com o importado, mas para lhe darmos carácter próprio, não só como um princípio de toda a arte como ainda para nos impormos no nosso mercado e, possivelmente, conseguirmos um primeiro interesse além-fronteiras. Esta ambição de expansionismo, ou melhor de internacionalismo, é própria da sétima arte e torna-se um imperativo para de-

envolvimento dum cinema de reduzido âmbito de expansão como o português.

— Temos inúmeros motivos de interesse?

— Não faltam. Nem quem os saiba recolher tanto em ambiências como em costumes e tipos humanos. Na estreia da nossa ultima película de fundo serviu de complemento outra produção portuguesa que é do melhor que tenho visto em cine-documentários. Não se tratou nessa fita de nos dar uma sequência de tomadas de vista mais ou menos atraentes mas ainda de algo mais em que nos sentimos viver com a própria vida ambiente. Vi o documentário e pensei que estaria ali em limbo uma grande fita portuguesa de fundo.

— Para uma obra positiva creê necessária uma firma produtora esclarecida?

— Para se instituir uma produtora de cinema nacional com as possíveis probabilidades de levar a termo a sua tarefa ter-se-ia de seleccionar, dentro do mais responsável senso crítico e da maior largueza de vistas, os nossos melhores valores técnicos, interpretativos e realizadores, com provas dadas ou a lançar cuidadosamente. Antes de mais seria constituída uma comissão encarregada de estudar, segundo estatísticas económicas, a capitalização necessária para uma industria de montagem eficiente e que consentisse inicialmente um mínimo de duas películas de grande metragem por ano, além de pequenas realizações remuneradoras. Para sua plena eficácia propria, desde já, além duma administração competente, um conselho de produção que estabelecesse a programação anual de harmonia com as possibilidades práticas, e segundo ela seleccionasse argumentos, produtores e realizadores, tudo orientado superiormente. Creio que só uma organização fundamentada como industria artística, e não como se tem feito, uma outra realização cinematográfica, deve ser proposta ao capital, e, se este não bastar ainda ao subsídio oficial ou de uma instituição, mecânica.

— E relativamente à ampliação do mercado?

— No que respeita à possível ampliação do mercado, para que muitos preconizam a dobragem do cinema importado e outros a extinção da proibição de se instalarem cinemas em edificios mistos, esteticamente sou mais por esta ultima medida, desde que ela seja razoável, mas não discordaria de se dobrarem muitas comediazinhas que enxameiam nas telas, se isso contribuisse para defesa da sétima arte, contra o incremento do cinema aos domicílios, que é a TV.

— Qual a fonte da produção, os temas a cinematizar?

— Como fonte da produção da entidade que sugiro, sem enjeitar a nossa literatura passada, prefiro a actual. Contamos hoje, como em nenhuma outra época remota ou recente, com um escol de romancistas e sobre tudo de contistas, que convidaríamos a efabular argumentos, ou ainda a dialogar. Esses autores seriam escolhidos segundo a orientação a que me referi para se lançar um cinema português. Mais tarde produziríamos películas mais audaciosas no seu universalismo, que aliás não deve faltar no portuguesismo que preceitua. O meu primeiro projecto pessoal, em que supponho dar um exemplo do que pretendo, seria cinematizar o romance que publicarei a seguir a «Patrão Bento» e se intitula «O Pão da Vida». O seu protagonista é o nosso Malitês, o pioneiro errante do trabalho, portanto do seu pão, e o assunto é o da fecundidade, simultaneamente, fraternalmente, no agro, na animalidade doméstica e no Homem.



Albert Finney em «Saturday night and Sunday morning»

Cinema de Paris

por JOSÉ AUGUSTO FRANÇA

O sábado e o domingo

A Inglaterra tem as suas estruturas vitorianas bem assentes, desde o palácio de Buckingham, até aos cocos dos banqueiros da «City», dos imóveis cavalos das sentinelas de White-Hall até aos «gentlemen» dos «clubs» de Pall Mall — e até aos «slums» dos seus operários segregados.

Contra isso o humor do seu cinema bateu-se em vão, propondo a independência de Pimlico ou reconsiderando o assassinio como uma das belas-arts. Até se calar, numa mediocridade triste, que outra coisa não pôde fazer.

Ou pôde, agora. «Saturday night, Sunday morning», de Karel Reisz, cinco prémios no festival de Mar de la Plata, acaba de ser apresentado em Paris, depois de ter perturbado a Inglaterra que o premiou também nacionalmente — e é uma obra extraordinária, no cinema ocidental.

Numa destas terríveis cidades operárias que a industrialização

vitoriana criou, de casas iguais e lugubres, sem luz no quintal minúsculo, um rapaz que trabalha de fazer parafusos seis dias por semana, e ao fim da semana, dando à mãe parte da (boa) paga, veste camisa lavada e vai beber litros de cerveja ao «pub», e depois ter com a sua amiga e depois, ao domingo, pescar com um camarada; até que um dia é sovado por ciúmes, fica noivo de uma outra operária, fazendo sempre parafusos, a mil por semana, e bebendo cerveja, indo ao cinema à quarta-feira à noite, e pregando uma ou outra grossa partida a uma vizinha gorda, enquanto o pai vê televisão, e a segurança social lhe garante o futuro, na continuada arremetimento do «slum»...

Só isto — com uma autenticidade de costumes e uma autenticidade psicológica que faz do herói um ser vivo, de acções incontroladas, de revoltas inconscientes, não por falta de causa, mas por ignorância dela, nem mau nem bom por ser o operário e não burguês: um operário que não é exemplar, uma personagem que não serve uma tese.

A aflição social que assim nos toma, ao ver o filme, sem desculpas populistas nem soluções teóricas, ganha um peso dramático que se situa exactamente entre o documento e a tragédia, lá onde o cinema italiano dos anos 40 nunca se encontrou. O peso dramático do sábado e do domingo vazios — vazios mesmo que houvesse «foot-ball» que é, como se sabe, um jogo inglês. O peso do vazio, da inexistência ordenada — com o contrapeso da desmistificação.

O filme de Reisz é um filme sereno, com uma história não proposta mas entendida e, sobretudo, dada a entender; um filme que não põe em questão condicionadas relações humanas. Uma obra extremamente necessária.

...E se algum leitor achar que estou a falar de neo-realismo, responderei que não — que estou a falar de neo-realismo.

J.-A. FRANÇA



Isabel II cumprimenta os intérpretes de «Os Canhões de Navarone», na estreia da película, no Odeon Leicester Square. Com Gregory Peck, David Niver, Anthony Quinn, Stanley Baker e Anthony Quayle, o filme é um documento vigoroso da ultima guerra

Lys Taylor parte pratos



Foi assim mesmo. A «tournée» de Eddie Fisher foi interrompida em Las Vegas por um caso sensacional. Eddie segurava o microfone numa das suas canções apaixonadas quando entrou no palco uma criada. Avental, cabelo louro platinado, olhos de boneca de porcelana, uma pilha de pratos nas mãos, Eddie interrompe o elogio da Lua e olha perplexo para a criada que, sem cerimónia nenhuma, deixa cair os pratos no chão. Foi um reboliço. O publico pôs-se de pé e Eddie ia já chamar a Polícia quando descobriu algo de familiar na criada. Era Elizabeth Taylor, sua mulher, a «noiva dos

E. U.» n. 2, que lhe pregava uma partida valente. A indignação foi substituída por uma gargalhada. O publico deu uma calorosa salva de palmas. Reconhecera Liz, que saudou com uma vénia de estreade e passou aos bastidores. Mas as palmas não paravam — realmente o entusiasmo era muito maior que após as canções de Eddie — e Liz voltou, trazia outra pilha de pratos. Agradeceu desta forma original: partiu-os todos, com aquele desleixo molengão e provinciano de tantas criadas. A despesa em loiça foi largamente coberta pela publicidade. Mas os mais venenosos calunias dos E. U. insinuaram que foi tudo preparado e que a surpresa de Eddie foi toda fingida. Sempre há gente que cairia para o lado se morderse a língua...

Munich é agora a rede do teatro policial

(Continuação da página anterior)

do vinho também se servem pequenas refeições, provavelmente pensando naqueles cujo estomago reage a qualquer susto. Na ementa não falta uma advertência amável: «Não deixe de continuar a comer mesmo que de vez em quando estoure um tiro!». Neste duodécimo teatro de Munich segue-se, com muito prazer, este conselho, tanto mais que os preços são módicos.

Isebil Sturm já tinha um nome na vida teatral de Munich, pois fizera parte do elenco dos fundadores da «Kleine Komödie», a «Pequena Comédia». Mas já nessa fase da sua evolução artística tinha uma tendência pronunciada para as emoções fortes, para a peça policial. Não ignorava, evidentemente, que justamente a encenação de peças desta natureza exige um trabalho extremamente cuidadoso. Os

actores em cena têm de ser convincentes em todos os sentidos. Daí talvez a circunstância de a maioria das peças policiais representadas nos teatros normais não ter tido o êxito que se esperava. Finalmente os responsáveis chegaram também à conclusão de que num teatro de Boulevard, como a «Kleine Komödie», o publico está mais interessado em peças mais ligeiras. Verifica-se, no final de contas, que cada teatrinho e teatro tem o seu publico específico.

O teatro de Isebil Sturm foi inaugurado com a peça «A cabeça do outro» de Marcel Aymé, representada por actores conhecidos do teatro e do cinema alemão. Ao que parece, mesmo os actores de grande relevo sentem a forte atracção exercida pela peça policial, de maneira que Isebil Sturm não tem dificuldade alguma em encontrar sempre os intérpretes mais adequados. Numa peça policial não há, por assim dizer, papéis secundários, pois tudo depende do trabalho de conjunto. Isebil Sturm não tem, por isso, problemas de pessoal, podendo encargar o futuro com optimismo. Até agora cada estreia foi uma enchente absoluta e a sr. directora viu quase sempre a lotação esgotada. Com certeza não faltará publico enquanto a «Tribune» oferecer tiros, gritos lancinantes e emoções violentas.

Roussin Maupassant e Visconti

André Roussin adapta Maupassant para o «sketch» de Lucchine Visconti integrado no filme «Boccaccio 61». A protagonista da história é Romy Schneider. Nomes que ninguém reuniria mas que o cinema, com a sua força económica, pode empilhar.

LUTE OU FUJA

por HONDO WELLS



FOLHETIM SEMANAL
do **Diário de Lisboa**

6

RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR — Contra a vontade do pai, Clay, filho de Shafter, rico rancheiro, casa-se com Jody, antiga artista de variedades.

CAPÍTULO II

Clay endireitou-se. Através da chuva que caía e da escuridão do crepúsculo, estava certo de ter avistado ao longe o vulto de Jody. Tinham casado havia um ano e o coração pulsava-lhe sempre depressa quando pensava nela.

Os seus pensamentos fixaram-se nesses tempos. Tinham ido passar a lua-de-mel numa cabana da Sierra Cristo. Fora o tempo mais feliz da vida de Clay. Nunca pensara que um homem no seu juízo perfeito pudesse ser tão feliz.

Mas depois, fizera algumas descobertas no carácter e nas aspirações de Jody que o encheram de preocupações.

— Deixemo-nos ficar aqui para sempre — dissera-lhe ele, ao quinto dia.

Jody corria o olhar pelo silêncio azulado da montanha e estremecera.

— Nanja eu! Gosto das luzes da cidade, Clay, de movimento, gosto de me vestir, de gozar.

Tinham descido da montanha e parecera a Clay que desciam da felicidade. Em duas semanas, esbajaram todo o dinheiro que Clay herdara da mãe.

Chegou por fim o dia em que Jody lhe pedira dinheiro para mais uma extravagância. Clay abanara a cabeça com tristeza.

— Lamento muito, Jody.

Ela olhara-o de sobrolho franzido.

— Que queres dizer?

— Estamos praticamente sem mais um real. E a não ser que eu vá trabalhar num rancho, cedo não teremos mesmo para comer.

— Não te percebo. O velho Eli está cheio dele...

— O dinheiro é do pai. Não nos pertence. E tu

sabes que o pai não estava muito contente, quando resolvemos fugir e casar.

Os lábios carnudos de Jody esboçaram um trejeito.

— Contente ou não, continuas a ser seu filho. És um Shafter. E agora eu também sou uma Shafter. O seu dinheiro é nosso. Tenho a certeza que no-lo dará, quer goste ou não.

Fez tamanha cena que Clay foi procurar o irmão no seu escritório do National Bank. Custava olhar para Lance e imaginar que aquele cavalheiro distinto pudesse alguma vez ter pertencido a uma quadrilha de bandidos.

— Quero que me aceites uma letra sobre o pai — disse Clay.

Lance franziu o sobrolho.

— O velho Eli sabe disto, Clay?

— Clay é seu filho — respondera Jody. — Que receia o senhor?

— Não receio nada — dissera Lance, olhando duro para Jody e sem fazer caso da venenosa insinuação que o velho Eli só tinha agora um filho. Voltara-se e olhara o irmão. — Sabes que a seca tem atingido gravemente o velho, Clay?

— Tem atingido toda a gente — dissera Clay, mas não se sentia à vontade e odiava-se pelo que estava a fazer. Sabia, porém, que não havia outra maneira de conseguir satisfazer Jody... e de a guardar.

— Os mais ricos são os mais atingidos — observara Lance. Preencheu uma letra e entregou-a a Clay para a assinar. Jody observara a cena com um sorriso e uma expressão misteriosa no olhar.

Do Banco, Jody, seguida fielmente pelo marido, tinha ido directamente para o casino de Rod Dunan, como um alcoólico em demanda da taberna. Mas o álcool não era o fraco de Jody.

A mulher dirigira-se directamente à roleta de Dunan. Clay mantivera-se recuado, lembrando-se do dinheiro que seu pai o deixara perder para o ensinar.

— Anda — dissera Jody com uma risada. — Sinto-me hoje em veia de sorte. Ganharemos tudo o que precisamos e nunca mais teremos de incomodar o velho Eli.

8

Mas Clay sacudira a cabeça. Vira a mulher comprar fichas e começar a jogá-las no preto e no vermelho do pano.

Rod Dunan deu volta à mesa, abraçou Jody pelos ombros, puxando-a a si. Era da altura de Clay, mas aí acabava qualquer semelhança entre os dois. Se bem que apenas dez anos mais velho que Clay, a vida de dissipação que levava, fazia-o parecer vinte e cinco mais.

— Aonde tens andado, meu torrão? — perguntara Rod, apertando o braço de Jody. — Onde foste tu desencantar toda essa massa?

Ela libertara-se do amplexo com um sorriso de mofa.

— Sou agora uma senhora casada, Rod. A senhora Clay Shafter. Não sabias?

Rod enlaçara-a de novo.

— Claro que sim, meu amor. Sê bem-vinda a esta casa.

Clay agarara o braço de Rod e fizera-o dar uma volta. Fechou o punho, mas antes que pudesse socar, dois homens saltaram-lhe em cima e agarraram-no pelos pulsos.

Rod aproximara-se e esbofeteara-o com as costas da mão.

— Fora daqui, Shafter. E não voltes a pôr cá os pés. — Depois sorria com expressão maldosa. — Não me refiro a ti, Jody.

Clay agarara o braço de Jody e puxara-a, não obstante os seus protestos. Sentira na nuca os olhos que o observavam, irónicos e desdenhosos. Tinham alugado uma carroça e levado as malas para a casa do velho Eli.

— Voltámos para casa, pai — dissera Clay, ri-sinho. — Espero que nos recebas.

Mas o olhar do velho fora sombrio.

— Tua mãe viveu nesta casa, Clay. Tua própria mãe. — Foi tudo quanto dissera.

Jody passara por ele, muito arrogante.

— Será preferível que nos receba bem, velho Eli. Aqui estamos e aqui ficaremos, quer goste ou não.

— Sim — respondera o velho.

Um ou dois dias mais tarde, Jody mostrara-se desassossegada.

9

— Isto aqui é uma pasmaceira, e eu não suporto pasmaceiras. Tens de me deixar ir à cidade de vez em quando, para visitar as minhas amigas. Caso contrário, endoideço.

Ele queria dizer-lhe algo que a satisfizesse. Concordara.

De súbito, ela casquinara uma risada.

— Engraçado! Estou a pensar na figura que fizeste quando quiseste atirar-te ao velho Rod Dunan. — Encostara-se toda a ele. — Sabias que em tempos fui do Rod, Clay?

— Não quero saber disso para nada — respondera Clay com voz rouca.

— Não. O teu passado acabou.

Ela soltara nova risada.

— Pois claro.

* *

Cerca de uma semana mais tarde, o velho Eli esperava-o cá em baixo na sala.

— Sacaste sobre mim mil dólares, Clay.

— Fui obrigado a isso, pai. Estava sem dinheiro.

— Foi como que um roubo, Clay. Podias ter-me pedido o dinheiro.

— Eu sabia que estavas oborrecido com o meu casamento. Trabalharei para te pagar.

O velho estudara-o por momentos e por fim respondera:

— Muito bem. Se vais tomar juízo e começar a trabalhar, cá por mim não haverá novidade. Vamos ver.

Entregara a Clay cem dólares.

— Isto é para o caso de tu... ou da tua... — hesitava antes de rematar a frase — ...mulher precisarem de qualquer coisa.

Clay sabia que Jody ouvira a conversa, quando se viu seguido por ela. Voltou-se e contemplou-a embevecido perante a sua beleza. Pensou então no pai. O viho Eli estava a portar-se muito decentemente com eles.

— Cem dólares! — exclamara Jody com voz trémula de raiva. — Terá de te dar muito mais do que isso se vais ficar aqui a trabalhar para ele.

— Devias dar-te por muito feliz que ele nos tivesse oferecido esse dinheiro. Devo-lhe mil dólares e muito mais. — A seguir, atirara-lhe o dinhei-

10

ro para as mãos. — Tem cuidado, não o esbanjes. Será o último até que eu ganhe algum.

Raivosa, Jody rasgara a nota em mil pedaços. — Escuta-me, Clay Shafter. Sou tua mulher! Teu pai é rico! Podes pedir-lhe esmola, se quiseres. Mas não contes comigo! — Afastara-se dele e saltara para a sela do cavalo, lançando-se a galope pela pradaria em direcção à cidade.

Clay virava-a afastar-se, ardo por lhe seguir na pegada e obrigá-la a voltar atrás. Mas o velho Eli aparecera naquele momento. Clay não quis dizer ao pai que Jody partira sem sua licença. E assim, segundo o combinado, os dois partiram em inspecção pelo rancho. Para além do campo de algodão, que cercava a casa, tudo estava queimado e reses escanzeladas mugiam lugubrememente.

— Só nos resta um terreno com água — disse o velho. — Está todo cercado de ortigas e de mato, mas eu mandei que os rapazes lançassem fogo a tudo e para lá é que teremos de conduzir as manadas. Depois, é rezar para que chegue a chuva.

Fora uma semana muito trabalhosa, durante a qual Clay teve de dormir calçado. E a seca continuava. Os vaqueiros de Eli tinham de manter guarda, de espingarda em punho, para impedir que os intrusos trouxessem as suas manadas para a única nascente que ainda dava água.

— Escutem-me, rapazes — gritava o velho Eli. — Esta água é minha. Se for preciso, recorrerrei à bala. Deixarei que vocês dessedentem o gado desde que haja água suficiente para o meu. Mais é que não posso fazer.

Quando não montava guarda à nascente, Clay dormia e sonhava. Fora despertado, bruscamente de um desses sonhos, por mão que o sacudira pelo ombro.

— Senhor Clay, acorde! Vem aí um grupo de homens. Parecem dispostos a apoderar-se do poço, nem que para isso seja preciso matar-nos!

Clay sentara-se a ativar o cinturão, pensando na maneira como o velho Eli tratara do caso se estivesse ali.

— É o que terão de fazer! — respondera.

(Continua)

MONRO-MATIC
UM PRODUCTO
MONROE
O único
AMORTECEDOR
com ajustamento
automático para todos os
tipos de estradas e cargas
REPRESENTANTE EXCLUSIVO:
AUTO-LUSITANIA
AVENIDA DA LIBerdade, 73-79
LISBOA

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto

ANIBAL - Gravador

Rua Nova do Almada, 64 - LISBOA
A casa que melhor trabalha

5%

S/ AUTOMÓVEIS E 6% S/
PRÉDIOS (MESMO EM
CONSTRUÇÃO)

ORCOSI

RUA 1.º DEZEMBRO, 45

EM BENFICA DO RIBATEJO o
«DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por
intermédio do SR. ANTÓNIO RODRI-
GUES RAPOSO.

Hipotecas s/ Automóveis

Antes de hipotecar o s/ automóvel consulte-nos, na certeza de obter as melhores condições de empréstimo e facilidades de pagamento.

CREDIMOVEL

Soc. de Crédito Imobiliário, R. L.
Av. Miguel Bombarda, n.º 70. 1.
Telef. 767693/4/5

O «Diário de Lisboa» vende-se em
Castelo de Vide no Salão Royal.

HIPOTECAS

Sobre propriedades ou automóveis. Em todo o País. Rapidez e sigilo.

A FINANCIADORA

Companhia Nacional de Crédito

S. A. R. L.

Av. da Liberdade, 3-Telef. 24446

LISBOA

FIOS TRICOT

ESCOGESA desde Esc. 130\$00 o quilo

Ráfias — Perlapont
Fatos de Banho — Lingerie
(AOS PREÇOS DE FABRICA)

J. P. ALVARES

FERREIRA, LIMITADA

76, Rua da Madalena, 78

(Junto à Igreja da Madalena)

Telefone 27 652 LISBOA

PEÇAM AMOSTRAS GRÁTIS

ENVIAMOS ENCOMENDAS

A COBRANÇA

O «DIÁRIO DE LISBOA» — recebe-
do por avião — vende-se em PONTA
DELGADA — ACORES, na TABA
CARIA ESPERANÇA de JOÃO LUIS
DE MEDEIROS.

A indústria da cerveja e o agro nacional

(Continuação da página central)

cerveja e o agro nacional», fazendo uma longa, pormenorizada e interessante exposição acerca do fabrico daquele produto entre nós e da importância que representa para a economia nacional. O sr. dr. Humberto Pelágio começou por afirmar:

«A cerveja é um bem essencial. Não é, naturalmente e como poderá supor-se, realizando um juízo irreflexivo, imediato — um produto supérfluo. Diremos, mesmo, que se imporá concluir sem o favor de uma aceitação generosa, que a cerveja, como fruto de transformação industrial, que é, de um produto da terra, nunca, por nunca, poderá ser havida, economicamente, como um artigo supérfluo, já que, do ponto de vista fiscal, a cerveja alinha até entre os primeiros contribuintes do erário publico».

E prosseguiu, no meio do interesse crescente da assistência:

«A uva, a cortiça, o trigo, por exemplo, situam-se no mesmo plano de interesse económico e nacional da cevada. E nem por isso se nos afiguraria legítimo ou avisado haver o vinho, ou o *cork board* ou a farinha panificável, como produtos supérfluos ou de luxo! Não! O circuito agro-industrial que o binómio malte-cerveja institui e polariza não se compadece, obviamente, com conceitos vazios de substância. A cerveja não é, realmente, um produto supérfluo. A sua expressão universal exprime-se num consumo que iguala, hoje, 400 milhões de hectolitros ou 40 mil milhões de litros, quando, há trinta e cinco anos atrás, roçava por metade. Facto indubitável, categórico, que me parece suficiente para reduzir a zero a infundada alegação de carência de essencialidade na cerveja, como bem de consumo. *Supérfluo*, segundo a mais pura semântica, é «o que é demais», «o que é desnecessário». É «aquilo que excede o preciso». Ora a cerveja não é nem demais, nem desnecessária, nem excede o preciso. É tão antiquíssima como a própria humanidade. E por alguma razão o será, evidentemente».

E, depois de se referir à antiguidade desta indústria, que o Egipto dos faraós e a Grécia antiga já conheciam, continuou a sua lucida e esclarecedora exposição:

«Para a lei, a cerveja é erradamente um refrigerante, tal como o capilé, a groselha, a limonada. E se-lo-á, imprópriamente, claro, porque o seu consumo se intensificará durante a quadra estival, ainda que distribuindo-se, em menor coeficiente, pelos restantes oito meses do ano. Consumindo-se em maior escala ao longo de quatro meses, este facto empresta-lhe a natureza, ou dispensa-lhe a categoria, de indústria de ponta com o seu tradicional cortejo de encargos inerentes. Contudo, esta circunstância, só por si, não chega, não basta, para legitimar, ou, melhor, para radicar na cerveja a classificação económica de refrigerante no seu sentido estrito, equiparando-a com outras bebidas isentas de total valor alimentar e de teor alcoólico. O refrigerante, refresca. A cerveja alimenta, refresca e tonifica. E esta distinção notória, profunda, pacificamente aceite e reconhecida, não se compadece, certamente, com uma igualdade de classificação, onde se ignoram valores inapreciáveis: onde o produto da terra, a cevada, é colocada em estado de crise; onde o agro nacional é, uma vez mais, esquecido e situado no âmbito de uma economia fechada, como se, sobre ele, não tivessem passado séculos de evolução».

A equação do problema

O problema é, em seguida, equacionado com perfeito conhecimento das suas implicações:

«Perguntar-se-á: quando se desperta? A cerveja possui real valor alimentar. Não podemos, nem devemos, minimizá-la. É uma bebida sã, higiénica, isenta de bactérias patogénicas, na qual se reúnem cinquenta princípios nutritivos de inestimável valor. Desde as proteínas, a grande parte das vitaminas do complexo B. A água, o malte, o lupulo, a levedura e o açúcar são os seus componentes únicos, não obstante em alguns países se utilizar, também, o arroz e o milho. Logo, como será possível negar-se, razoavelmente, a cerveja a categoria de produto de uma economia que, por ser agrária, a classifica e situa na vanguarda dos produtos da terra?»

«A indústria da cerveja, ultrapassado o *amadorismo* que a introduziu e guiou em Portugal e lá

fora, valorizou-se a partir da concentração de produção, que teve irresistivelmente de procurar para sobreviver. E dentro da concentração da produção continental levada a efeito no ano de 1934 por quatro empresas, de entre cinco existentes, que a indústria criou consciência, ganhou mentalidade industrial, se apareceu da sua própria força económica. E, assim, atingindo o termo da segunda conflagração mundial, durante a qual a indústria do fabrico da cerveja foi submetida a um trabalho duríssimo para ocorrer ao abastecimento do mercado nacional e poder alimentar, na medida do possível, o exército aliado de Montgomery, dois caminhos se impunha percorrer: o da renovação das suas instalações e da substituição dos seus equipamentos, anacrónicos e destruídos pela violência duma laboração penosa, e o da inversão ou reinvestimento das suas poupanças em capitais técnicos».

«A investigação científica tomou então o seu lugar; os métodos da organização passaram a viver em paralelo com a programação económica; o conhecimento universitário iluminou a empresa; a tecnologia aumentou a sua rentabilidade qualitativa e quantitativa; as previsões tornaram-se possíveis; e a identificação dos custos marginais operaram o resto que se impunha atingir para bussolar e orientar com consciência e eficiência os destinos da indústria, dotando-a de crédito e de indispensável segurança. Um incalculável e grandioso esforço houve, então, que fez, tudo e todos galvanizando».

As novas exigências

«Hoje, diante de uma comunidade económica europeia em organização, novo e redobrado esforço há que repetir. Quem não se integrar, claudica, suicida-se. E a integração exige e impõe duas condições de base: dimensão e qualidade a preço de concorrência».

«E' essa a mensagem que o prof. Ferreira Dias consubstanciou no seu despacho de 8 de Setembro de 1960, acerca do futuro da indústria do fabrico da cerveja. Por nossa parte, diremos, apenas, que ela está certíssima. E' actual, lucida e avisada, e detém o incontestável e grande mérito de ser objectiva e imperativa, porque alerta, além do mais, a indústria para a compreensão dos problemas e realidades que a economia dum Ocidente em perigo nos impõe considerar e resolver. A fórmula «socialismo+electricidade», pelo desvio que a mesma experimenta, haverá, decididamente, que opor, segundo se nos afigura, a fórmula mais humana da «liberdade+electricidade»!

«Quer dizer: — mal refeita da provação exaustiva a que a expôs a segunda Grande Guerra, a indústria do fabrico nacional da cerveja é, novamente, chamada a prestar ao País mais um novo e relevante serviço, utilizando para tanto toda a sua já provada experiência e a consagração que lhe tem sido tributada no e pelo chamado «mundo cervejeiro».

A cultura da cevada

Posta em relevo a classificação honrosa obtida lá fora pela cerveja portuguesa, o dr. Humberto Pelágio ocupou-se, em seguida, dos progressos constantes que se têm verificado no fabrico daquele produto, não só pelo que interessa a maltagem de cevada distica, mas, também, pelo que diz respeito à brassagem.

«Ao objectivo desta palestra — prosseguiu — importa, porém, proclamar que se está em pleno estado de melhoria da qualidade das cevadas maltáveis, o que se deve, exclusivamente, ao apuro da investigação científica empregada, e em que tem sido notável a participação norte-americana. Com cevadas pobres, inferiores, acentue-se, nunca se obterá um bom malte. O que o mesmo significa dizer — uma boa cerveja. Daí, o incalculável interesse que o problema da cultura da cevada constitui na hora actual, problema, sem dúvida, de primeira importância no plano da economia nacional, quer de baixo do ponto de vista que interessa aos consumos internos, aliás, em acentuado aumento progressivo, quer de baixo do ponto de vista que interessa aos consumos externos, uma vez que não se despreze a antecipação da nossa produção sobre as produções dos países normalmente abastecedores. Considerado, portanto, esse problema, vê-se que ao desenvolvimento da cultura da cevada distica estão reservados mercados certos — nacionais e estrangeiros, para maltes e cevadas portuguesas. Doutro passo, atentos os lisongeiros e

prometedores resultados experimentais já obtidos para a variedade de cevada distica colhida nos campos de ensaio portugueses, não se decairá em exagero censurável se propugnarmos, imediatamente e sem perda de tempo, pela sua industrialização, a qual se revelará insuficiente quando a produção cientificamente orientada entrar em resultado pleno».

«Desperta-se, por vezes, já tarde entre nós. Na hipótese, convirá, a todas as luzes, começar a trabalhar no aumento dessa capacidade de laboração, enquanto se aperfeiçoam os ensaios experimentais e não nos precipitamos sobre as grandes produções de cevada distica seleccionada. Quando estas surgirem, estará concluída a nova unidade que as há-de laborar, no todo ou em parte, consoante as exigências dos mercados».

Números elucidativos

O palestrante citou, depois, números elucidativos acerca do fabrico e do consumo mundial da cerveja, para concluir:

«Como se observa, a Europa classifica-se em segundo lugar, com uma produção de mais ou menos 20 milhões de toneladas, em cuja distribuição ressaltam contrastes como estes: enquanto Portugal é o último com uma produção de 651 quilos por hectare (hoje quase igual a uma tonelada), numa produção total de 101 000 quintais por hectare, obtida numa superfície de 152 mil hectares, a Holanda regista, respectivamente, os números seguintes: 4,055 toneladas, 292 000 quintais e 74 000 hectares; e a Bélgica, a Dinamarca, a Irlanda, a França acusam as produções, respectivamente, de 3,441, 3,004, 3,133 e 2,850 toneladas por hectare. Os países mais próximos de Portugal são a Espanha com 1,227 toneladas e a Grécia com 1,205 toneladas, o que é francamente baixo».

«Doutro passo, a análise das produções europeias coloca o nosso País em 11.º lugar sob o ponto de vista de superfície cultivada — o que atesta terras más, o 10.º lugar sob o ponto de vista da produção global, e o último lugar sob o ponto

de vista de rendimento por hectare».

Quanto à produção de cevadas disticas destinadas à indústria, tirou as seguintes conclusões:

«1.º O rendimento por hectare de cevada distica é consideravelmente mais elevado que o rendimento de cevada de pragaça».

«2.º A média de 513 quilos de rendimento por hectare em cevada distica é susceptível de fortes aumentos nos próximos anos».

«3.º A percentagem, em 100 951 hectares de terrenos cultivados com cevadas de pragaça, foi de 2,7 %, e, com cevadas disticas, foi de 97,3 %!».

Vantagens imediatas do desenvolvimento dessa cultura?

«Supondo, sem esforço, que as sementeiras de cevada distica passem, dentro de três anos, de 2,7 % para 10 % das sementeiras totais, teríamos, nesse caso e então, que 10 % de 100 951 hectares representariam 10 095 hectares, o que nos proporcionaria médias correspondentes à média inter, variedades mínimas de ensaios de grande cultura (1956/57) — ou seja, 1827 quilos por hectare, hoje, 2000 quilos».

«A produção portuguesa igualará, nesse momento, 20 000 toneladas de cevada para maltar, com um benefício suplementar para a agricultura nacional de 25 000 contos, constituídos pela diferença entre os preços mundiais em 1957-1958 (2\$05 e 2\$50), que lhe proporcionaria, consequentemente 4600\$00 por hectare. Isto é, mais 1733\$00 por hectare».

Algumas verdades

Algumas verdades sobre as quais convém meditar:

«Este enunciado simples, honesto de intenções, mete em equação problemas que não devemos, de modo nenhum, renunciar a afrontar com a sinceridade intelectual e o patriotismo que o momento presente exige e impõe a todos os portugueses. Queremos com isto dizer, que temos de pôr de parte frases feitas, lugares comuns, conceitos sábios, circuitos fechados, para prepararmos novos princípios de orientação com rumo ao futuro. Lavemos os cérebros, vacinemo-nos contra a lógica do passado, que já não cabe, nem no presente, nem, claramente, no futuro».

«Assim: e porque havemos de continuar a teimar contra a própria evidência, que a cerveja concorre com o vinho, quando a captação portuguesa é a mais baixa do Mundo e iguala três litros e meio, e a do vinho 84 litros, depois de ter sido já de 134 litros em 1948, apenas porque dentro da economia vinícola se criou um labirinto de ideias e de processos? O absurdo é por demais rematado e afrontoso da inteligência».

«Porque havemos de continuar a querer manter as nossas exportações em cima de produtos tradicionais que os mercados de consumo continuam a relegar para último plano, ou de que se estão a desinteressar manifestamente? Porquê?»

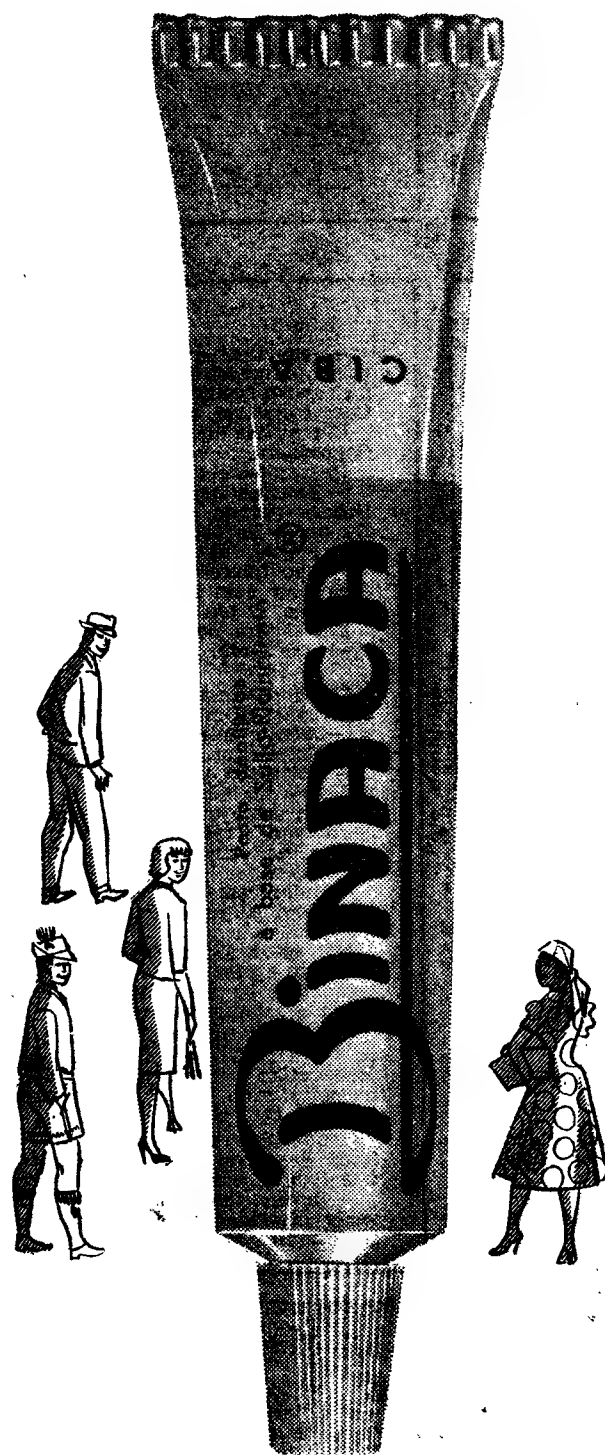
«Porque não havemos nós de tentar a nossa sorte na valorização de outros produtos da terra, aproveitando os favores da Natureza? Sim: porque havemos nós de teimar em continuar a fazer culturas tradicionais, sem rentabilidade possível, quando podemos adquirir esses mesmos produtos fora da Alfândega a preços infinitamente inferiores aos nossos preços de custo? Porquê?»

«Está, ou não, á vista que a cultura da cevada distica (não excluimos o enorme interesse pela sementeira da cevada da pragaça que a indústria dos extractos de malte está a valorizar, dia a dia) — integra uma vastíssima zona de interesse rentável aberto pela indústria do fabrico da cerveja?»

«Porque se espera? Sejamos realistas, e não confieemos cegamente na economia empírica. A economia aplicada sempre superou esta. O agro nacional, ao qual prestamos homenagem pelo calvário de vicissitudes e de incompreensões que tem sido chamado a vencer — bem merece da Nação pelo fervor do seu abnegado esforço de conservação e de progresso».

E a terminar:

«A cultura da cevada não é uma cultura supérflua. É uma cultura fundamental no quadro da economia portuguesa, e há que a desenvolver, protegendo e defendendo a sua transformação, dando-lhe condições de vida, libertos de fantasmas e de narizes de cera. Nunca se progrediu em cima do medo, ou apoiados em lugares comuns e em slogans de trazer por casa. Uns e outros, falhos do realismo e da filosofia do nosso tempo».



O Mundo inteiro confia na Binaca

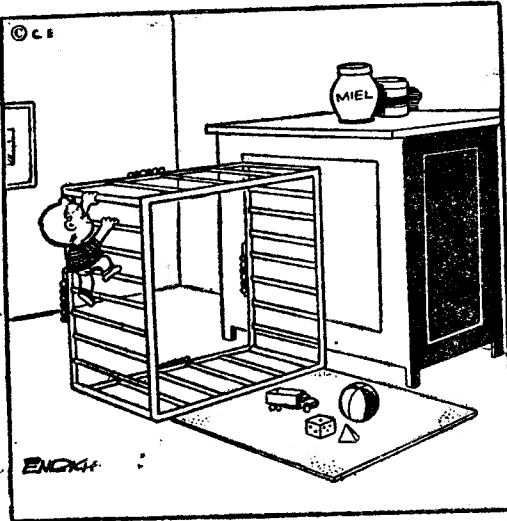
A BINACA encontrou adeptos entusiastas em cerca de cinquenta países. Isto demonstra a qualidade deste denfífico, que se impôs, não à custa de uma publicidade desmedida, mas pela recomendação feita pelas pessoas que a usam e a aconselham aos seus amigos. Confiem também na BINACA! BINACA protege os seus dentes e dá-lhe, para muitas horas, um hálito fresco e agradável.

pequeno MAGAZINE

Uma nova... de Dali

Salvador Dali prepara uma ópera-ballet que apresentará em Veneza, em 19 de Outubro, e que se denominará «A dama e o cavaleiro romano em Espanha».

A coreografia é de Maurice Béjart e apresentará a particularidade de fazer evoluir bailarinos e bailarinas num recipiente de vidro cheio de água de sabão. O «maestro» escolheu o sabão de baleia. Dali escolheu entrar na porta de Veneza montado no dorso de uma baleia. O armador Onassis não lhe pôde fornecer uma baleia viva pelo que terá de se contentar com uma morta conservada por um sistema de refrigeração eléctrica.

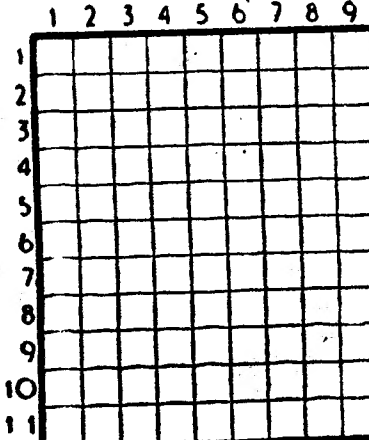
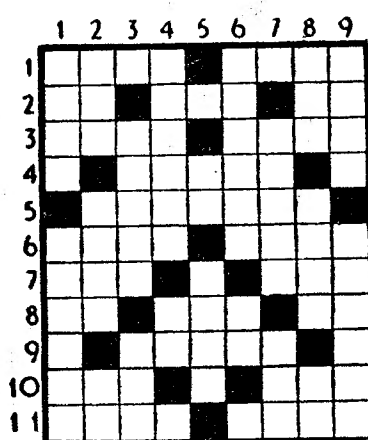


Menino-prodigio

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO
Problema n.º 2360

NOVA MODALIDADE
Problema n.º 4406



HORIZONTAIS: 1 — A parte dianteira de uma embarcação. Prender-se com os elos ou as gavinhas. 2 — Satélite de Júpiter. Pos-sui. Pronome pessoal. 3 — Cantaro. Cidade fortificada da Itália. 4 — Artigo definido. Suster com estacas (a videira). 5 — O mesmo que em-potas. 6 — Sumo pontífice Grande afeição. 7 — Cincho. Pronome Pes-soal. 8 — Ermo. Causa. Artigo de-finido. 9 — Mancebo que acompa-nhava o rei e levava as armas. 10 — Camareira. Fileira. 11 — Invulgar. Líquido gorduroso.

VERTICAIS: 1 — Barril. Trans-por. 2 — Rato. Ilha situada no Pe-queno Belt. Seguir. 3 — Artigo de-finido. Período. Semelhante. 4 — Apraza-se com outra pessoa para um encontro. Nota musical. 5 — Rio de Itália. Potentado indiano. 6 — Senzala. Nome de uma letra. 7 — Fio de latão. Calamidade. 8 — Prefixo que designa ar. Chão. Vê. 9 — Desmoronava-se. Arranhadura.

Solução do problema n.º 2359

HORIZONTAIS: 1 — Uru. 2 — Ceuta. 3 — Os. Una. Er. 4 — Rim. Uma. 5 — Araçá. 6 — Urra. Aura. 7 — Na. LVI. Ir. 8 — Raera. 9 — Formiga. 10 — Cala Aias. 11 — Az. Mim. Ló.

VERTICAIS: 1 — FORTUNA. Cá. 2 — Si. Rã. Faz. 3 — OC. Mar. Rol. 4 — Rêu. Ralaram. 5 — NUNCA. UEM. 6 — Ata. Cairam. 7 — Dã. Uau. Agi. 8 — Em. Ri. Aal. 9 — Tramara. Sô.

(Provérbio: UMA FORTUNA NUNCA VEM SÓ).

FEIRAS INTERNACIONAIS

A C. P. e os Caminhos de Ferro es-trangeiros aplicam reduções no trans-porte de mercadorias destinadas às ma-nifestações internacionais abaixo indi-cadas:

ALEMANHA

— Feira do Vestuário Masculino, em Colónia, de 26 a 28 de Agosto de 1961.
— INTERSTOFF — Feira profissio-nal de têxteis para vestuário, em Franc-fort/Meno, de 4 a 8 de Julho de 1961.

FRANÇA

— Exposição do 5.º Congresso dos Electro-Radiologistas de Cultura Latina, em Paris, de 24 a 29 de Julho de 1961.

ITALIA

— 13.ª Feira Internacional de Amos-tras, em Trieste, de 21 de Junho a 5 de Julho de 1961.

MARTINE CAROL

REGRESSA A FRANÇA

Envolta num vestido de tecido estampado, cor do céu, de rosto e braços queimados pelo sol do Tai-ti, Martine Carol regressou a França, depois de estar dois meses nas ilhas polinésias.

— Dois meses que foram um per-pétuo encanto — declarou num sor-riso aberto.

Falando dos seus projectos, Mar-tine esclareceu que vai começar a filmar uma comédia policial: «O Sangue dos Magnoli, onde desem-penhará um papel meio cómico, meio dramático».

Em Novembro regressará à sua propriedade de Bora-Bora a fim de recuperar energias.

GRANDE LEILÃO

EM LONDRES

Cento e sessenta e nove telas, de-senhos e esculturas de grandes ar-tistas do século XIX e do sécu-lo XIX, vindas de colecções par-ticulares de catorze países da Eu-ropa e da América e compreenden-do peças da actriz Elizabeth Tay-lor, serão objecto do mais especta-cular leilão do ano realizado em Londres.

De Delacroix e Puvis de Chavan-nes a Picasso e Dali os maiores no-mes da pintura impressionista e moderna, estão ali representados, tais como Renoir, Cézanne, Degas, Gauguin, Van Gogh, Vlaminck, Utrillo, Modigliani, etc.

Mas o lote mais interessante é, sem dúvida, uma estatueta de Gau-guin que nunca foi exposta ou fo-tografada. Representa uma jovem tatiana e é vendida por um mem-bro da Ordem Dominicana.

Esta estatueta foi oferecida por Gauguin à filha de um dos seus amigos entre 1894-1895. O colar de coral e conchas que pende do pes-coço da estátua pertencem à repre-sentada.

UM INQUÉRITO

para determinar as causas do incêndio na Penitenciária

Foi particularmente violento o incêndio que, esta madrugada, se declarou na Penitenciária de Lis-boia, numa oficina de cartonagem, que ardeu totalmente, bem como todo o recheio.

O fogo foi combatido com o em-prego de 36 agulhetas. No local do sinistro estiveram 200 sapadores bombeiros e 20 viaturas pesadas.

Uma hora e meia depois o fogo foi considerado extinto, tendo fido no local o material necessário à prevenção e respectivo pessoal.

O rescaldo foi considerado con-cluído de manhã, pelo que às 10 e 45 retirou o referido material.

A origem do incêndio é indeter-minada pelo que vai ser feito, sob a orientação do comando do B. S. B., um inquérito para se apurar as causas do incêndio.

União de SINTRA

Cinemas

AMADORA — Recreios Desporti-vos — A's 21 e 15: «O novo Al Ca-pone» e «O homem da terra de Deus» (17 anos).

QUELUZ — Queluz-Cine — A's 21 e 15: «Escola de vigaristas» e «Vício de matar» (17 anos).

MEM-MARTINS — Cine-Chaby — A's 21 e 30: «A menina dos telefo-nos» (12 anos).

ERICEIRA — Cine-Teatro — A's 21 e 15: «Dois aldrabões e meios» e «Coração de uma cidade» (12 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — Cavaca — R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019). — Flama — R. Elias Garcia, 78-B (Telefone 932485).

QUELUZ — Correia — R. Mateus Vicente Oliveira, 3 (Tel. 950905).

SINTRA — Simões — R. Helio-doro Salgado, 26 (Tel. 980832).

S. PEDRO DE SINTRA — Valen-tim (Tel. 980456).

BURACA — Vaz Martins — R. António Ferro, M. A. D. (Telefone 931690).

DAMAIA — Confiança — Estrada Militar, lote D.

União de CASCAIS

Um bombeiro capturou a macaca que andava à solta

Aquela macaca que dá pelo no-me de «Nita» e fugiu ao dono, an-dou, como dissemos, à solta em Carcavelos, onde as suas tropelias e ameaçadores arremANHOS, excita-dos pelo rapazio, causou alarme na-quela zona da Costa do Sol, foi finalmente capturada. Houve, tam-bém noticiamos, um movimen-tado cerco ao bicho, que se escapu-lia a todas as ardilosas armadi-lhas dos perseguidores, incluindo bombeiros, polícias, funcionários da União Zoofila, registando-se epi-sódios pitorescos no meio da agi-tação popular.

Desde que interveio no caso aquela benemérita instituição pro-rectora dos animais, durante cerca de um mês o seu pessoal, chefiado pelo sr. Artur Loureiro Sardinha, e outro cedido pelo Jardim Zooló-gico, empenharam-se em apanhar a macaca, desenvolvendo constante-mente a sua acção em Carcavelos. O êxito desse fatigante trabalho para a captura do simio é devido, contu-do, ao componente da humanitária corporação dos Bombeiros Volun-tários daquela localidade, sr. João Pinheiro Jorge, que vai ser justa-mente galardoado e premiado pela União Zoofila.

gico, empenharam-se em apanhar a macaca, desenvolvendo constante-mente a sua acção em Carcavelos. O êxito desse fatigante trabalho para a captura do simio é devido, contu-do, ao componente da humanitária corporação dos Bombeiros Volun-tários daquela localidade, sr. João Pinheiro Jorge, que vai ser justa-mente galardoado e premiado pela União Zoofila.

Cinemas

OEIRAS — Oeiras-Cine — A's 21 — «Orquídea negra» (17 anos).

PARADE — Royal-Cine — A's 21 — «O tubo da morte» e «O senhor está à espera» (17 anos).

ESTORIL — Casino — A's 17 e 21,30 — «Escada acima, escada abai-xo» (17 anos). — Cine-Esplanada — A's 21 e 30 — «Começou em Salz-burgo» (17 anos).

CASCAIS — S. José — A's 21 e 30 — «O Santo entra na dança» (12 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — Branco — Av. Comb. Grande Guerra, 29 (Tel. 012081).

CAXIAS — Nova — R. Bernar-dim Ribeiro (Tel. 042839).

PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 042039).

OEIRAS — Central — R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 043058).

PARADE — Brandão — Av. Re-pública, 77-C (Tel. 047054).

ESTORIL — Parque — Arcadas do Parque, 3 (Tel. 060191).

CASCAIS — Misericórdia — Rua do Regimento, 19 (Tel. 080141).

Trabalhe com conforto...

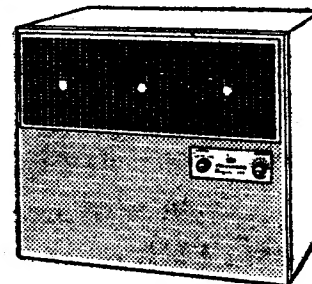


um condicionador de ar

FRIGIDAIRE

resolve o seu problema!

Refresca quando há calor. Aquece quan-do há frio. Renova e purifica o ar. Aca-ba com a humidade.



Concessionários no distrito de Lisboa para venda e assistência técnica

FRIAL

(Instalações Frigoríficas e Artigos Domésticos, Lda.)

Rua Gonçalves Crespo, 20, A e B • TEL. PPC 7344 48

Consulte a nossa tabela de pagamentos a longo prazo

DIZ QUEM SABE

O coração é quase sempre como um corcel fogoso, cuja vivacidade é preciso dominar com prudência.

SAINT-ÉVREMONT

* O nosso coração é o único inimigo perante o qual somos impotentes.

E. LABOULAYE

* Um homem nunca deve permitir que o coração se comova.

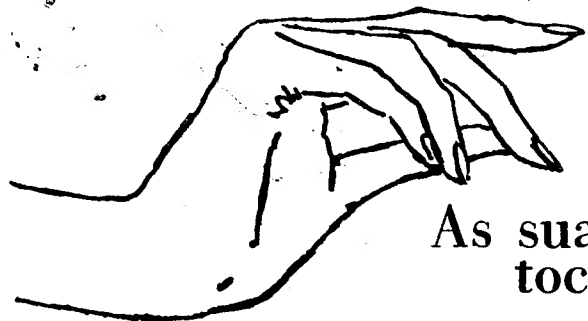
HAKUSEKI

QUEM CANTA

seu mal espanta...

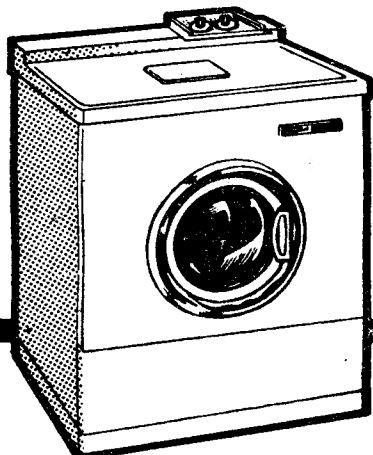
Teu amor é qual fogueira, feita cinza pó e nada... Nada faz à nossa beira uma fogueira apagada!

AMÉRICO MARQUES DOS SANTOS



As suas mãos não mais
tocarão na água

A **BENDIX** lava e enxuga a roupa
numa operação contínua



Assista a uma demonstração
Uma verdadeira máquina de lavar roupa
desde 6.500\$00
com aquecimento eléctrico
ou
a gás (Hulha ou Butano)

Concessionários para o Sul do País:
DINIZ M. D'ALMEIDA, LDA.
Av. Liberdade, 214 a 218 — LISBOA
Representantes Gerais para Portugal:
ARNALDO TRINDADE & CA., LDA.
PORTO

Mala Real Inglesa

Para: **LAS PALMAS, RIO DE JANEIRO,
SANTOS, MONTEVIDEO e BUENOS
AIRES**

DARRO	—	Julho	10 *
ARLANZA	—	Julho	26
DESEADO	—	Agosto	7 *
AMAZON	—	Agosto	23

* Não escalam LAS PALMAS

Para: **LONDRES**

AMAZON	—	Julho	30
ARAGON	—	Agosto	20
ARLANZA	—	Setembro	10

RECEBEM PASSAGEIROS EM 1.ª, 2.ª E 3.ª CLASSES
E CARGA GERAL E DE FRIGORÍFICO

AGENTES EM LISBOA

Para Paquetes da Classe «A» e Passagens de 1.ª e 2.ª Classes
James Rawes & Co. Ltd.
Rua Bernardino Costa, 47 — Tel.: 23232 e 35331 (5 linhas)
Para Passagens de 3.ª Classe
E. Pinto Basto & Ca. Lda.
Av. 24 de Julho, 1-1.ª — Tel.: 31581 (7 linhas)



SERVÍÇO COMBINADO

O PAQUETE RÁPIDO **«ASCANIA»**

EM 18 DE JULHO PARA:

FUNCHAL, LA GUAIRA, CURAÇAO e KINGSTON

Reserva de lugares em 1.ª classe e turística, a preços muito económicos

AGENTES GERAIS

SOCIEDADE MARÍTIMA ARGONAUTA, LDA.

72-D, Avenida D. Carlos I — Telefones 665054 672319

EM BEJA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se por intermédio de **EDUARDO
& ALVARO, P. dos Duques.**

ROUBOU 35 CONTOS de dentro de uma lata

AVEIRO, 4. (Pelo telefone) — O sr. José Almeida Martins, casado, operário fabril, residente em Cacia, foi com sua família, em peregrinação a Fátima, deixando a sua casa aos cuidados de uma pessoa de sua família, de nome Elvira de Almeida. Dias depois de regressar, lembrou-se de ir verificar uma pequena lata que tinha sobre uma prateleira, dentro da qual havia guardado há tempos 35 contos. Qual não foi o seu espanto quando deparou com a lata vazia. Apresentou queixa no comando da P. S. P. desta cidade que, procedendo a averiguações descobriu agora que o furto havia sido praticado pela mulher, que confessou ter enterrado o dinheiro junto da soleira da sua casa, de onde foi agora retirado e entregue ao dono. O processo e a larápia foram entregues ao tribunal da comarca de Aveiro.

E' interessante que, no decorrer dos interrogatórios feitos á Elvira, se ficou sabendo que quem localizou o «tesouro» foi um pássaro, pois este, em dada altura, quando se encontravam abertas as portas e janelas da residência do sr. José de Almeida Martins, entrou ali e, esvoaçando, foi pousar sobre a lata, despertando a curiosidade da Elvira que, logo a abriu e verificou a existência dos 35 contos.

«DIÁRIO DE LISBOA»

De monsenhor Sezinando Oliveira Rosa, presidente da comissão central das Comemorações Religiosas Centenárias do Beato Nuno, recebemos uma carta, em que nos diz:

«Encerraram-se as Comemorações do VI Centenário do nascimento do Santo Condestável. Em grande parte, o brilho e o esplendor atingidos devem-se á preciosa e imprescindível colaboração da imprensa diária, designadamente a da capital. Reconhecida pelo facto a Comissão Central vem agradecer-lhe esse desinteressado serviço prestado á causa da Igreja e da Pátria, que em Nuno Alvares tem um dos maiores heróis.

Com licença de V. deseja-se que este agradecimento se estenda ao repórter que acompanhou as solenidades e as descreveu com cores tão vivas e realçantes».

**LISBOA — ESTRELA
— CENTRAL**

Comunica-nos a C. P. que, em 3 de Julho, o Despacho Central de Lisboa-Estrela, actualmente instalado na Rua Saraiva Carvalho, é transferido para a Rua Almeida e Sousa, n.º 14-A.

ROMARIAS A REALIZAR NO MÊS DE JULHO

Seixas — Romaria a São Bento, nos dias 10 e 11.

Os cartazes anunciadores destes serviços especiais podem ser consultados nas estações.

Vitauto

TEM O PRAZER DE APRESENTAR
AOS SEUS AMIGOS E CLIENTES,
OS ÚLTIMOS MODELOS DOS FAMOSOS AUTOMÓVEIS

ABARTH

DE QUE SÃO REPRESENTANTES
EM PORTUGAL

EXPOSIÇÃO

DAS 9 AS 24 HORAS A PARTIR
DO DIA 4 DO CORRENTE

Rua Luciano Cordeiro, 79-A e 79-C

TELEFS. 735524/5

Purgadores



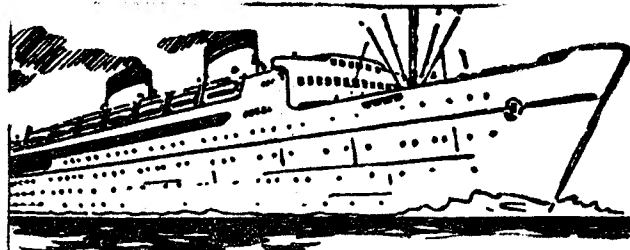
Armstrong

- Economia de combustível
- Economia de água
- Menor manutenção
- Aquecimento mais rápido
- Aumento de produção
- Protecção à maquinaria



Eng.º J. Nunes Correia

R. DO ALECRIM, 29 — TELF. 30901/4 — LISBOA
R. DA FIRMEZA, 482 — TELF. 28034 — PORTO



«ITALIA»
SOCIETÀ DI NAVIGAZIONE

PARA:

AMÉRICA DO SUL

GIULIO CESARE

11 de Julho

Rio de Janeiro
Santos
Montevideo
Buenos Aires

OS AGENTES:

Em Lisboa:
**AGÊNCIA MARÍTIMA
TRANSATLÁNTICA, LDA.**
Rua do Alecrim, 20-F, 1.ª
Telefone 27264

No Porto:
**KENDALL, PINTO GASTO
& C., LDA.**
Rua Nova da Alfandega, 12
Telefone 26146

BOM DIA

HA TRINTA ANOS

Acerca dos boatos que em 1912 circularam acerca das possessões ultramarinas portuguesas, publicava o «Diário de Lisboa», no dia 4 de Julho de 1931, trechos das memórias do barão de Beyens que foi ministro da Bélgica em Berlim e dizia: «A existência de um acordo de partilha foi-me negada pelo Ministério dos Estrangeiros da Alemanha, e tomada à conta de boato sem importância pelo meu colega português, o ministro português dos Negócios Estrangeiros que numa sessão da Câmara dos Deputados, após um desmentido categorico aos boatos que corriam sobre as possessões portuguesas. Não existiam — disse — tratado, convenção ou acordo que pudesse afectar, de longe ou de perto, a soberania portuguesa, e era falso que se tivessem entabulado negociações a esse respeito».

PROGRAMAS DA RADIO

EMISSORA — Programa A — 451 m. — 655 kc./s. — A's 17 Melodias italianas; 17 e 15: Orquestras ligeiras; 17 e 30: Canções hispano-americanas; 17 e 45: O pianista Salinas e seu conjunto; 18: Noticiário; 18 e 10: Música d. dança; 19: Opereta; 19 e 20: Conto radiofónico «O Raio de Luar», de Gustavo Adolfo Bregue; 19 e 50: O saxofonista Moacyr Silva e seu conjunto; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: As nossas canções; 20 e 40: «Fala Portuguesa», um programa de todos para

todos os portugueses; 21: Noticiário — Crónica de Angola e comentário; 21 e 30: Toada brasileira; 21 e 45: Teatro das Comédias; «Assembleia ou Partida», de Correia Garção; 22 e 20: Tempo de valsa; 22 e 30: O organista Jean Houben e conjunto; 22 e 40: Fados, por Maria da Conceição; 23: Musica de dança; 23 e 45: Noticiário — Crónica de Angola.

Programa B — 397 m. — 755 kc./s. — A's 19: Três séculos de ópera; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Musica sinfónica: «Musica para cordas, percussão e celeste», de Bela Bartok, pela Orquestra Sinfónica da Rias, de Berlim, sob a direcção de Ferenc Fricsay; 20 e 30: Obras, de Wilhelm Friedman Bach, pela Orquestra de Camara do Sarre, dirigida por Karl Ristenpart; «Primavera e Verão», de «As Quatro Estações», de Vivaldi, pela Orquestra Pró-Musica de Stuttgart, dirigida pelo maestro Rolf Reinhard, com Reinhold Barchet em violino e Helena Elener ao cravo; 21: Noticiário; 21 e 20: Separador; 21 e 30: Musica sinfónica: «Suite n.º 3, em re maior», de João Sebastião Bach, pela Orquestra do Concertgebouw de Amsterdã, dirigida por Eduard van Beinum; «Concerto n.º 3, em sol maior», para violino e orquestra, de Mozart, pelo violinista Christian Ferras e Orquestra de Stuttgart, dirigida por Karl Münchinger; 22 e 15: A poesia portuguesa entre duas guerras; 22 e 30: Musi-

ca sinfónica; «Mar Calmo e Viagem Feliz», abertura de Mendelssohn, pela Orquestra Filarmónica de Berlim, dirigida por Fritz Lehmann; «Concerto, op. 38», de Albert Roussel, pelo pianista Claude Helffer e Orquestra Cento-Soli, dirigida por Serge Baudo; «Le Péri», poema coreográfico, de Paul Dukas, pela Orquestra da Sociedade dos Concertos do Conservatório de Paris, sob a direcção de Ernest Ansermet; 23: Musica coral; Missa «Sine Nomine», de Guillaume Dufay, pelo conjunto vocal, dirigido por Philippe Gaillard, com Henri Arque, Stanislas Boutry e Fernand Marin (trombones); 23 e 45: Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — A's 17: Artista; 17 e 30: Solistas; 17 e 45: Noticiário; 18 e 30: Motivos portugueses; 18 e 59: Variedades; 19 e 45: Noticiário; 20 e 20: Solistas; 20 e 45: Canções; 21 e 30: Conjuntos; 21 e 15: Brasil; 21 e 30: Orquestras; 22 e 45: Curso de lingua inglesa; 22 e 15: Vamos para a estrada cantar; 22 e 30: Trechos recreativos; 23: Rua Larga, programa dos estudantes de Coimbra; 23 e 45: Noticiário; 1 e 45: Noticiário; 2 e 55: Noticiário; 3: Fecho.

Estação Miramar — A's 17 e 30: Solistas; 17 e 45: Noticiário; 18: Conjuntos vocais; 18 e 15: Baile, do D. Quixote; 18 e 30: Rhythms de baile; 19 e 15: Intermédio musical; 19 e 35: Canções; 20: Noticiário; 20 e 15: Melodias; 20 e 30: Curso de lingua inglesa; 20 e 40:

Do Minho ao Algarve; 21: Noticiário; 21 e 15: Solistas; 21 e 45: Uma orquestra; 22: Canções eternas; 22 e 15: Trechos recreativos; 22 e 45: Variedades; 23 e 15: Programa do Casino Estoril; 23 e 45: Noticiário; 1 e 30: Fecho.

RADIO RENASCENÇA — A's 18: Passatempo para o lar; 18 e 20: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 5: Migalhas doutrinais; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: Chuva de estrelas; 20: Gosto, conforto e musica; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21 e 30: Chuva de estrelas; 22 e 35: Musica sinfónica; 23: A 23.ª hora; 1 e 30: Noticiário; 2: Fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 17 às 22: Rádio Graça; 22 a 1: Rádio Peninsular; 1 às 2: Club Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje às 19 e 30, abertura; 19 e 32, telejornal; 19 e 45, 6.º episódio da série «O Capitão Meteor»; 20 e 15, divulgação desportiva: «Seja Desportista»; 20 e 35, transmissão dos estudos do Porto: «Musica para o seu jantar»; 21, «O móvel, testemunha do homem», programa de Maria Luísa Bivar; 21 e 15, «Vitrina» (actualidades); 21 e 30, telejornal; 22 e 5, ópera: «O Mestre de Capela», interlúdio jocoso de Domenico Cimarosa, com Alvaro Malta e Orquestra de Camara; direcção musical de Filipe de Sousa; realização de H. Peyroteo; 22 e 30, «7.ª Arte», programa produzido e apresentado por Fernando Garcia; 23 e 25, telejornal e ultimas noticias.

HORAS DAS MARÉS

PREIA-MAR
Dia 4 — 21 e 17 (3,75 m).
Dia 5 — 9 e 51 (3,46 m); 22 e 21 (3,62 m).
Dia 6 — 10 e 48 (3,39 m); 23 e 14 (3,52 m).

BAIXA-MAR
Dia 4 — 14 e 31 (1,33 m).
Dia 5 — 3 e 20 (1,29 m); 15 e 41 (1,49 m).
Dia 6 — 4 e 18 (1,41 m); 16 e 44 (1,54 m).

FESTAS ASSOCIATIVAS

Hoje, á noite, efectua-se um baile, na Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo, na Rua Silva Carvalho, 225.

CARTAZ DO DIA

TEATROS
MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «A tia d. Charley».
TRINDADE — A's 21 e 45 — «A grande jornada».
ESTADIO ALVALADE — «Holiday on Ice».

GINEMAS

S. LUIS — «Com jeito vai... comandante».
TIVOLI — «O carteirista».
S. JORGE — «Para além da cortina».
IMPERIO — «Amar do bairro».
EDEN — «O herói do bairro».
ODEON — «Tonny e a princesa».
POLITEAMA — «Os comandos atacam».
MONUMENTAL — «A ultima aventura».
ALVALADE — «Com jeito vai... comandante».
CONDES — «O rei do circo».
AVIS — «Horror de Dráculas».
ROMA — «Promessas de marinheiros».
OLIMPIA — «Cartago em chamas».
RESTELO — «Musica, mulheres e fantasia».
IDEAL — «Pesadelo».
ARCO-IRIS — «Perdoa o meu pecado».
JARDIM CINEMA — «No ultimo instante».
PROMOTORA — «O jogo da vida».
SALÃO LISBOA — «Um lugar ao sol».
ESPLANADA PORTUGALIA — «O homem que enganou a morte».
S. L. BENFICA — «Ser médico».

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO B
(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)
AJUDA — Lopes Ribeiro, R. do Cruzeiro, 117 (633288) * J. A. Silva, R. dos Quartéis, 25-27 (637777).
ALVALADE — Alvalade, Av. da Igreja, 18-B (712070) * Iriarte, Avenida Almirante Gago Coutinho, lote 90 (712803).
ARROIOS — Vera Cruz, Pr. Através Peixoto, 2-B (á Av. S. João de Deus) (724941) * Onilda, Av. João XXI, 13-A (726848) * Gasparinho, R. Dr. Gama Barros, 54 (710465).
ARROIOS — Oriental, R. Arroios

AVENIDAS NOVAS — Miranda, Campo Pequeno, 36-B-C (770776) * (47213) * Correia de Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (47385).
BAIRRO ALTO — Labor, R. Diário de Notícias, 81 (23428).

BAIRRO DA ENCARNACÃO — Zira, R. J. lote 48 (388172).
BAIRRO DAS COLONIAS — Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (841222).
BAIRRO DOS ACTIORES E ALAMEDA — Nobel, R. Actor Vale, 53 (842152).

BAIXA — Morão, R. da Assunção, 17-19 (21289) * Estácio, Pr. D. Pedro IV, 60-63 (27067).
BELEM — Remísio, R. dos Jerónimos, 14-C (631699).

BENFICA — Benfica, Est. de Benfica, 678-B (702532) * Sousa, Est. de Benfica, 429-431 (780027).
CAMPO DE OURIQUE — Portirio, R. Francisco Metras, 59 (663349).
IVONE, LD. — Rua Silva Carvalho, 232-C (650760).

CAMPO GRANDE — Neoterapia, Campo Grande, 138 (774682).
CAMPOLIDE — Central de Campolide, R. General Laborda, 17 (680304).

CARNIDE — Leal de Matos, R. Neves da Costa, 33-35 (780181).
CONDE DE REDONDO — Jaime José da Costa, R. Conde de Redondo, 68-72 (54342).

DE SANTA APOLONIA AO BEATO — Nova Luz, R. D. Domingos Jardim, 28-A (843439) * Martins, Lda, R. Ferno de Magalhães, 33 (849448).

ESTEFANIA — Universal, R. Actor Laborda, 5-7 (44158).

ESTRELA — Paiva & Parente, R. do Santo António, 4 Estrela, 96-98 (665196) * Martins, Calçada da Estrela, 167 (660823).

GRAÇA — Arnali, R. das Escolas Gerais, 88-A (863940) * Morão, Largo da Graça, 63 (860700).

INTENDENTE — Intendente, L. L. L. Pina Manique, 50 (47838).

LUMIAR — Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (790942).

MADRAGA E SANTOS — Fontoura de Carvalho, Rua de Santos-O-Velho, 12 (662075).

OLIVAS — Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (381612).

PALHAVA — Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (764629).

PEDROUCOS — Ocidental, R. D. Jerónimo Osório, J. P. M., 3 (610256).

PENHA DE FRANÇA — Europa, Av. General Roçadas, 27-A. B. (843880).

PICHELEIRA — Mariz — Calc. da Picheleira, 140-B-C (720703-728395).

RATO — Soares, Av. Alvares Cabral, 1 (684282).

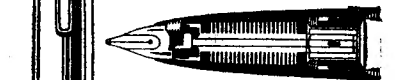
REGO — Prates & Mota, Rua da Beneficência, 91 (773728).

SANTO AMARO — Lisbonense, R. L. de Maio, 15 (637020).

S. PAULO — Central, R. de S. Paulo, 108 (20389).

Para a juventude moderna:

Sempre pronta para escrever — à prova de derrames, exterior elegante e interior perfeito — eis as vantagens da LAMY-ratio, a caneta moderna para estudantes e universitários.



Graças ao comprovado sistema LAMY-Tintomatic, com finíssimos canais e 21 câmaras circulares, as canetas LAMY escrevem com extrema leveza e nitidez, sem nunca falhar ou borrar, da primeira até à última gota de tinta.

Quatro visores mostram sempre o nível de tinta. Uma vez cheia, escreverá 3-4 cadernos escolares.

Esc. 85\$00 115\$00 120\$00

LAMY
ratio

com LAMY Tintomatic

Apar de aço nobre com pontas de ruténio garantidas por 5 anos

À venda nas casas especializadas. Peça um folheto L 13 grátis a Artur Westheimer, Rua dos Correios, 123-2ª D.º - LISBOA-2

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect	Compra	Venda	Ultramarinas	Efect	Compra	Venda
Cons 2 3/4 1 10	650\$00	—	655\$00	Colonial do Buzi	—	102\$00	105\$00
Cons 3 1/2 1 10	700\$00	—	—	ilha do Principe	—	—	800\$00
Cons 3 1/2 2 1 10	820\$00	—	825\$00	Incomati	—	—	—
Centenários 4 1/2 1940	2.000\$00	—	2.010\$00	Mocambique	49\$00	48\$00	50\$00
Obg. tes. 2 1/2 1942	—	1.005\$00	—	Zambezia	—	84\$00	—
Obg. tes. 2 1/2 1943	—	1.005\$00	—	Diamantes	440\$00	435\$00	450\$00
Obg. tes. 2 1/2 1944	—	1.005\$00	—	—	—	400\$00	420\$00
Externo 1.ª série	1.200\$00	—	1.230\$00	C. Diversas	—	—	—
Ext 1.ª série car.	1.210\$00	1.205\$00	—	Cimentos Tejo	—	—	—
Externo 2.ª série	—	—	—	Cimentos Leiria	—	560\$00	570\$00
Ext 2.ª série car.	—	—	—	Credito Predial	—	52\$00	53\$50
Externo 3.ª série	1.370\$00	1.360\$00	1.390\$00	Industria Alliança	—	310\$00	—
Ext 3.ª série car.	—	—	—	Portugal e Colónias	440\$00	435\$00	450\$00
Ext 4.ª série s/juro	—	—	—	Nacional Navegação	—	900\$00	950\$00
				Colonial Navegação s/d	—	710\$00	—
Obrigações				Port. Ceutense	—	—	—
Agua Lisboa 5 %	—	—	—	Portuguesa de Pesca...	—	1.330\$00	1.400\$00
Norte de Portugal 5 %	—	—	—	Port. de Tabacos	296\$50	296\$50	298\$00
Gas Elect. 3 3/4 %	917\$00	915\$00	—	Tabacos de Portugal...	—	—	—
Gas Elect. 4 %	—	—	—	Sacor	3.670\$00	3.660\$00	3.700\$00
Gas Elect. 4 1/2 %	—	—	—	Agua Electricidade e Gás	—	—	—
Gas Elect. 5 %	—	—	937\$00	Agua Lisboa 1934	—	313\$00	317\$00
U. E. P. 3 3/4 %	1.000\$00	995\$00	—	Agua Lisboa 1936	—	313\$00	317\$00
U. E. P. 4 % 1945	—	—	—	Elect. das Betras	—	1.600\$00	1.610\$00
U. E. P. 4 % 1946	—	82\$00	—	Gás e Elect.	296\$00	296\$00	297\$00
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	—	H. E. Alentejo	159\$00	158\$50	160\$00
U. E. P. 5 % 1951	—	—	93\$00	H. E. Alentejo	1.250\$00	1.250\$00	1.260\$00
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—	H. E. Cézere	1.205\$00	1.200\$00	1.210\$00
H. E. do Douro	—	—	—	Nac. de Electricidade	1.205\$00	1.200\$00	1.210\$00
H. E. da S. E. 31/2...	—	700\$00	745\$00	União Electricidade Port...	—	150\$00	—
U. E. P. 4 1/2	1.000\$00	1.000\$00	1.001\$00	H. E. do Douro	—	1.175\$00	1.190\$00
Metropolitano	935\$00	930\$00	940\$00	H. E. Portuguesa	—	—	—
				H. E. S. Estrela	—	—	—

Ações

Bancos	Compra	Venda
Alentejo	—	600\$00
Angelo	—	1.000\$00
Esprito Santo	—	2.300\$00
Lisboa & Açores	—	—
Porto	—	2.050\$00
Ultramarina	—	1.375\$00
Agricultura	—	61\$00
Seguros		
Mundial	—	330\$00
Sagres	—	335\$00
Tagus	—	—
Soberana	—	1.300\$00

C. Ultramarinas	Compra	Venda
Ag. Cas Nevel	615\$00	615\$00
Ag. das Neves	—	280\$00
Agric. Colonial	—	950\$00
Açúcar de Angola	—	925\$00
Boror	—	180\$00
Cabinda	—	190\$00
Madá	—	—

PINTO de MAGALHÃES, LDA.

BANQUEIROS
Capital e reserva: 75 000 contos
Depósitos a ordem e a prazo. Descontos de letras s/ o País e estrangeiro. Aberturas de créditos. Notas estrangeiras, moedas e metais preciosos. Títulos e cupões

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

LISBOA: R. do Ouro, 95/99 — T. P. C. 366056 (5 linhas)
Praça Paiva Couceiro, 12-E — Telef. 834724
PORTO: R. Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 — P. C. — Peniche — Fátima — Amarante — Arcos de Valdevez — Vila da Feira — Elvas

Países	COMPRA	VENDA
Africa do Sul	35\$00	39\$00
Alemanha	7\$30	7\$60
América:		
Dólares de 1 e 2	28\$90	29\$40
Dólares de 5 e 1000	29\$90	29\$50
Argentina	\$33	\$36
Austria	\$110	\$115
Bélgica	\$57	\$59
Brasil	\$11	\$12,5
Canadá	28\$00	28\$90
Congo Belga	\$—	\$30
Dinamarca	\$415	\$435
Espanha	\$49,5	\$51
França (N. Franco)	\$685	\$610
Holanda	\$800	\$840
Inglaterra	\$1\$00	\$3\$00
Itália	\$04,65	\$04,85
Marrocos	\$470	\$520
Noruega	\$400	\$420
Suécia	\$6\$00	\$6\$80
Suísca	\$6\$70	\$6\$95
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	290\$00	300\$00
Portugal — Barra	\$4\$10	\$5\$10
Portugal — Barra Fino	\$4\$30	\$5\$30

J. BURNAY, LDA. Notas estrangeiras: TELEF. 21273
Papéis de crédito 215 (45079).

A VOLTA À FRANÇA DO FUTURO

Sousa Cardoso em evidência está a 13 segundos do 1.º lugar

(Especial para o «Diário de Lisboa»)

GRENOBLE, 4 — Se na primeira etapa da Volta do Futuro os portugueses, de modo geral, haviam marcado a melhor posição, com um conjunto de resultados que muito os honrou, na segunda tirada foram os espanhóis que chamaram a si o melhor quinhão, muito embora não conseguissem nenhum dos seus elementos acção tão destacada como a do português Sousa Cardoso, que a rádio chegou a anunciar que ganhara a «camisola amarela».

Na verdade, o ciclista português teve uma prova completa, rolando bem, subindo bem e descendo bem, num conjunto de qualidades que o apontam como um dos favoritos da prova.

Já na véspera, Sousa Cardoso demonstrara ser elemento de grande regularidade, pois conseguiu o quarto posto da etapa praticamente sem que ninguém desse por ele. Limitara-se a colocar-se num bom lugar do pelotão, espreitando as fugas e procurando nunca se distanciar muito dos competidores.

Ontem, porém, Sousa Cardoso abriu o combate praticamente na linha da largada. Aos vinte quilómetros era ele que marcava a cadência, e daí em diante não mais deixou de estar presente em todas as ocasiões significativas da prova, tanto no terreno plano — embora ondulado — que precedeu o vale do Rodano, como na descida deste e, depois, nas subidas, nomeadamente na escalada do pico de Porte, em que demonstrou as suas reais qualidades, sendo dos poucos elementos que desdenhou levantar-se do selim para vencer o declive.

Parecia que a vitória na etapa

Bahamontes
ofereceu-se para correr na Volta a Portugal...

Na Federação Portuguesa de Ciclismo foi recebida uma pretensão que bem pode ser rotulada de sensacional. Trata-se, simplesmente, do oferecimento do discutidíssimo Federico Bahamontes que deseja ser um concorrente à Volta a Portugal, integrado, ao que parece, na equipa «Licor-43», a qual já está inscrita na referida competição.

Não foram apresentadas as inerentes condições financeiras. A Federação está a estudar a proposta do grande corredor espanhol, cuja presença na nossa Volta constituiria, sem dúvida, um motivo de grande interesse.

Alves Barbosa
já não vai ao Brasil

Alves Barbosa não se deslocará ao Brasil a fim de participar na corrida «9 de Julho» que se disputa em São Paulo, em virtude de ter sido atormentado, de repente, por um ataque de furúnculo, mal de que ultimamente vem padecendo. O corredor baiano, que está internado numa clínica de Coimbra, comunicou à Federação Portuguesa a impossibilidade de seguir viagem.

O organismo referido, devido à escassez de tempo, decidiu não enviar outro corredor. Contudo, na «9 de Julho» estará presente um português. Trata-se de Joaquim Azevedo, que pertenceu a Ovarense, e que fixou residência no Brasil, mas a sua participação tem carácter particular, embora os federativos lusitanos o autorizassem a alinhar.

UM ATIRADOR PORTUGUÊS
vencedor em Espanha

PAMPLONA, 4. — No Torneio Internacional de Tiro a Chumbo, o atirador português Adriano Sampão ganhou dois troféus, «Ambrósio Izo» e «Isa». (A. N. I.).

Um temporal prejudicou o excelente corredor lusitano que está a realizar uma boa prova

lhe estava ao alcance e, principalmente, que a subida ao primeiro lugar da classificação geral o esperava. Mas os últimos vinte quilómetros, entre o Porte e a meta, iriam atraiçoad-lo.

A primeira dificuldade — a grande dificuldade que o português teve então de vencer — foram os elementos atmosféricos. Uma grande tempestade de verão, com granizo e chuva torrencial, abateu-se sobre os corredores exactamente no Porte. Ora Sousa Cardoso deve ter-se arrechoado de correr em tais condições, que nos dizem não ser vulgares no seu País.

E a hesitação que o terá acometido contra a vantagem de descer desabaladamente uma encosta abrupta, perante o temporal desfeito, respondeu o inglês Alan Ramsbottom com um ataque fulminante, aproveitando o seu conhecimento das corridas sob a chuva.

O português ainda tentou reagir, em condições que para o seu caso devem ser devidamente apreciadas, mas já não pôde evitar que sobre a meta passasse em primeiro lugar o seu antagonista. Mesmo assim, baseando-se apenas nos tempos de chegada e na classificação do dia anterior, chegou a ser anunciado que o português conquistara a «camisola amarela». Mas o abono de um minuto concedido a Ramsbottom pela vitória na etapa deu-lhe o primeiro lugar da classificação geral, embora com a vantagem de 13 segundos, apenas, sobre o português.

A etapa de hoje, ainda nos Alpes Franceses, poderá decidir a questão. Tanto Ramsbottom como Sousa Cardoso estão privados de elementos de apoio que os possam garantir contra as escaramuças que qualquer deles possa intentar. E ambos estão sujeitos, por outro lado, a qualquer ataque que outras equipas mais homogêneas — devendo incluir-se neste número, principalmente, espanhóis e franceses — venham a vibrar, para afastar os dois guias das suas posições cimeiras. Em qualquer destes casos, porém, parece que o português conseguirá reagir bem — a não ser, que, como ontem, as condições atmosféricas se altem com outrem para lhe roubar a possibilidade de triunfo.

Os restantes portugueses
pioraram nas classificações

Com excepção de Sousa Cardoso, que subiu de lugar na classificação (4.º para 2.º) e diminuiu a diferença em relação ao «camisola amarela» (de 6 minutos e 24 segundos para 13 segundos) todos os elementos da equipa portuguesa pioraram, da primeira para a segunda etapa.

As baixas foram as seguintes: Peixoto Alves, de 13.º para 21.º (7 m. 55 s. para 14 m. 7 s.); Jorge Corvo, de 8.º para 32.º (6 m. 24 s. para 17 m. 17 s.); Carlos Carvalho, de 40.º para 58.º (12 m. 42 s. para 25 m. 45 s.); Henrique de Castro, de 57.º para 66.º (14 m. 1 s. para 29 m. 35 s.); Laurentino Mendes, de 63.º para 69.º (14 m. 35 s. para 31 m. 3 s.); Virgílio Nunes, de 68.º para 72.º (15 m. 46 s. para 31 m. 9 s.); e José Pacheco, de 34.º para 81.º (12 m. 42 s. para 36 m. 4 s.).

Assim, ao passo que ao fim da segunda etapa só um ciclista português estava a mais de um quarto de hora do guia, hoje só dois estão a menos desse mesmo quarto de hora. A posição da equipa, na tabela colectiva, só poderá ser beneficiada se vierem a dar-se desistências entre os elementos mais bem classificados de outros conjuntos — o que não é de crer.

Por esse motivo, a posição da equipa portuguesa ficou hoje seriamente abalada. E de crer que os seus elementos comecem, a partir de hoje, a procurar êxitos individuais, embora sem esperanças, já, de conseguir uma boa pontuação final.

Na outra Volta, a dos Profissionais, assistiu-se ontem, na verdade, a uma bela tirada. Charly Gaul aproveitou da melhor forma um «furo» de Anquetil, ocorrido ainda na fase inicial da prova,

e isolou-se, assim correndo toda a etapa, até ao fim. O «Anjo da Montanha» conseguiu manter até à meta o avanço que conseguira e que chegou para subir alguns furos na classificação geral. Pelo seu lado, Anquetil concentrou-se na perseguição do adversário, não lhe permitindo, em cerca de 170 quilómetros, mais de dois minutos de vantagem.

A etapa, por isto mesmo, fica na história do «Tour», pois dela deve depender, em grande parte a actuação futura dos dois principais adversários. De notar, ainda, as boas actuações do alemão Junker e do espanhol Manzanque, bem como do italiano Massignan.

Foi, na verdade, uma etapa dos homens que sabem trepar, com as suas quatro contagens para o Prémio da Montanha.

ROBERT SOULIÈRES

O peruano Seminário a jogar por empréstimo no Sporting foi requisitado pelo Barcelona

Confirma-se a notícia que ontem demos, no Suplemento Desportivo, sobre o regresso do jogador Seminário ao Barcelona. Como se sabe, a anterior direcção do Sporting conseguiu o concurso do discutido futebolista peruano, em regime de empréstimo, pelo prazo de três anos, mas pagando 500 contos, na seguinte proporção: 300 contos ao Barcelona e 200 ao jogador. Isto por época, exceptuando os ordenados e os prémios de jogos...

Segundo o contrato, então firmado, o Barcelona podia recuperar o jogador em qualquer altura. Foi o que sucedeu agora. Um emissário do clube catalão deslocou-se a Lisboa e, no passado dia 30, notificou a direcção do clube «leão» de que o clube estabelecido que o Barcelona reembolsaria o Sporting da importância de 150 contos, em função do que já estava pago.

Por outro lado, na previsão de que o interesse do Barcelona visa a transferir Seminário para um outro clube estrangeiro, os directores do Sporting asseguraram a posição do clube na hipotética transacção, mediante uma percentagem que os catalães concordaram em atribuir visto que em dois anos a presença de Seminário no clube de Alvalade custou mais de mil contos. A pretensão do Sporting foi considerada justa pelos dirigentes espanhóis.

Seminário deve partir amanhã para Barcelona, mas a sua família permanecerá em Lisboa.

O Vasco da Gama (Rio) efectua amanhã no Porto o seu único jogo em Portugal

Seguiu hoje para o Porto a equipa de futebol do Clube de Regatas Vasco da Gama, para amanhã, no Estádio das Antas, defrontar o «team» do F. C. Porto.

O jogo, que principia às 18,30 horas está a despertar grande interesse nos meios desportivos norte-nos, em virtude do clube carioca na digressão que empreendeu através da Europa ter efectuado treze jogos sem perder. O pior resultado foi um empate, por sinal, em frente de um combinado sueco que era, praticamente, a selecção.

A actual forma dos «portistas», revelada no encontro com o Sporting, anima a confiança num desfecho honroso para o futebol português.

O «Vasco», segundo declarou ao «Diário de Lisboa» o chefe da delegação, sr. João Silva, não participará em Portugal, em qualquer outro encontro. O do Porto será o último em consequência de vários jogadores estarem lesionados, nomeadamente Bellini e Saul, duas «pedras» básicas no categorizado conjunto carioca.

Assim, fica sem efeito a organização que a Cruz Vermelha Portuguesa tencionava promover com



As individualidades que assistiram à inauguração dos «courts» do Internacional

O Internacional inaugurou quatro «courts» de ténis

O Clube Internacional de Futebol, um exemplo vivo de tenacidade dos seus dirigentes e de vontade de servir a causa do desporto, inaugurou ontem ao fim da tarde, nas suas instalações, ao fundo do Campo Grande, mais quatro «courts» de ténis, a juntar aos quatro que já existiam.

O antigo clube das Laranjeiras valorizou, assim, grandemente as suas instalações desportivas, ao mesmo tempo que prestou inestimável serviço ao ténis que em mais

de meio século mereceu sempre as maiores atenções ao clube.

Para comemorar o acontecimento, os dirigentes do C. I. F. convidaram o sr. subsecretário da Educação Nacional, o sr. presidente da Câmara Municipal de Lisboa e o sr. director-geral dos Desportos, além de dirigentes da modalidade, entre os quais se encontravam o sr. presidente da Federação Portuguesa de «Lawn-Tennis». Os convidados foram recebidos pelos dirigentes do C. I. F., com o presidente do clube, à frente, visitando atentamente as instalações de ténis do Internacional, as quais podemos considerar as melhores de Lisboa, no momento que passa.

Entre uma equipa do Internacional e outra do Sporting disputou-se animado encontro que findou com a vitória dos «leões», por 4-1. Ainda que assim não fosse, o Sporting não deixaria de receber a taça instituída com o seu nome, pois o C. I. F. pretendia testemunhar ao clube «leão» o seu reconhecimento pela cedência (por troca) de uma parcela de terreno que permitiu a construção dos quatro novos «courts».

O sr. subsecretário da Educação Nacional entregou ao sr. Queiroga Tavares, capitão da equipa do Sporting, o troféu em disputa, não sem que tivesse referido com muita simpatia a camaradagem existente entre os dois clubes. O representante do Sporting, por sua vez, entregou ao C. I. F. uma placa comemorativa da sua visita.

O 55.º ANIVERSÁRIO DO SPORTING

é comemorado hoje
com uma sessão solene

Para fecho das comemorações do seu 55.º aniversário, o Sporting Clube de Portugal leva a efeito hoje, às 21 e 30 horas, uma sessão solene durante a qual serão distribuídos emblemas especiais aos sócios que completaram 50 e 25 anos de efectividade no clube e entregues medalhas aos atletas campeões de 1959 e 1960. Serão descerrados os retratos dos três últimos presidentes da direcção da colectividade.

HOJE, À NOITE

HOQUEI EM PATINS — «Regional» da 1.ª Divisão. Jogos nos recintos dos clubes indicados em primeiro lugar: F. Fenfeca-Vilafrancesca, Hoquei de Sintra-C. U. F. do Barreiro, Lissag-Cascais, Mundet-Paço de Arcos, Oeiras-Campo de Ourique e Sporting-Benfica.

«Regional» da 2.ª Divisão: Azeitonense-Belenenses, Parede-Estremoz, Queluz-Séclil e Sporting de Torres-J. Saleciana.

Falta de carteiros em Odivelas

Esta vila — quase uma cidade, pois possui mais de 15 000 habitantes — debate-se com o grave problema da falta de funcionários dos C. T. T. distribuidores de correspondência. Com efeito, é normalíssimo a distribuição da correspondência ser feita somente por volta das 17 horas, o que causa os maiores transtornos à população.